

ÍRIA MARJORI SCHUBALSKI REISDORFER

**A CARACTERIZAÇÃO DAS PARAFASIAS
NA PERSPECTIVA DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA**

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

2007

ÍRIA MARJORI SCHUBALSKI REISDORFER

**A CARACTERIZAÇÃO DAS PARAFASIAS
NA PERSPECTIVA DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosana do Carmo Novaes Pinto (IEL/UNICAMP)

CAMPINAS

2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

R277c Reisdorfer, Íria Marjori Schubalski.
A caracterização das parafasias na perspectiva da Neurolingüística Discursiva / Íria Marjori Schubalski Reisdorfer. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Rosana do Carmo Novaes Pinto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Parafasia. 2. Afasia. 3. Neurolingüística. 4. Teste de nomeação. 5. Neurolingüística discursiva. I. Novaes-Pinto, Rosana do Carmo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The characterization of paraphasias in the perspective Discursive Neurolinguistics.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Paraphasias; Aphasia; Neurolinguistics; Naming Test; Discursive Neurolinguistics.

Área de concentração: Lingüística.

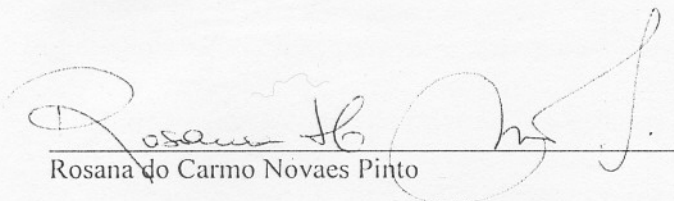
Titulação: Mestre em Lingüística.

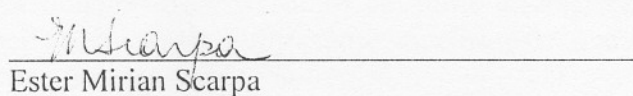
Banca examinadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto (orientadora), Profa. Dra. Ester Miriam Scarpa, Profa. Dra. Ivone Panhoca, Profa. Dra. Maria Bernadete M. Abaurre (suplente), Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro (suplente)

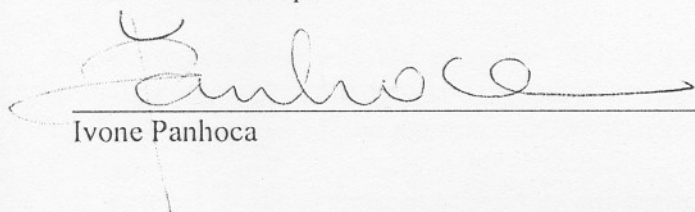
Data da defesa: 19/12/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA


Rosana do Carmo Novaes Pinto

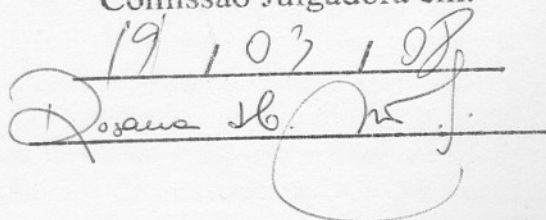

Ester Mirian Scarpa


Ivone Panhoca

Maria Bernadete Marques Abaurre

Maria Inês Bacellar Monteiro

Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:

19 / 10 / 2007


Ao Ilustre,
minha inspiração maior
IEL/UNICAMP

*Ao Itamar,
minha inspiração maior.*

Agradecimentos

Aos meus amigos e a todos aqueles a quem conheci e com os quais convivi neste período de intensa vivência acadêmica, o meu agradecimento, pelas conversas e discussões em torno dos meus questionamentos. Pelo carinho e apoio neste período de imensurável importância não apenas para mim, mas para todos aqueles que estão ao meu lado.

Ao IEL pela oportunidade de imersão nos estudos científicos em torno da linguagem.

Aos professores do IEL, que me mostraram o conhecimento e a sabedoria, e que com seus questionamentos e trabalhos em torno da linguagem, da ciência e da pesquisa serviram e ainda servirão de inspiração e espelho para que eu continue nos caminhos da ciência ao longo dos anos que virão.

Às professoras Éster e Ivone, membros da banca de qualificação e também de defesa, pelos apontamentos imensamente valiosos que contribuíram para o desenvolvimento na reta final e pelo exemplo que são no exercício da docência e da pesquisa.

Aos colegas Malú, Tamires, Miguel e, em especial, ao Emerson e ao Cláudio, por todo apoio e incentivo recebido desde o primeiro dia em que conheci o IEL.

Aos sujeitos afásicos do Grupo I do CCA: SP, MG, MN, NS, SI, JM, MR e MS, pela amizade, pelo imenso carinho e grande exemplo de vida.

Ao grupo de pesquisa, pelos apontamentos, sugestões, críticas e diversas reflexões em torno do “fazer pesquisa”, “fazer ciência”.

Aos meus amigos Ana, Caio, Carlos, Daniel, Daniela, Eliana, Fernanda, Gabriele, Geralda, Heloísa e Janaína, amigos que estiverem ao meu lado, incansavelmente, e me ampararam em todos os momentos em que precisei. A vocês, amigos tão especiais, minha gratidão, carinho e amizade.

A Agnaldo, Alberto, Armando, Cláudia, Cláudio, Cleusa, François, Maria Izabel, Silvino, Yolanda, e a tantos outros amigos queridos que deixei de apontar aqui, mas que serão recordados com especial carinho, e em especial a Claudete, Helena, Telma e ao Shizuo, pelo indescritível carinho, amparo, apoio e respeito, por estarem sempre ao meu lado, como por acreditarem em mim, por me ensinarem valiosas lições de vida, não apenas com suas opiniões ou conselhos, mas também por serem exemplos de humanidade. A todos vocês que conheci neste período e que estiveram em todos os momentos ao meu lado, como se fossem minha segunda família, minha gratidão e afeto.

Ao Antonio Carlos, Natália e Marília, pelo carinho, pela recepção em sua casa e por dividirem não apenas o espaço em que vivem, mas por dividirem alguém tão especial em suas vidas, sua esposa e mãe, minha orientadora, em um período em que era o único que ela mais poderia lhes dar atenção, em suas férias.

Em especial,

à minha família, pelo apoio, compreensão, respeito e por acreditarem em mim. A vocês, pai, mãe e meu querido irmão, minha gratidão.

a Edwiges Morato, pelo apoio acadêmico, científico e pessoal desde meu primeiro dia no IEL, pela extensiva dedicação e entusiasmo constante pela ciência da linguagem e pela pesquisa científica; pelos diversos e diferentes questionamentos, críticas e reflexões apontadas nos momentos mais distintos, se não inesperados. Por me mostrar o que é fazer ciência e pesquisa. Pelo seu exemplo de vida acadêmica, intelectualidade, luta e dedicação constantes à academia e à ciência, características que levarei sempre comigo e nas quais tentarei me espelhar. A você Dudu, minha imensa admiração e carinho.

a Rosana Novaes Pinto, minha orientadora, por sua paciência, compreensão e imenso carinho. Pelos dias exaustivos em torno da minha tese e dos meus questionamentos. Pelo seu exemplo de grandiosidade humana, pela atenção, respeito e dedicação por todos aqueles que estão a sua volta, em especial, por seus alunos. Pelo grande entusiasmo, humildade e perfeccionismo, que fazem com que tudo o que esteja sob sua responsabilidade se transforme em algo extensamente belo, doce e possível. Minha gratidão pelo imenso carinho, confiança, apoio e pelos diversos apontamentos teóricos e reflexões em torno deste trabalho. E acima de tudo, por acreditar em mim.

Meu singelo e profundo agradecimento, respeito e admiração...

“As idéias só são importantes de acordo com o que podemos fazer com elas”
(Bronfenbrenner, Urie)

RESUMO

Palavras-Chave: *Parafasias; Afasia; Neurolingüística; Teste de Nomeação; Neurolingüística Discursiva*

Este trabalho questiona a caracterização tradicional das parafasias como um *sintoma* das afasias fluentes e não-fluentes, algo por si só desviante e patológico, como o resultado de uma perda da competência lingüística dos sujeitos afásicos. Ao contrário, a pesquisa reapresenta o fenômeno numa perspectiva da Neurolingüística Discursiva (ND), como resultante do trabalho dos sujeitos afásicos sobre os recursos da língua, mesmo que (re)construídos nas situações dialógicas e com a ajuda de seus *parceiros da comunicação verbal*, utilizando-se aqui de um termo bakhtiniano, que bem descreve a concepção teórica adotada neste trabalho. O fenômeno das *parafasias* diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra, ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre os sons - ou palavras - pretendidos e aqueles efetivamente realizados. As parafasias são vistas, geralmente, como um resultado negativo da sua produção em relação à palavra-alvo. Sendo as análises restritas aos aspectos formais da *língua*, avaliam-se nos testes as unidades isoladas, de forma descontextualizada, o que leva a uma falsa avaliação da *competência* lingüística dos afásicos, supostamente perdida em decorrência da lesão cerebral. A caracterização e a classificação das parafasias – em fonológicas, lexicais, semânticas, deformantes ou neologizantes - parecem óbvias na literatura neuropsicológica e neurolingüística tradicional, mas de fato não são tão simples. Este trabalho objetiva contrastar a emergência de parafasias na linguagem de quatro sujeitos, com afasias fluentes (em geral decorrentes de lesões posteriores, nas chamadas afasias *sensoriais* ou *de compreensão*) e não-fluentes (em geral decorrentes de lesões anteriores, nas chamadas afasias *motoras* ou *de produção*) em situações controladas - como na aplicação do Teste de Nomeação da Bateria de Boston - com a emergência de parafasias em situações dialógicas e busca-se demonstrar que, até mesmo em situações de tarefas metalingüísticas, o estudo das parafasias pode indicar os processos subjacentes à produção da significação.

ABSTRACT

Key-Words: *Paraphasias; Aphasia; Neurolinguistics; Naming Test; Discursive; Neurolinguistics*

This work questions the traditional characterization of the paraphasias as a *symptom* of fluent and non-fluent aphasias, something which is deviant from normal and pathological itself, as the result of a loss of linguistic competence in aphasic subjects. In contrast, this research presents the phenomenon in the perspective of the Discursive Neurolinguistics, as resultant of the work the aphasics operate on the language material (phonological, lexical, syntactic, semantic), even if they reconstruct their language in dialogical situations, with the help of their *partners of verbal communication*, employing here a bakhtinian term, which well describes the theoretical framework adopted in this research. The phenomenon of the parafasias is related to the substitution of a *target word* by another one - or the exchange of a sound by another one, which may vary according to the degree of similarity between the sounds - or words – the intended ones and those effectively produced. The parafasias are seen, generally, as a negative result of an aphasic production considering the target-word. The traditional analyses are usually restricted to the formal aspects of the language. The tests are based on isolated units, in a non-contextualized way, leading to a false evaluation of the linguistic competence of the aphasic subjects, which is supposedly lost as a result of a brain injury. The characterization and the classification of the paraphasias - in phonological, lexical, semantic, distortions or neologisms – seems obvious in traditional neuropsychology and neurolinguistics literature, but in fact they are not so simple. This work contrasts the emergency of parafasias in the language of four subjects, with fluent aphasias (generally in consequence of posterior brain injuries, in the so-called sensorial or *comprehension aphasias*) and non-fluent (in general in consequence of anterior injuries called *motor* or *production aphasias*) in controlled situations - as in the application of the Boston Naming Test (Boston Assessment Test) - with the emergency of paraphasias in dialogical contexts. The research aims to show that even in the context of metalinguistic tasks, the study of the paraphasias can indicate the underlying processes to the production of the signification.

SUMÁRIO

Introdução	01
------------------	----

CAPÍTULO 1

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE *PARAFASIA*: REVISITANDO A LITERATURA SOBRE O TEMA

1.1. Introdução.....	07
1.2. O conceito de <i>afasia</i> na história da afasiologia.....	08
1.3. O fenômeno das <i>parafasias</i>	13
1.3.1. Freud: um capítulo à parte nos estudos das <i>parafasias</i>	18
1.3.2. Jakobson e a contribuição da Lingüística nos estudos das Parafasias.....	20
1.3.3. Questões relativas à produção das parafasias na Neuropsicologia e Neurolingüística.....	23
1.4. Semiologia das Parafasias.....	25

CAPÍTULO 2

A BUSCA PELA SIGNIFICAÇÃO

2.1. Introdução.....	29
2.2. Os estudos sobre a referência.....	30
2.3. A busca da referência e os estudos em Lingüística Textual.....	32
2.4. Os estudos sobre as atividades referenciais na Gramática Funcionalista.....	39
2.5. A questão da significação na Neurolingüística Discursiva.....	42

CAPÍTULO 3

SOBRE A METOLOGIA

3.1. Introdução.....	45
3.2. Caracterização do CCA.....	46
3.3. Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	48
3.3.1. O sujeito MG.....	49
3.3.2. O sujeito MS.....	49
3.3.3. O sujeito JM.....	50
3.3.4. O sujeito SI.....	51
3.4. Aspectos metodológicos do desenvolvimento da pesquisa.....	52
3.4.1. A seleção dos sujeitos.....	52
3.4.2. Utilização do teste de Nomeação da Bateria de Boston.....	53
3.4.3. Dados obtidos em situações dialógicas.....	56
3.5. Questões metodológicas relativas às análises.....	57

CAPÍTULO 4

EMERGÊNCIA DE PARAFASIAS EM SITUAÇÕES DE AVALIAÇÃO METALINGÜÍSTICA E EM EPISÓDIOS DIALÓGICOS

4.1. Introdução.....	63
4.2. Seleção de dados de parafasias fonológicas em situações de teste e episódios dialógicos.....	64
4.2.1. Parafasias fonológicas no TNB.....	64
4.2.2. Parafasias fonológicas em episódios dialógicos.....	69
4.3. Seleção de dados de parafasias neologizantes em situações de teste e episódios dialógicos.....	72
4.3.1. Parafasias neologizantes no TNB.....	72
4.3.2. Parafasias neologizantes em episódios dialógicos.....	76

4.4. Seleção de dados de parafasias lexicais e semânticas em situações de teste e episódios dialógicos.....	78
4.4.1. Parafasias parafasias lexicais e semânticas no TNB.....	78
4.4.2. Parafasias parafasias lexicais e semânticas em episódios dialógicos.....	87
4.5. Considerações sobre a produção de parafasias em sujeitos não afásicos.....	91
4.6. Considerações sobre a produção de paragrafias.....	92
4.7. Considerações finais relativas à análise.....	93
Considerações finais	95
Referências Bibliográficas	99
Anexos.....	107
Anexo I – Símbolos para a Transcrição de Dados - Sistema de Notação/Centro de Convivência de Afásicos.....	109
Anexo II – Aplicação do Teste de Vocabulário de Boston a JM e a SI.....	111
Anexo III – Aplicação do Teste de Vocabulário de Boston a MG e MS.....	131
Anexo IV – Parafasias encontradas em Episódios Dialógicos.....	155
Anexo V - Dados relevantes encontrados em Episódios Dialógicos.....	171
Anexo VI - Figuras do Teste de Vocabulário de Boston.....	195

A CARACTERIZAÇÃO DAS PARAFASIAS NA PERSPECTIVA DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA

INTRODUÇÃO

Na área de Neurolingüística, vários são os estudos que se interessam pelo que há de residual, íntegro, alternativo ou compensatório na linguagem de pessoas afásicas. Lebrun (1983), ao definir a afasia como perda da metalinguagem, procura deslocar a tendência de explicar as alterações da linguagem como um problema da ordem do cognitivo, uma alteração de linguagem interna ou de representação mental, conforme nos explica França (1987). No campo de estudos neurolingüísticos, a questão dos processos de significação, dentre eles as atividades referenciais, têm sido motivo de pesquisas a partir dos dados das patologias, como as afasias.

Tradicionalmente, persiste a idéia de que quando um sujeito se torna afásico, a capacidade lingüística de que o falante seria “naturalmente” dotado seria suprimida. Perde-se não apenas a capacidade metalingüística, que permite falar sobre a própria linguagem, mas também seu caráter referencial, ou seja, a capacidade que a linguagem tem de representar ou autorizar as representações lógico-perceptivas do mundo. Concepções contrárias a essa tendência, que abrem o diálogo entre a língua e a exterioridade no campo neurolingüístico nos dão indícios de que, diferentemente do que tem postulado a literatura tradicional a respeito das patologias lingüístico-cognitivas, os processos meta (lingüísticos, pragmáticos, discursivos), não se encontram perdidos. Estariam, utilizando-se aqui uma sugestão de Canguilhem (1943/1995) *alterados*, como veremos no capítulo referente aos dados que emergem em situações de teste e em episódios dialógicos, considerando-se que os sujeitos estão imersos na linguagem, construindo o tempo todo a significação, que é produto das interações sociais no interior da cultura e da história.

As pesquisas desenvolvidas na área de Neurolingüística, no IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, atualmente referida como Neurolingüística Discursiva, têm se dedicado a discutir criticamente as questões semiológicas que subjazem às classificações das chamadas *categorias clínicas*, ou *síndromes afasiológicas* como, por

exemplo, o *agramatismo*, a *jargonafasia*, a *síndrome frontal*, as *afasias semânticas*, dentre outras, ou dos *sintomas* que caracterizam essas síndromes, dentre os quais podemos citar a *fala telegráfica*, o *automatismo*, a *estereotipia*, a *perseveração*, a *digressão*, entre outros e as *parafasias*, objeto de análise desta pesquisa. Vale ressaltar que os dados obtidos nas sessões do CCA têm servido para as reflexões dos pesquisadores que se interessam pela linguagem em funcionamento como fértil campo para o desenvolvimento de questões teóricas e metodológicas.

Assim como é uma preocupação da área o desenvolvimento de análises críticas sobre as questões relacionadas à semiologia das afasias, questões que dizem respeito à metodologia têm sido apontadas, dado o caráter quantitativo e estatístico que predomina nos estudos tradicionais. Na Neurolingüística Discursiva, tem-se insistentemente problematizado o fato de serem os dados obtidos exclusivamente em situação de aplicação de testes, abordando unidades isoladas, de forma descontextualizada, dando ao final uma falsa avaliação da *competência* lingüística dos falantes. Ao contrário de se compreender as alterações como resultantes de uma capacidade preservada e de processos alternativos desenvolvidos pelos sujeitos, os dados são tomados como uma “janela para o próprio déficit” ou a “essência da própria doença”, como critica Foucault (1963/1998) com relação aos procedimentos da clínica, que toma qualquer alteração como *sintoma* e a relaciona inevitavelmente ao patológico.

Esta pesquisa sobre as parafasias se justifica exatamente pela necessidade de uma melhor caracterização deste item semiológico que se apresenta como sintoma de diversas formas de afasias. Propõe olhar para o fenômeno do ponto de vista do processo de sua produção, dar visibilidade ao trabalho realizado pelos sujeitos desta pesquisa – MS, MG, JM e SI – nas atividades referenciais em processos dialógicos e também em atividade metalingüística, na aplicação do Teste de Nomeação de Boston (TNB).

Outro objetivo que tivemos ao aplicar o TNB foi o de avaliar até que ponto as abordagens metalingüísticas da linguagem nas afasias, que caracterizam os estudos tradicionais, propiciam o aparecimento de mais parafasias ou de formas neologizantes em um mesmo sujeito e ainda favorecem a chamada *anomia*. Os testes de nomeação restringem-se a um único tipo de significação, ao qual Lyons (1981) chama de *significado*

descritivo, ou seja, o sujeito faz referência a um objeto do mundo. Nas atividades dialógicas, por outro lado, em que há um funcionamento real da linguagem, o significado descritivo passa a ser apenas um dos processos de significação possível e não é o mais relevante nas atividades lingüísticas de sujeitos afásicos e não-afásicos. Há, portanto, a necessidade de superar as fronteiras de uma abordagem centrada nas questões sobre *referência*, o que deverá contribuir para o conjunto de trabalhos realizados na área, que rompem com uma tradição patologizante da linguagem dos sujeitos afásicos.

Assim sendo, a presente pesquisa privilegiou os dados obtidos em situações dialógicas, nos encontros realizados no CCA – Centro de Convivência de Afásicos, em sujeitos com diferentes tipos de afasias, fluentes e não fluentes, que foram descritos e analisados qualitativamente, tendo como respaldo teórico, como já apontado acima, as teorias enunciativo-discursivas de linguagem.

Esta dissertação está organizada em 4 capítulos. A seguir sintetizo os principais pontos que serão objetos de reflexão em cada um deles:

O capítulo 1 - O desenvolvimento do conceito de parafasia: revisitando a literatura sobre o tema - apresenta uma síntese dos estudos mais significativos que nortearam os estudos das parafasias. Iniciamos o capítulo com questionamentos em torno das descrições mais tradicionais, para depois contrastá-las à abordagem da Neurolingüística Discursiva. As reflexões deste capítulo respaldam-se nos textos da área de Neurolingüística, sobretudo os de Lebrun, Coudry, Morato, Novaes-Pinto, dentre outros, recuperando questões que dizem respeito ao percurso dos estudos das parafasias e, de forma especial, baseia-se na tese de doutorado de Rapp (2003), que além de revisitar criticamente os principais autores e obras que estudam a afasia, nos possibilita o acesso a uma literatura em alemão ainda não traduzida, raramente encontrada nos manuais de neuropsicologia e neurolingüística. Procura-se, ao longo do capítulo, agrupar as diferentes concepções em torno das visões localizacionistas e não-localizacionistas e holísticas da relação cérebro-linguagem. Buscamos ainda sintetizar questões da literatura que dizem respeito a uma semiologia das parafasias que, como veremos, varia muito pouco entre os autores.

O **capítulo 2 - A busca pela significação** - visa discutir questões relativas à busca natural e inevitável pela significação existente entre os *parceiros da comunicação verbal*, como ressaltava Bakhtin (1929/1997), dentre outros autores expressivos das teorias enunciativas. São apresentadas as principais questões sobre a atividade referencial, contrastando uma concepção representacional de linguagem a uma concepção de linguagem como atividade. As questões são abordadas segundo duas diferentes abordagens teóricas – a da Lingüística Textual e a da Gramática Funcionalista, que nos ajudam a refletir sobre as capacidades dos sujeitos para construir e reconstruir, ativar e reativar e ainda desativar referentes, para que melhor possamos compreender suas estratégias nas atividades de teste e também nos episódios dialógicos.

O **capítulo 3 – Aspectos metodológicos da pesquisa** – inicia apontando para as questões que dizem respeito ao espaço institucional onde a pesquisa se dá – o CCA – Centro de Convivência de Afásicos, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP. Posteriormente, apresentamos os sujeitos desta pesquisa – **MS, MG, JM e SI**, aos quais foi aplicado, em 2006 e 2007, o Teste de Nomeação de Boston e que freqüentam as sessões do Grupo I do CCA, das quais foram extraídos os dados de episódios dialógicos dos anos de 2003 e 2004. Para finalizar, justificamos a escolha do TNB para esta pesquisa e também esclarecemos como foi feita a seleção dos episódios dialógicos.

O **capítulo 4 – Emergência de parafasias em situações de avaliação metalingüística e em episódios dialógicos** - apresenta os dados selecionados – tanto da aplicação do TNB – quanto os obtidos em situações dialógicas. Os dados são analisados tendo como parâmetros os princípios teóricos e metodológicos da Neurolingüística Discursiva. Esclarecemos que como o número de dados é muito grande, optamos por organizar alguns anexos que podem ser consultados, à medida que as análises são apresentadas. Os anexos II e III contém as transcrições da aplicação do TNB aos sujeitos JM e SI e aos sujeitos MG e MS, respectivamente. Os anexos IV e V contém transcrições de outros dados em situações dialógicas, que poderão servir a pesquisas futuras sobre o tema.

Nas **Considerações Finais** - procuramos tecer algumas considerações a partir dos dados e análises, bem como da concepção teórica apresentada nos capítulos anteriores,

além de indicar questões que certamente deverão ser objeto de outras pesquisas sobre o tema na área dos estudos neurolingüísticos.

CAPÍTULO 1

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE *PARAFASIA*: REVISITANDO A LITERATURA SOBRE O TEMA

Tudo já foi pensado antes. A dificuldade é pensar nisso novamente. (Goethe)

1.1. Introdução

A epígrafe acima foi escolhida, evidentemente, pelo desafio de novamente tratar de um tema já tão discutido na literatura e que, ao mesmo tempo, demanda reflexões à luz de teorias mais atuais e mais compatíveis com a concepção de linguagem desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, como é o caso da Neurolingüística Discursiva (doravante ND), iniciada com os estudos de Coudry na década de 80.

A discussão sobre o fenômeno das parafasias esteve presente nos estudos sobre a afasia desde a antiguidade, entre os localizacionistas, os neuropsicólogos clássicos e posteriormente presente como um item semiológico importante na neuropsicologia contemporânea e ainda nas visões funcionalistas e holísticas. O conceito, tal qual se apresenta hoje, é de certa forma uma síntese de todas essas correntes e visões.

O título do capítulo, por outro lado, destaca o termo “revisitando”, porque respalda-se fortemente no trabalho de Rapp (2003), tese de doutorado em que a autora descreve criticamente o percurso histórico não só dos estudos das parafasias, mas também das afasias e, sobretudo, por nos possibilitar o acesso a uma literatura em alemão, ainda não traduzida e raramente encontrada nos manuais de neuropsicologia e neurolingüística como, por exemplo, os estudos de Kussmaul sobre as parafasias.

A fim de orientar a leitura deste trabalho e para que se possa melhor visualizar as diferentes concepções sobre o fenômeno, optamos por sublinhar as definições de

parafasias que são dadas pelos diferentes autores e por destacar em **negrito**, exemplos da literatura consultada e de meu próprio *corpus*.

1.2. O conceito de *afasia* na história da afasiologia

Para compreendermos melhor as definições e o estabelecimento das parafasias como um item semiológico importante na literatura sobre as afasias, somos obrigados a nos remeter de forma mais geral ao próprio conceito de *afasia*.

Poderíamos dizer que a história da afasiologia teve seu início por volta de 3000 anos a.C., se tomarmos como base registros de descrições de casos feitos pelos egípcios, em que alterações de linguagem foram observadas¹. A compreensão das afasias como um distúrbio de linguagem decorrente de lesão cerebral é, portanto, objeto de estudo tão antigo quanto os questionamentos que envolvem a linguagem. Segundo Rapp (2003), as primeiras relações entre sintomas e lesões na afasia foram estabelecidas pelo médico egípcio Imhotep², quando uma visão cardiocêntrica prevalecia. Nessa visão, o coração seria a sede da alma, do bem e do mal. Os sintomas eram relacionados a problemas nesse órgão.

Na Mesopotâmia e no Egito, por volta de 1000 a.C., prevaleceu a teoria dos fluidos. As doenças eram vistas como consequência do desequilíbrio dos fluidos do corpo. Em 500 a.C, período greco-romano, o cérebro era tido pelo filósofo grego Alkmaion de Kroton como o órgão da percepção e do pensamento, iniciando assim o estabelecimento das relações entre o cérebro e suas funções. Um século depois, Platão postulou que a alma se localizaria anatomicamente em 3 partes: na cabeça (a razão e o espírito), no coração (qualidades superiores) e no baixo-ventre ou fígado (qualidades inferiores). A linguagem estaria localizada no cérebro, por estar relacionada à razão. Percebem-se, nos escritos de Platão, os primeiros indícios do chamado *localizacionismo* das faculdades mentais,

¹ Segundo Rapp (2003), o primeiro documento encontrado, no qual constam registros afasiológicos, teria sido o Papiro de Edwin-Smith. O termo *afasia* teria sido usado primeiramente num texto filosófico, por Sextus Empiricus, 200 anos a.C, referindo-se a *uma expressão de um estado de espírito em que não se expressaria nem concordância nem rejeição*.

² Trata-se de um documento escrito por volta de 1700 a.C, mas que contém referências a textos escritos até 3000 a.C, que reportam dentre outros, 27 casos de traumatismos crânio-encefálicos. Fonte: <http://www.ateismo.net/diario/2006/10/encefalizacao-o-ser-do-homem.php>

desenvolvidas mais tarde, no século XIX, a partir dos trabalhos de Cuvier, Gall, Broca e Wernicke³, dentre outros que marcaram os estudos das relações entre cérebro e linguagem.

Aristóteles, embora discípulo de Platão, combateu a idéia de *localizar* a razão no cérebro. Para ele, as funções cognitivas e perceptivas estariam no coração, reforçando a visão cardiocêntrica, aparentemente já ultrapassada para sua época. Seu argumento para tal concepção era de que, ao toque humano, o coração seria quente e o cérebro frio. A função do cérebro seria apenas a de regular a temperatura do corpo, de esfriar o sangue. Sua tentativa de explicar a memória, entretanto, é uma de suas grandes contribuições, embora, para ele, se localizasse no coração. Sua autoridade foi tão grande que, na Europa, por mais de 1500 anos, o interesse pelo cérebro permaneceu mínimo (Tesak, 2001, *apud* Rapp, 2003).

Importante filósofo, o médico Pérgamo Galeno, cujas idéias discordavam em parte das de Aristóteles, difundiu a Teoria dos Ventrículos, criada por Herófilo. Essa teoria preponderou até a Idade Média e postulava que as três faculdades mentais das quais o homem era dotado eram a Razão, a Memória e o Senso Comum, que teriam uma realidade cerebral mais ou menos circunscrita a determinadas regiões (Morato, 2001a). Galeno descreveu distúrbios da linguagem e constatou que lesões cranianas poderiam afetar a memória verbal, o que o levou a postular a idéia de que os distúrbios da memória abrigariam os distúrbios da linguagem. A partir deste postulado, afirmou que toda lesão em um órgão corresponderia a uma alteração de função ou vice-versa, dando início à fisiopatologia.

Segundo Rapp (2003), há muitos relatos sobre sintomas afásicos desde a Antiguidade até a Idade Média, mas nenhum deles está relacionado a uma teoria que vise prover qualquer explicação. A primeira hipótese para explicar sintomas relacionados às afasias foi formulada no século XV, no início do Renascimento. Antonio Guainerio, médico italiano, relatou os sintomas de dois pacientes afásicos. O primeiro, segundo ele, conseguia falar apenas poucas palavras; o segundo apresentava parafasias. Segundo Guainerio, a causa dos sintomas seria um excesso de fleuma (muco) no quarto ventrículo na

³ Cuvier (1808) foi o orientador de Gall, conhecido por sua concepção frenológica do cérebro. Broca & Wernicke foram os primeiros que se dedicaram à relação cérebro-linguagem, a partir de dados neuroanatômicos de sujeitos com lesão cerebral e de sua correlação com *sintomas* de linguagem.

região occipital do cérebro, o que estaria afetando sua memória. A afasia estaria localizada no IV ventrículo e seria decorrente de distúrbios da memória.

A primeira teoria propriamente dita a explicar sintomas afásicos data de 1789, desenvolvida pelo médico alemão Johann Gesner, em sua obra “*Sprachamnesie*”⁴. Gesner já teria uma percepção adequada dos distúrbios decorrentes de lesões cerebrais e sugeria que não se tratava de uma correlação direta entre uma lesão focal específica e os distúrbios encontrados. Estes seriam, segundo ele, resultantes de uma lentidão generalizada dos processos mentais⁵.

Ainda no final do século XVIII, temos os estudos de Gall, mais tarde conhecidos como *frenológicos*. A *Frenologia de Gall* refere-se à tentativa de localizar no cérebro as áreas responsáveis pelas faculdades mentais⁶, dentre as quais a linguagem. Segundo Morato (2001a), foi a descrição sistemática das alterações de linguagem, feita pelos patologistas, que deu origem à afasiologia – o estudo das afasias. A autora enfatiza que embora o nascimento da afasiologia seja atribuído a Broca, cabe salientar que foi Gall, no fazendo correlações anátomo-fisiológicas de impressões vistas a olho nu na caixa craniana quem estabeleceu propriamente a relação entre a área cerebral lesada e manifestações clínicas dos pacientes.

Uma síntese das idéias localizacionistas é bem representada na seguinte passagem de Citowic:

Unlike Descartes, Gall rejected a central point where all nerves unite. Rather, he conceived that cortex was the expansion of lower and less complex nervous

⁴ Há controvérsias quanto à data. Luzzati (2002, *apud* Rapp, 2003) afirma que teria sido em 1770 e não em 1789.

⁵ Segundo Rapp (2003), nos relatos de Gesner constam exemplos de parafasias de seus pacientes. Por exemplo, quando o médico levantava um brinde à saúde, ao invés do paciente usar a palavra adequada, dizia **adeus** e falava **boa noite** ao invés de *bom dia*. Para o médico, o sujeito teria uma amnésia verbal (afasia), um problema de linguagem e não de fala, estando intacta a capacidade do sujeito para se comunicar. A dificuldade estaria na *transposição das intenções de fala para as palavras adequadas*. Gesner afirma: *se um estrangeiro não soubesse da doença do paciente e o ouvisse falando, o tomaria por uma pessoa direta e com boa saúde; apenas pensaria que falava em uma língua desconhecida para o ouvinte*. Tem-se a primeira teoria sobre a afasia, de base associacionista do século XVIII.

⁶ Seriam 27 faculdades, dentre as quais podemos destacar *amor paterno, solidariedade, amorosidade, auto-estima*. Citowic (1997) relata que os seguidores de Gall ampliaram essas faculdades para cerca de cinquenta, com base na observação do comportamento dos indivíduos e analisando as protuberâncias no córtex cerebral nas autópsias.

elements, thus foreshadowing the hierarchical view that partly persists today. Gall implied that the soul really had feet of clay in declaring that all mental properties, intellectual as well as emotional, emerged from the brain. Because the separate faculties he proposed were each associated with a discrete organ of the brain, he reasoned that each faculty would mold the overlying cranium depending on its relative development. The science of phrenology analysed the robustness of each mental faculty in a given individual via palpation of bumps on that individual's skull. (Citowic, 1995, p. 41).

No século XIX, o estudo sobre as afasias e, conseqüentemente, das parafasias, ficaram ainda sob domínio dos médicos, sendo o principal interesse o de relacionar sintomas a lesões específicas, localizadas principalmente no hemisfério esquerdo do cérebro. Destacam-se, no período, já oficializado como *Moderna Afasiologia*, os nomes de Broca (1861) e de Wernicke (1874). A época é marcada pelos debates em torno das idéias localizacionistas. De um lado, estariam os seguidores de Gall e de outro os que defendiam o princípio da equipotencialidade cortical, o que significa que o córtex não poderia ser dividido em áreas funcionais ou que todas as áreas corresponderiam a uma mesma função.

Interessante notar que uma disputa entre os localizacionistas e os globalistas (aqueles que pensam que o funcionamento do cérebro seja global, indiferenciado), volta a tomar espaço no século XX, segundo Citowic (*ibidem*). A semelhança é, entretanto, superficial, afirma o autor. Em comum está o fato de que ambos acreditam que a mente emerge do cérebro. Os estudiosos do século XX não aderem à proposta equipotencialista, de que todas as partes do cérebro sejam iguais.

Numa visão conceituada como *holística*, acreditam que as funções mentais superiores emergem do funcionamento do cérebro como um todo. Localizacionistas do século XIX e também do século XX afirmam que as funções mentais superiores podem ser mapeadas em regiões “discretas” do cérebro, isto é, poderiam ser relacionadas a substratos anômicos. Citowic ainda afirma que a mudança na direção de uma concepção holística nas décadas de 20 e 30 do século XX foi conceitual, não baseada em evidências empíricas, uma vez que os métodos e materiais disponíveis eram muito semelhantes aos do século XIX. O que mais contribuiu para o crescimento de conceitos holísticos foram fatores culturais e históricos, assim como em vários outros campos do pensamento do século XX,

como na biologia e na economia, por exemplo, quando se observa uma mudança de uma visão reducionista, em favor de um ponto de vista *organizacional*.

Kussmaul (1877, *apud* Rapp) também foi crítico do localizacionismo. Para ele, todo o córtex cerebral era responsável pela linguagem; não haveria apenas uma circunvolução cerebral que seria sua sede. O conceito de *localização* deveria ser revisto. Em sua concepção, as regiões corticais eram responsáveis pela organização da linguagem e as subcorticais por sua execução. O córtex, para Kussmaul, era responsável por abrigar os pensamentos, que concentrariam as representações a partir das informações sensório-motoras do sistema nervoso, vindas do contato com o mundo externo. Lesões em regiões específicas do cérebro podem provocar distúrbios da linguagem, mas isso não permite dizer que a linguagem estaria centrada naquele ponto cerebral. Para o autor, a afasia faria o caminho inverso da aquisição da linguagem, que teria três estágios: i) nos primeiros anos de vida, a criança emitiria sons que independeriam de ser ouvida ou não, seriam os “sons selvagens” (grito, choro, alegria); ii) a criança imitaria os sons dos adultos. A palavra que a criança ouvisse representaria a imagem acústica, que depois ganharia significado; iii) após o seu uso, a criança conseguiria fazer a união entre imagem acústica e representação, dando início ao uso da linguagem. Na afasia, o caminho seria o inverso⁷ (Rapp, *ibidem*).

Por discordar do significado clássico do termo *afasia: sem palavra*, Kussmaul (1877) utilizou, durante certo período, o termo *disfasia* para referir-se à *afasia*, agrupando os *sintomas* observados em 5 tipos de distúrbios *disfásicos*, sendo um deles a *parafasia*, concebida como a dificuldade de relacionar a imagem das palavras com o que representam, acarretando a troca de palavras e o surgimento de palavras ininteligíveis.⁸

As discussões realizadas até então sobre a localização da linguagem e sobre as afasias, segundo Rapp (*ibidem*), em princípio sediadas em Paris (Broca, Flourens, etc), passando para Londres (Jackson, Bastian, Bateman) e posteriormente à Alemanha (Meynert, Kussmaul, Lichtheim, Wernicke, Steinthal, Freud), influenciaram pesquisadores alemães no que tange aos estudos afasiológicos. Os afasiologistas foram influenciados pela

⁷ Esse princípio também é conhecido, na literatura, como *first in, last out* e defendido mais tarde por Jakobson.

⁸ Como já dito na introdução deste trabalho, utilizaremos os trechos sublinhados para destacar as definições que são encontradas na literatura sobre o fenômeno das parafasias.

Psicologia, sobretudo pelos trabalhos de Wilhelm Wundt - considerado o pai da psicologia e também precursor da teoria de Gestalt, de William James e Karl Bühler, que acabaram influenciando os trabalhos de Pick, Head e Goldstein, que tentaram integrar reflexões sobre a linguagem às descrições médicas⁹.

Nosso objetivo, neste trabalho, não é apresentar de forma detalhada e exaustiva todas as questões que relacionam as parafasias às semiologias das afasias. Julgamos ser relevante terminar este item com a definição de afasias proposta por Coudry (1988), que inaugura a chamada Neurolingüística Discursiva:

A afasia é uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos lingüísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção de fala) quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentido), causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs) ou tumores.

1.3. O fenômeno das *parafasias*

Segundo Rapp (2003), em 1877, ao publicar seu livro *Die Störungen der Sprache. Versuch einer Pathologie der Sprache*, na cidade de Leipzig, o médico alemão Adolf Kussmaul inseria na literatura afasiológica o termo *parafasia*. Vale salientar que isso ocorreu pouco tempo depois das descrições de Broca (1861) e de Wernicke (1874). Rapp (*ibidem*) resalta também que é somente a partir da obra de Kussmaul (1877) que são descritas as trocas completas ou parciais de palavras, hoje conhecidas como *parafasias lexicais* ou *verbais*. Embora Broca não tenha feito referências específicas sobre as parafasias, o fenômeno é referido como uma das formas descritas por ele em 1869, quando postulou a *amnésia verbal*, na qual os pacientes apresentavam problemas de compreensão e fala distorcida; os enunciados produzidos não teriam relação com enunciados-alvo, aqueles pretendidos; haveria ainda o *esquecimento* do significado das palavras emitidas.

⁹ Segundo Rapp (2003), a base dessa integralização, mencionada por Pick, estaria nos trabalhos de Humboldt e Steinthal, ficando conhecida como *psicologia lingüística*, embora não houvesse, nesta época, uma ciência lingüística estabelecida, o que viria a ocorrer apenas com os estudos de Saussure, no início do século XX.

A seguir, procuramos apresentar as principais referências teóricas que buscam dar ao fenômeno das parafasias uma explicação de base neurológica. Em outras palavras, sintetizar as hipóteses dos diferentes autores sobre a relação existente entre lesões adquiridas no cérebro à produção de parafasias de diversas naturezas.

Vamos iniciar por Meynert (1866, *apud* Rapp, *ibidem*), que escreveu um artigo sobre distúrbios de linguagem, descrevendo o caso de uma paciente afásica que, dentre outros sintomas, apresentava as chamadas *parafasias*, atualmente descritas como *fonológicas* e *semânticas*. Wernicke, influenciado pelos trabalhos de Meynert, questionou o fato de existir apenas um centro da linguagem, como proposto por Broca. Resumidamente, podemos dizer que Wernicke i) reconhece a afasia de Broca, ii) postula a afasia posterior ou sensorial iii) propõe mais dois tipos: a *afasia de condução* (em decorrência do comprometimento da região que liga as áreas de Broca e Wernicke) e a chamada *afasia fluente parafásica*, caracterizada por uma dificuldade de seleção lexical. Embora o autor tenha abandonado tal classificação ao perceber que as parafasias estão presentes em diferentes formas de afasia, podemos perceber, nesta primeira classificação de Wernicke, que era grande o destaque que o autor dava ao fenômeno.

Dejerine (1891, *apud* Rapp, *ibidem*)¹⁰ foi um dos pioneiros no estudo da neuroanatomia. Um dos seus estudos relata uma autópsia cerebral, na qual foi observado um amolecimento na região do giro angular do hemisfério esquerdo, num paciente de 63 anos, que havia em seu último mês de vida produzido muitas parafasias, fenômeno pelo qual se interessava. Relata, ainda, o aparecimento repentino de uma cegueira verbal e de agrafia. O paciente não conseguia ler letras nem palavras, exceto seu nome, e apresentava dificuldades de nomeação, com muitas parafasias. Mesmo analisando apenas um caso, o autor postulava que a região lesionada seria a responsável pela agrafia e pelas parafasias, já que a informação cinestésica estaria perdida.

Ao contrário de Dejerine, que se interessava pelo fenômeno das parafasias, Pierre Marie abordou o tema, mas não se dedicou especificamente a ele. Para o autor, todo

¹⁰ O autor defende que na afasia a inteligência não seria afetada, exceto na afasia global e se o paciente não conseguisse cooperar nos testes.

afásico teria problemas de compreensão e as parafasias seriam os sintomas desse comprometimento, de ordem intelectual¹¹.

Para Pick (Rapp, 2003)¹², que como vimos, é um dos principais representantes da Psicolinguística, a *parafasia* decorre de um mecanismo que o falante não pode controlar; algo anterior à tomada de consciência. Assim como Freud, como veremos adiante, Pick associaria as parafasias aos mecanismos de produção dos lapsos e aos fenômenos chamados *tip-of-the-tongue* (estar na ponta da língua). Vale salientar que esses fenômenos, para o autor, estariam ligados às funções do lobo temporal, o que, no entanto, não caracteriza uma abordagem localizacionista.

Vimos, portanto, que a explicação para o fenômeno pode ser desde localizacionista, como sugere Dejerine – ligado a lesões no giro angular do hemisfério esquerdo; caracterizada como um distúrbio intelectual, como propôs Pierre Marie ou psicológico (ou psíquico), como sugere Pick, associado aos mecanismos de produção dos lapsos, em consonância com as teorias de Freud. Mas, evidentemente, as explicações para o fenômeno não se esgotam nessas posições acima apresentadas. Há modelos altamente complexos, como o postulado por Lichtheim, em 1885, que entende que a parafasia seria externa à afasia e decorrente da interrupção das vias A-M (A: centro da imagem acústica e M: centro da imagem motora). O autor descarta o termo “afasia de condução com manifestações parafásicas”, substituindo-o por “*parafasia de condução*”. Note-se, portanto, que a parafasia deixaria de ser vista como característica de um tipo de afasia e passaria a ser ela mesma um tipo, bem ao contrário do que afirma Wernicke. Este autor, quando discute o esquema de Lichtheim, o redimensiona e afirma que a parafasia é uma característica presente em diversas formas de afasia. Como veremos no capítulo 5, as produções de

¹¹ Em 1906, Pierre Marie publicou um artigo em que afirmava a existência de apenas um tipo de afasia: a de Wernicke, cujas características seriam dificuldades na compreensão oral e fala parafásica. A área de Wernicke, para ele, seria um centro intelectual e não uma área psico-sensorial. A afasia seria considerada, assim, como um problema de inteligência. Os sintomas não seriam variáveis e sim representativos do grau de severidade de um impedimento intelectual. Todos os aspectos da linguagem estariam afetados. Somente após ter examinado soldados, vítimas da I Guerra Mundial, em 1917, é que ele admitiu a existência de subdivisões na afasia de Wernicke (Rapp, 2003).

¹² Os estudos de Pick (1851-1924) defendiam a aplicação dos estudos da psicologia à afasiologia e em seus últimos escritos ressaltavam a importância da afasiologia para a linguística. Formulou um modelo de processamento de produção linguística composto de diversos níveis, independentes, no processamento da linguagem. Propôs que fosse ativado um esquema mental, que estaria pronto antes da formulação linguística se iniciar (Rapp, 2003).

parafasias encontradas na literatura e também nesta pesquisa podem estar relacionadas a diferentes regiões cerebrais lesadas – e, conseqüentemente, a diversas formas de afasia como concluiu Wernicke – autor com o qual concordamos a esse respeito¹³.

Para compreendermos melhor esta proposta de Wernicke, devemos retomar algumas questões centrais de sua teoria. Segundo ele, a compreensão da fala se dividiria em dois estágios: o surgimento do conceito da palavra e o surgimento do conceito de um objeto a ela correspondente. Na fala espontânea, a ordem seria invertida. Se houvesse o dano ao centro sensorial **A** (centro da imagem acústica), a produção contínua da fala espontânea revelaria a independência do centro **B** (centro motor da linguagem). Este poderia estar preservado, neste caso. Haveria uma seleção inconsistente de palavras, gerando as parafasias na fala¹⁴.

O chamado modelo “Wernicke- Lichtheim”, propõe 07 tipos de afasias: i) afasia sensorial cortical, ii) afasia sensorial subcortical, iii) afasia sensorial transcortical, iv) afasia motora cortical, v) afasia motora subcortical, vi) afasia motora transcortical e vii) afasia de condução. As parafasias estão presentes nos tipos i, iii, iv, vi e vii. Temos, portanto, segundo Wernicke, apenas dois tipos de afasias em que as parafasias não estariam presentes e isso se dá por estarem as lesões em regiões subcorticais. Como vemos, a produção das parafasias está fortemente relacionada às regiões corticais onde estão localizadas as lesões.

Kussmaul, ao contrário de Wernicke, propõe um modelo que se desvinculava de uma base anatômica, chamado de “desenho esquemático dos centros e das vias da linguagem”, no qual a palavra se processaria em quatro centros interligados mediante associação e ligados ao centro dos conceitos (hipotético, sem ponto específico no córtex cerebral)¹⁵. As parafasias, para o autor seriam caracterizadas como um distúrbio de linguagem em que a associação das idéias com a imagem das palavras é de tal maneira

¹³ Isso não significa, nos parece, que seria suficiente adotarmos o ponto de vista de que parafasia e afasia sejam a mesma coisa, uma vez que há muitas outras características, distintas da produção de parafasias, que são determinantes para que se perceba que há outras “categorias clínicas”. Ao mesmo tempo, não justifica que seja, ela própria, um tipo de afasia.

¹⁴ Para maiores informações a respeito do esquema de Wernicke, ver Rapp (2003) e Citowic (1995).

¹⁵ Nos estudos neuropsicológicos atuais, tais centros não são hipotéticos; pelo contrário, o advento dos experimentos com neuroimagem tem levado muitos pesquisadores (Damásio, H., Damásio, A., Tranel, D. Grabowsky, D., dentre outros) a postularem uma existência concreta de tais centros em substratos neuronais.

afetada que, em vez de ser emitida a palavra contendo o sentido desejado, aparecem outras de sentido diverso ou então palavras totalmente estranhas e ininteligíveis. (Rapp, 2003, p. 25) ¹⁶.

A visão de Kussmaul sobre o fenômeno é consistente com o que pensa, dentre outros autores, Steinhil (1871, *apud* Rapp, *ibidem*), que explica o mecanismo de surgimento de parafasias como uma “desobediência da mecânica psíquica” em relação ao conteúdo a ser expresso. A lembrança da palavra seria bloqueada, resultando numa inadequada articulação da palavra desejada. A palavra emitida poderia apresentar, por exemplo, enfraquecimento e abafamento das vogais, bem como a inserção de consoantes e de vogais para tornar a pronúncia mais confortável.

A troca de palavras poderia ser resultante também da reprodução, pelo mecanismo psíquico, de uma palavra indesejada. Para Steinhil, é comum a troca de palavras com significados opostos ou intimamente relacionados, como **chapéu** e **cajado** - que se relacionariam não só por serem peças de um vestuário, mas estarem ligadas à atividade de passear (*apud* Rapp, 2003). Temos um dado interessante de um sujeito afásico fluente que produz “meu **pai** morreu de parto”, que pode ilustrar essa troca. Assim como Kussmaul e Freud, Steinhil observou que não-afásicos também trocam as palavras onde menos gostariam de trocá-las, em seus opostos, por exemplo. Para Steinhil, essas trocas são atribuídas ao fato de palavras opostas encontrarem-se armazenadas muito próximas uma das outras, de modo que seria fácil errar o alvo da excitação. A diferença, para o autor, estaria na causa. Na pessoa com lesão, a causa é anatômica, duradoura; já na pessoa “sã”¹⁷ a causa seria de natureza fisiológica, passageira. As mesmas dificuldades presentes na fala poderiam aparecer também na escrita, nos gestos mímicos e práxicos (Rapp, 2003). Veremos, no capítulo 04, vários exemplos em que este tipo de relação semântica emerge dos dados.

Não poderíamos encerrar este item sobre as definições das parafasias sem mencionar o trabalho de Goldstein, que foi um dos autores que mais influenciaram a neuropsicologia moderna. Em seu texto de 1927, Goldstein percebeu, assim como

¹⁶ A definição sublinhada foi traduzida por Rapp (2003) do alemão.

¹⁷ Colocamos a palavra “sã” entre aspas porque nos chama a atenção como os autores normalmente se referem aos não-afásicos, em contraposição aos afásicos, que seriam “doentes”.

Wernicke, que as parafasias estavam presentes nas produções de todos os tipos de afasia. O autor relaciona a produção das parafasias à linguagem interna - conceito que não aprofundaremos aqui para não fugir aos nossos propósitos, e que o próprio autor revisou mais tarde, em sua obra de 1948. O que vale a pena ressaltar com relação a esse autor são suas explicações holísticas para as ocorrências dos fenômenos afásicos e também para as parafasias.

1.3.1. Freud: um capítulo à parte nos estudos das *parafasias*

Influenciado por Kussmaul, Freud trouxe para os estudos afasiológicos a noção de *inconsciente*, o que contribuiria de maneira significativa para o entendimento das parafasias e das próprias afasias. Freud propôs que no ser humano acontecem coisas à revelia de sua vontade e as parafasias poderiam revelar tais momentos, como explicitado abaixo:

A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo dito – isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som -, ou por outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar [...] No caso de interferência de influências externas à frase ou ao contexto do que é dito, tratar-se-ia, antes de mais nada, de saber quais são os elementos interferentes, surgindo depois a questão de saber se também o mecanismo dessa perturbação pode revelar as presumíveis leis da formação da fala. (Freud, 1987/1904 apud Rapp, 2003, p. 38)¹⁸.

Freud foi também influenciado pelas idéias de Hughlings Jackson (1878), que questionou, a respeito das parafasias, algo que nenhum outro neuropatologista de sua época havia feito: por que um afásico usaria uma determinada palavra ou expressão e não outra? Sem usar o termo “parafasia”, Jackson descreveu o fenômeno como um defeito de língua/linguagem em que o afásico teria a intenção de dizer uma palavra, mas diria outra que poderia ter semelhança de sentido ou de som com a palavra que se pretendia falar.

¹⁸ Essas perseverações são definidas na literatura tradicional como patológicas e não, como postula Freud, constituintes do normal. Prova disso é o fato de que se denominam como “contaminações”, termo que se define negativamente, como *sintoma* de vários tipos de afasias e na produção das parafasias fonológicas ou lexicais e semânticas. Nos dados de MG e de MS, analisados no capítulo 4, bem como os do Anexo III, esse fenômeno é recorrente e ilustra as afirmações de Freud.

Em 1891, Freud afirmou que seria necessário revisar as duas suposições que permeavam os estudos da afasia naquela época, ambas relacionadas à idéia localizacionista de restringir funções do sistema nervoso a determinadas regiões anatômicas. A primeira suposição era a de que se deveria distinguir a *afasia resultante da destruição de centros* da *afasia resultante da destruição das vias de condução*; a segunda estaria relacionada ao modo como cada um dos teóricos, principalmente Wernicke e seus seguidores, relacionavam as funções da linguagem a supostos centros¹⁹. Para Wernicke, como já vimos, a *parafasia* seria resultante da interrupção das *vias AM*. No entanto, na afasia sensorial, que decorreria da lesão no *centro A*, a fala também seria parafásica. Freud questionava como a interrupção de “uma via” poderia gerar o mesmo sintoma que a destruição de “um centro”.

Apresentou contra-argumentos às idéias localizacionistas de Wernicke e ao modelo de Lichtheim - Wernicke. Enquanto Wernicke concebia as parafasias como simples trocas de palavras, Freud relacionava sua emergência à redução da concentração do falante e buscava compreender a relação entre as palavras ou sons pretendidos e aqueles produzidos, o que o levaria à teoria dos atos-falhos. A definição que Freud atribui à parafasia, ampliando a que vimos acima dada por Kussmaul, é a de que ela deve ser entendida como um distúrbio da linguagem em que uma palavra é substituída por outra, inadequada, mas que sempre mantém algum tipo de relação com a palavra correta, que se daria no âmbito do sentido ou no das características fônicas.

Freud também observou que pessoas “sãs”, quando cansadas, desconcentradas ou sob influência de emoções perturbadoras, também apresentariam trocas de palavras, que não diferem em qualidade das observadas em pessoas cérebro-lesadas. Seria, segundo o autor, uma diminuição da capacidade de rendimento do sistema de associações do aparelho da linguagem²⁰, que poderia ser agravado por razões de natureza orgânica, sobretudo no caso de lesões cerebrais. Para Freud, o aparelho da linguagem reagiria de duas formas às lesões: i) áreas intactas permaneceriam funcionando de forma inadequada, subtraindo o

¹⁹ Freud afirmou que o modelo de Lichtheim-Wernicke não conseguia explicar a ocorrência de parafasias na afasia sensorial, já que as imagens motoras das palavras e o caminho para os conceitos das palavras estariam intactos. Também garante que haveria afasia sensorial sem a presença de parafasias.

²⁰ Segundo Rapp (2003), Kussmaul também já empregava o termo “aparelho da linguagem”, além de “aparelho dos sentidos”, “aparelhos motores e sensoriais centrais da linguagem”.

trabalho da área lesada e ii) áreas intactas reagiriam de forma solidária à lesão, não permitindo que se reconheça (parcialmente) o colapso das partes isoladas. Em decorrência dessa reação à lesão, o aparelho da linguagem se enfraqueceria funcionalmente. Além de reconhecer que a produção de parafasias poderia advir de lesões orgânicas, Freud acreditava que as parafasias poderiam resultar também de um dano não-material, funcional – isto é, não provocado pela interrupção de uma via.

1.3.2. Jakobson e a contribuição da Lingüística nos estudos das parafasias

Jakobson é considerado na literatura como o primeiro lingüista a estudar as afasias baseando-se, sobretudo, nos estudos realizados por Luria. Em 1969, afirmou que se a afasia é uma perturbação da linguagem, sua descrição e classificação deveriam começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem estariam mais prejudicados e convoca os lingüistas a realizarem tal tarefa. O autor pretendia desenvolver uma teoria geral da linguagem, que a explicasse em todas as suas formas – na aquisição, no desenvolvimento e na dissolução da linguagem – nas afasias²¹.

A afasia, em seus aspectos fônicos, segundo Jakobson, seria um espelho da aquisição. Os sons mais freqüentemente encontrados nas línguas naturais seriam os mais simples quanto à articulação e no plano acústico, estando vinculados à idéia do menor esforço. Na aquisição da linguagem, a criança percorreria o caminho do mais simples para o mais complexo, do menos especificado para o mais especificado, do não marcado para o marcado. Na afasia, segundo Jakobson, o caminho seria feito inversamente, havendo, então, um retorno ao mais simples, ao menos especificado²².

Não nos deteremos detalhadamente em todas as questões lingüísticas postuladas por Jakobson, devido nosso objetivo ser o de tentar abstrair de sua teoria aquilo que poderia

²¹ Segundo Morato (2001a, p. 157) *justamente por ferir a norma, a gramaticalidade, os padrões estruturais e funcionais da língua, as afasias dariam solidez empírica à sua teorização sobre o funcionamento da linguagem de um modo geral (e da sua aquisição pela criança de um modo particular).*

²² Essa idéia de que a afasia seria como um espelho dos processos de aquisição também é encontrada, segundo Rapp (2003), em Jackson e Pick, dentre outros. No momento ainda não temos estudos sistemáticos que confrontem essa afirmação, mas os dados de afasias parecem indicar que isso de fato não ocorre. Há relação entre os processos, mas não se pode afirmar, com certeza, que os processos se dêem *em espelho*.

nos ajudar a definir e a explicar as parafasias. A grande contribuição de Jakobson foi propor a análise lingüística nas afasias com base na existência de dois modelos de arranjo dos signos lingüísticos: o da combinação e o da seleção. Segundo ele,

(...)falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical. Quem fala, seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados (...) (Jakobson, 1954/1999, p. 37).

O eixo da *combinação* (sintagmático) abarcaria o nível da palavra e os níveis acima e abaixo dela. No nível da palavra, os sons estariam em combinação uns com os outros. No nível da sentença as palavras estariam em combinação. As sentenças, por sua vez, também se combinam para formar unidades maiores – os enunciados. Do nível hierárquico mais alto para o mais baixo, ao contrário, as unidades mais elevadas serviriam de contexto para as unidades mais simples. A palavra serviria de contexto para os segmentos que a compõem e a sentença serviria de contexto para as palavras. A combinação e a contextura seriam faces de uma mesma operação (Jakobson, 1954).

O eixo da *seleção* (paradigmático) diz respeito aos elementos que podem ser selecionados em termos alternativos e substituídos uns pelos outros. Os fonemas podem ser substituídos, na formação de uma palavra, gerando outras palavras ou morfemas inexistentes. Tais substituições podem explicar, por exemplo, a geração de neologismos e mesmo de logatomas (não-palavras) ou ainda, no contexto das afasias, as parafasias. Note-se, portanto, que o mecanismo que produz as parafasias também explica processos normais. Em outras palavras, o mecanismo subjacente à sua produção não é patológico em princípio. A literatura neuropsicológica, ao invés de salientar o que há de normal na produção das parafasias, faz exatamente o contrário, ao postular que existem parafasias neologizantes: patologizam o que é normal no processo. Se pensarmos nesta direção fica mais evidente a relação que Freud estabelece entre a produção de parafasias e lapsos.

Jakobson adverte que para descrever, analisar ou classificar diferentes formas de afasia seria preciso saber *qual das duas operações lingüísticas estaria mais afetada*, a de selecionar ou a de combinar. Com base nessas operações e nos trabalhos de Head (1926) e

de Goldstein (1927), o autor propôs a existência de dois tipos de afasia: o *distúrbio de similaridade*, no qual a operação de seleção é afetada e o de *distúrbio de contigüidade*, em que a combinação é comprometida.

Concordamos com Jakobson quando o autor afirma que o contexto é um fator fundamental para o afásico com dificuldades de seleção: *quanto mais uma palavra depender de outras da mesma frase e quanto mais se relacionar com o contexto sintático, menos afetada será pelo distúrbio da fala. É por isso que palavras sintaticamente subordinadas por concordância ou regência gramatical são mais resistentes (...)* (Jakobson, 1954, p. 43).

No distúrbio de combinação, *quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, tanto mais forte será a sua persistência no discurso dos afásicos (...)* (Jakobson, 1954, p.51). Utilizamos, para melhor compreender a relação das questões propostas por Jakobson com a abordagem da Neurolingüística Discursiva, passagens de Coudry, onde a autora sintetiza essas questões:

Substituir uma palavra por outra, com base na semelhança ou diferença, é um problema para eles (os afásicos) porque supõe constituintes superpostos que não se integram; manipular dois códigos diferentes e passar de um para outro supõe um uso da língua para pensar a própria língua que os afásicos de similaridade encontram dificuldades para fazer. É difícil para eles transitar de um código para outro porque não encontram equivalência, mobilidade que a função metalingüística requer [Por isso as questões de metalinguagem se tornaram importantes na afasia]. O afásico com a seleção afetada usa a contigüidade como um recurso projetado na linha da substituição, o que produz jargão, neologismos, parafasias (não palavras, quase-palavras, palavras da língua) [...]. (Coudry, 2002)

Sobre a desordem da contigüidade, a autora questiona:

Que dificuldades os afásicos com relações externas de contigüidade afetadas apresentam? A construção do contexto verbal em vários níveis da hierarquia das unidades lingüísticas. Combinar unidades lingüísticas sucessivas para formar um contexto maior é o problema lingüístico do afásico com distúrbio da contigüidade [...] Os afásicos desse grupo não unem os constituintes, por uma relação externa de contigüidade (in praesentia), em um contexto mais amplo. Usam a similitude como recurso e selecionam nomes. (Coudry, 2002)

Voltaremos a estas questões propostas por Jakobson no capítulo 4, em que apresentaremos os dados, por entendermos que esses processos sejam úteis para explicar a ocorrência de parafasias fonológicas e também as lexicais e semânticas.

1.3.3. Questões relativas à produção das parafasias na Neuropsicologia e na Neurolingüística

Antes de passarmos às semiologias das parafasias – às classificações propostas para descrever e explicar os fenômenos - julgamos que seja importante apresentar algumas das questões atualmente discutidas por autores da neuropsicologia contemporânea, dentre os quais Nespoulos & Dordain (1995). As reflexões a seguir apresentadas derivam de uma pesquisa realizada por Novaes-Pinto, Santana & Reisdorfer (2005)²³.

Uma dessas questões é se devemos conceber os fenômenos afasiológicos como decorrentes de perdas na competência lingüística dos sujeitos (Lebrun, 1983) ou se seriam atribuídos a problemas, por exemplo, de acesso lexical²⁴. Brown (1981) ressalta que ainda há muito a ser elucidado, com relação às parafasias. Um problema para a teoria é explicar o fato de que as parafasias podem ocorrer simultaneamente com as *anomias*. Novaes-Pinto, Santana & Reisdorfer (2005) questionam se a causa desse estranhamento de Brown seria a crença de que há um comprometimento (perda) da *competência lexical*; afinal, como tal conhecimento pode estar perdido se há momentos em que a palavra vem à tona, mesmo que na forma de uma parafasia?

Nespoulos & Dordain (1995) ressaltam que o fato incomoda muito os que ainda creditam a emergência dos *sintomas* que compõem as *síndromes* afasiológicas ao comprometimento de uma determinada competência. Para ilustrar um modelo que procura explicar a produção de anomias ou de parafasias, nos remetemos à Garret (*apud* Le Dorze & Nespoulos, 1989). Segundo o autor, o acesso da representação formal é baseado na

²³ Relatório Final da pesquisa intitulada “Inferências sobre as interfaces dos recursos lingüísticos a partir da Análise de enunciados de sujeitos afásicos em processos de significação”, Projeto FAPESP 03/02604-9, Inédita.

²⁴ Questiona-se se os dados corroboram hipóteses de que haja um léxico mental, autônomo, que poderia estar comprometido em casos de lesões do córtex cerebral.

ativação de um “*linking address*”, que opera entre a representação semântica e a representação formal do item lexical, contendo algumas características formais - tais como o segmento fonológico inicial e número de sílabas. A anomia poderia ser o resultado de um *linking address* inoperante. A dificuldade de se encontrar palavras (word-finding difficulties), por sua vez, poderia diferir em termos de grau e as informações presentes no *linking address* estariam apenas parcialmente inoperantes. Neste último caso, um sujeito poderia ser “forçado” a procurar pela forma lexical ou por um significado alternativo, gerando a produção de circunloquções ou ainda de gestos ou das parafasias.

Segundo França e Morato (1990), as parafasias - descritas em termos de frames ou campos semânticos - seriam utilizadas para implicar a existência de um dicionário mental autônomo e semanticamente organizado. Os autores ressaltam que dentro desta proposta, o problema de encontrar palavras poderia indicar que os níveis de integração semântica ou seleção seriam independentes dos estágios de formulação sintática e fonológica. Os autores ressaltam que (...) *not only consequences, but also pragmatic factors are involved in misnaming, at least when it occurs in dialogues. (...) it seems to us that misnaming may be explained by the same principle(s) that explain misunderstanding, namely conversational relevance.*

Percebemos, diante de toda a literatura abordada até o momento, que a compreensão dos fenômenos parafásicos permitirá compreendermos também os diversos tipos de afasias e as interfaces entre os níveis lingüísticos, além de permitir avaliar até que ponto algumas abordagens propiciam ou não o aparecimento de mais parafasias (ou de formas neologizantes) em um mesmo sujeito e, em último caso, favorecer uma *aparente anomia*²⁵.

²⁵ Segundo Barbizet & Duizabo (1985), a anomia é um distúrbio bastante corrente e com maior ocorrência na afasia. Corresponde à dificuldade de evocar uma palavra espontaneamente. Ocorre isoladamente ou associada a outras perturbações afásicas e em qualquer palavra, seja ela familiar ou não, mas, sobretudo, nos nomes próprios. Para eles, a anomia provocaria freqüentemente a ocorrência de parafasias. Esta produção pode muitas vezes ser numerosa, chegando a produzir uma linguagem incompreensível, dando uma falsa impressão de incoerência do pensamento. Pensamos que se a anomia for definida como a impossibilidade de nomear, de acessar o nome, talvez este seja mais um conceito que não diga respeito a um fenômeno real, já que de fato não há afásicos que sejam anômicos o tempo todo, ou seja, que não nomeiem absolutamente nada. Questionamos que se utilize do conceito de *anomia* como um sinônimo da *dificuldade de encontrar palavras*.

1.4. Uma semiologia das parafasias

Se, por um lado, não há consenso na terminologia utilizada pelos autores da literatura neuropsicológica e neurolingüística nas classificações das afasias ou de qualquer um dos *sintomas* das categorias clínicas (Lebrun, 1983), por outro lado, Porter (1997) nos lembra que precisamos de *moedas lingüísticas* para a comunicação entre os profissionais que se dedicam aos estudos das patologias. O que buscamos fazer, cada vez que tratamos de um fenômeno relacionado às afasias, no âmbito da Neurolingüística Discursiva, é reapresentar esses termos e (re) significá-los à luz dos pressupostos da área.

O que parece bastante óbvio ou tranquilo na literatura tradicional, tanto na caracterização do fenômeno das parafasias como na sua classificação em fonológicas, lexicais, semânticas ou neologizantes, de fato não é tão simples. Do reconhecimento ou não da palavra-alvo pelo interlocutor resulta uma classificação que vai de uma parafasia fonológica a um jargão neologizante ou a uma anomia.

Embora a definição e a classificação da semiologia das parafasias não tenham mudado significativamente ao longo dos estudos afasiológicos, apontaremos abaixo algumas das variações encontradas na literatura. Retomamos a seguir o conceito de Kussmaul (*apud* Rapp, 2003) sobre as parafasias para relacioná-las às classificações que o autor propõe: *um distúrbio de linguagem em que a associação das idéias com a imagem das palavras é de tal maneira afetada que, em vez de ser emitida a palavra contendo o sentido desejado, aparecem outras de sentido diverso ou então palavras totalmente estranhas e ininteligíveis.*

Kussmaul propõe três tipos de parafasias: i) parafasia transitória/flutuante, ii) parafasia propriamente dita e iii) parafasia coreática.

A parafasia transitória consistiria em uma parafasia instável, de natureza fisiológica e funcional, consequência de uma distração do falante²⁶. A parafasia propriamente dita difere em sua causa e não em sua natureza. Seria produzida por pessoas

²⁶ O que nos parece uma definição que converge com a dada por Freud para a produção dos lapsos. A diferença é que para Kussmaul a produção poderia ser consciente ou não. Freud postula que são, sempre, frutos de uma queda da atenção, liberando o inconsciente.

que tiveram algum dano cerebral. Já a parafasia coreática seria a mais grave²⁷. Neste tipo de parafasia, o vocabulário se encontraria relacionado ao intelecto de forma desorganizada.

Em 1927, Goldstein propôs dois tipos de parafasias: a literal e a verbal. Mais tarde, em 1948, sugeriu três tipos: i) motora (que era chamada de *literal 1* na versão anterior, ii) literal e iii) verbal.

A *parafasia motora* – chamada anteriormente de *parafasia literal tipo 01* – seria caracterizada pela elisão de *letras*, inserção de *letras* inadequadas ou presença de *letras* corretas em posições incorretas e ainda pela fala disfluente²⁸. Na *parafasia literal* – anteriormente *parafasia literal tipo 02* – haveria transposição de *letras* e a possibilidade, segundo o autor, de estar relacionado à formação de palavras. Os componentes internos estariam alterados severamente, mas o início, o fim, a extensão e o ritmo da palavra estariam preservados. O sujeito não perceberia o seu erro, ao contrário da parafasia motora, em que isso ocorreria. A *parafasia verbal* seria caracterizada pela troca de palavras com conteúdo semelhante ao da palavra esperada.

Barbizet e Duizabo (1985) também dividem as parafasias em *fonêmicas* ou *literais* e em *parafasias verbais*. Segundo os autores, devido a uma grande dificuldade de enunciar uma determinada palavra-alvo, pode ocorrer a troca de todos os fonemas da palavra, gerando um neologismo²⁹. As *parafasias verbais* seriam caracterizadas pelo emprego de uma palavra ao invés da palavra alvo, como já havia sido proposto por Goldstein. Essas parafasias poderiam não ter relação com a palavra-alvo como, por exemplo, **motocicleta** no lugar de “gravata”, o que seria raro, já que os autores acreditam que na maioria das vezes esta relação está presente. Quando a relação é *conceitual* como, por exemplo, trocar **garfo** por “colher”, **trem** ao invés de “metrô”, estaríamos nos referindo às parafasias semânticas e quando a ligação se situar na relação entre os sons, como **boule** ao invés de “poule”, **retard** ao invés de “renard”, estaríamos nos referindo às parafasias

²⁷ A “coréia” seria uma doença neurológica, caracterizada por movimentos involuntários rápidos e de grande amplitude, que recordam uma dança (*apud* Rapp, 2003).

²⁸ Note-se que, ao invés de se referir à troca de sons (ou de fonemas) o autor refere-se à troca de letras – uma unidade da escrita, na literatura neuropsicológica contemporânea referida como *paragrafia*.

²⁹ Morato & Novaes Pinto (1998b) criticam a utilização do termo *neologismo* para se referir a qualquer parafasia deformante nas patologias. Há dados em que os afásicos geram neologismos de fato, como o sujeito EV que produziu “meu marido *andeiro* andava”.

morfológicas, o que nos causa um estranhamento na definição dos autores, visto que apenas um fonema está sendo trocado.

Como vemos, há poucas variações na semiologia e mesmo na forma como os autores descrevem os fenômenos. O que mais varia, sem dúvida, é a explicação que propõem para eles.

No próximo capítulo trataremos da questão da significação e das estratégias que os sujeitos se utilizam para construir e reconstruir, ativar, reativar e desativar referentes, tomando como cenários para a reflexão alguns conceitos da Linguística Textual e da Gramática Funcional, para melhor compreendermos as atividades referenciais dos sujeitos afásicos nos episódios dialógicos e nas situações metalingüísticas que serão analisadas no capítulo 4 deste trabalho.

CAPÍTULO 2

A BUSCA PELA SIGNIFICAÇÃO

A significação é como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. (Bakhtin, 1997)

2.1. Introdução

A necessidade de se abrir um capítulo para discutir as questões relativas à significação se deu quando começamos a investigar sobre qual concepção de linguagem estaria subjacente às baterias de testes de nomeação, confrontando com a busca natural e inevitável pela significação existente entre os *parceiros da comunicação verbal*, como ressalta Bakhtin (1929/1997), dentre outros autores expressivos das teorias enunciativas.

Nomear, a partir de uma figura, é uma tarefa possível para qualquer falante de uma língua. Não podemos negar que uma das possibilidades da língua ou uma de suas funções é a de referenciar – é possível, ao vermos um objeto desconhecido, perguntar pelo seu nome, assim como é possível dizer o nome de algo a alguém para que este seja identificado e, algumas vezes, até adquirido no mundo real. Um exemplo disso é quando fazemos uma lista de itens a serem adquiridos num supermercado, numa loja, numa quitanda etc. Se alguém vai fazer a compra e não sabe o que significa um dos itens, é comum que lhe forneçamos outros *atributos*, com o objetivo de identificar o objeto. Assim, podemos explicar o que é “carambola”, dizendo que é uma fruta amarelada, com gomos sobressalentes que, ao ser cortada em fatias, fica com o aspecto de uma estrela de várias pontas. Quanto mais precisos formos ao usar as expressões referenciais, mais garantias nós teremos de que o objeto do mundo (o referente) será adequadamente identificado.

Olhando deste ponto de vista – de que é possível nomear a partir de figuras – um teste de nomeação como o que utilizamos neste trabalho não parece ser tão absurdo. Como veremos adiante, se o sujeito afásico não nomeia o objeto, damos a ele uma pista semântica, como: “serve para comer” (asparago), é “um animal marinho” (lula), etc. O

problema é o valor que os testes – sobretudo o Teste de Nomeação da Bateria de Boston – têm na literatura neuropsicológica e neurolingüística para diagnosticar *sintomas*, como a anomia e, conseqüentemente, classificar síndromes afasiológicas. Os resultados obtidos, quantificados em escores, pretendem indicar que o sujeito afásico “perdeu” a competência para nomear ou que não consegue mais acessar o “léxico mental”.

Goldstein (1948) já apontava para o fato de que muitos sujeitos afásicos que não conseguiam nomear nas tarefas metalingüísticas conseguiam fazê-lo, quando em situação de uso real. Um de seus exemplos é o de uma senhora que, ao ver a figura de um guarda-chuva, diz “Não, eu não sei o nome disso, mas eu tenho diversos guarda-chuvas em casa”. Coudry (1988) também menciona o dado de uma senhora que, no teste de nomeação de Boston, não conseguiu nomear “cama”, mas ao contextualizar a tarefa, pensando nas várias atividades que realizava pela manhã, diz: “Levanto, arrumo a cama (...)”.

Lyons (1981) afirma que dentre os vários tipos de significados está aquele que chama de *significado descritivo*. Além de ser *apenas um* dentre os significados possíveis, não é certamente o mais relevante. O autor destaca a existência de significados sociais e expressivos. Veremos que a elaboração de baterias de nomeação, com o objetivo de apontar para um dos principais sintomas das síndromes afasiológicas – a anomia – vem de uma supervalorização da concepção representacional de linguagem, que a toma como um instrumento para falar sobre o mundo, em que se postula uma relação direta entre as palavras e as coisas.

Iniciaremos a nossa reflexão tratando das questões sobre a referências e sobre as atividades referenciais e buscamos na Lingüística Textual e na Gramática Funcional o respaldo para nossas análises que serão desenvolvidas no capítulo 4.

2.2. Os estudos sobre a referência

No campo dos estudos neurolingüísticos, ainda prevalece a idéia de que a afasia suprime a capacidade lingüística de que os falantes seriam “naturalmente” dotados. Trata-se, em muitos estudos, de um déficit de competência. Lebrun (1983) refere-se à afasia como um problema de metalinguagem. O sujeito perderia não apenas aspectos do

conhecimento lingüístico, mas também metalingüísticos. Perderia a capacidade de reflexividade sobre o sistema lingüístico e, conseqüentemente, o caráter referencial da linguagem, a capacidade que a linguagem teria de representar ou autorizar as representações lógico-perceptivas do mundo. Nas palavras do autor:

Metalinguagem significa o uso da linguagem para se referir à própria linguagem ou a qualquer parte dela. É diferente da linguagem como objeto, que é o uso da linguagem a fim de se referir a algo que não é verbal. Tipicamente, metalinguagem pode ser encontrada em dicionários e gramáticas. Em tais estudos, a linguagem é usada para descrever seus aspectos. Porém, a metalinguagem aparece também na vida diária. Perguntar ou dizer o que uma palavra significa é estar fazendo uso da metalinguagem. Na escrita, este uso é muitas vezes acentuado por palavras grifadas ou entre aspas, como por exemplo: “O que quer dizer ‘autoclave’”? Perguntar ou dizer o nome de algum objeto é também uma operação metalingüística, pois significa perguntar ou dizer a palavra que é normalmente usada para designar o objeto em questão. Da mesma maneira, pedir a alguém que aponte para um objeto, que acabou de ser nomeado, é dar-lhe uma tarefa metalingüística, pois o pedido significa perguntar qual é o objeto a que tal nome se refere. (Lebrun, 1983)

Retornando à questão das parafasias, vimos que a literatura tradicional vê a sua emergência ligada à perda da competência lingüística dos sujeitos ou à impossibilidade de acesso ao léxico mental, como um problema de processamento ou de funcionamento da linguagem. Nespolous & Dordain (1995) questionam a primeira hipótese – de perda da competência – uma vez que se torna difícil explicar de que forma tal conhecimento possa estar *perdido* se há momentos em que a palavra vem à tona. O mesmo é questionado por Brown (1981), já que muitas vezes a palavra é produzida na forma de uma parafasia. Há muitos relatos na literatura - principalmente os que procuram descrever as variações entre os sujeitos, mas principalmente as variações intra-individuais - que afirmam que um mesmo sujeito que em uma situação não nomeia, o faz em outra situação. Tendo esses conflitos teóricos como parâmetros, decidimos contrapor nesta pesquisa os dados dos mesmos sujeitos – **MG, MS, SI e JM** – obtidos durante a aplicação do Teste de Nomeação da Bateria de Boston (Kaplan, Goodglass & Weintraube) e em episódios dialógicos, observando as capacidades e as dificuldades nos processos de significação.

A avaliação da linguagem a partir dos resultados de tarefas metalingüísticas como parte de baterias que se propõem a avaliar *linguagem* tem sido criticada na área de

Neurolingüística, devido ao fato de que se restringem apenas aos aspectos formais da *língua*, de forma bastante redutora. Os resultados apontam, geralmente, para competências que os sujeitos afásicos perderam e as parafasias são vistas sempre como um resultado negativo da sua produção em relação à *palavra-alvo*.

Concepções contrárias a essas, reveladas em estudos sobre os processos referenciais, que se importam com o diálogo entre língua e exterioridade, no campo neurolingüístico, nos dão indícios de que diferentemente do que tem postulado a literatura tradicional a respeito das patologias lingüístico-cognitivas, os processos referenciais e meta-discursivos não se encontram *perdidos*. Mesmo sendo reportada a uma capacidade cognitiva da linguagem, a identificação e controle da referência e sua reflexividade se exibem e se constroem em várias situações e práticas dos sujeitos. Em outras palavras, não podem ser reduzidas ao sistema *stricto sensu*; a metalinguagem não se reduz a uma reflexividade do tipo *metalingüística* (Morato, 2005a). O conhecimento lexical não é relevante isoladamente e sim numa perspectiva dos indivíduos *em interação*, no processo de categorização e de referenciação.

2.3. A busca da referência e os estudos em Lingüística Textual

Os estudos atuais que tentam resolver o problema da relação entre as palavras e as coisas, por meio de (re) análises ou (re)leituras de posições teóricas tradicionais - ou mesmo pela inserção de novas posturas - pretendem dar conta de como se daria essa relação e quais os mecanismos envolvidos. Segundo Marcuschi (2002), as reflexões sobre o conhecimento humano passaram por diversos estágios - do ceticismo e do misticismo religioso ao mentalismo formal - e atualmente dão ao uso social da língua um papel relevante na construção desse conhecimento. Essa é a base da concepção sócio-cognitivista que fundamenta o trabalho do autor, bem como o de Koch, representantes expressivos da Lingüística Textual, que veremos mais adiante.

A questão da referência sempre envolveu uma série de discussões no universo científico, em princípio iniciadas por filósofos e lingüistas como Frege e Saussure, chegando às discussões atuais que a concebem numa perspectiva enunciativo-discursiva.

Um exemplo da força de teorias geradas no século XVII, para tratar da questão da referência, é o da gramática de Port-Royal. Partindo do pressuposto de que os homens pensam e concebem a natureza da linguagem como racional, esta expressaria o *pensamento* dos homens, princípio que já havia sido sustentado pelos gregos (como Platão), pelos latinos e em períodos medievais. Nesta concepção, o homem olharia o mundo por meio de seu espírito; desse olhar sobre as coisas resultariam os *objetos do pensamento*, que depois seriam transformados em signos da linguagem (Cardoso, 2003).

Resumindo, para os seguidores da Port-Royal as palavras seriam criadas para significar objetos de nosso pensamento. O mundo se transformaria em matéria mental para depois transformar-se em matéria lingüística. *O referente não seria um objeto do mundo e sim um objeto do pensamento.*

Sem dúvida alguma, o primeiro nome que nos vem à mente quando tratamos do tema da referência é o de Frege, lógico alemão, que estabeleceu uma distinção entre o *referente* de um signo e seu *sentido*. O referente de uma expressão é o que ela designa – o objeto do mundo. O sentido seria seu modo de apresentação. Para Frege, o conhecimento do sentido de uma expressão faz parte do conhecimento da língua. Seu célebre exemplo é o que toma a referência – Vênus – e seus dois diferentes sentidos: *a estrela da manhã* que também é *a estrela da tarde*. A expressão *A estrela da manhã é a estrela da manhã* é uma tautologia, diz Frege. A afirmação *A estrela da manhã é a estrela da tarde*, entretanto, longe de ser uma incoerência, expressa uma verdade, um conhecimento real do mundo, uma vez que informa algo a respeito da referência – do objeto do mundo – por meio de dois distintos sentidos.

Para Frege, não haveria caminho à realidade sem ser pela estrutura da linguagem, pelas proposições. Os objetos do mundo seriam independentes do sujeito e da linguagem, isto é, estão no mundo real mesmo que nunca alguém se refira a eles, são preexistentes ao sujeito e à linguagem. A referência de uma *sentença*, por sua vez, seria um *valor de verdade* - é a concepção da referência como pressuposto existencial. Podemos aqui fornecer um exemplo atual. É perfeitamente possível atribuímos *sentido* à expressão: *Harry Potter estava na floresta juntamente com um unicórnio branco*. Para que a sentença (a proposição) seja verdadeira, suas partes devem ser também verdadeiras. Segundo a

lógica, deverá haver um indivíduo ao qual se dá o nome de Harry Potter (primeiro argumento da proposição) e um indivíduo que pertença à categoria *unicórnio branco* (segundo argumento da proposição) e deve ser verdade que o Argumento 1 *esteja na floresta* (predicado), juntamente com o Argumento 2. Para Frege, somente proposições verdadeiras permitem o conhecimento sobre o mundo, fornecem aos indivíduos um ganho cognitivo. Russel (*apud* Lyons, 1981), amplia a concepção de Frege, à medida que permite atribuir valores de verdade a mundos imaginários.

Resumindo, a semântica lógica de Frege e de Russell busca a referência das palavras, ou seja, aquilo que elas designariam, abstraindo e desconsiderando a enunciação; por outro lado, a corrente representada pelos filósofos de Oxford, com destaque para Austin (1962) e Searle (1972), tomam por princípio o aspecto duplo do signo, defendido pelos clássicos que substituíram o “eu penso que” cartesiano por um “eu digo que”, segundo os quais é impossível apenas nos *servirmos* das palavras e nos *desvencilharmos* da enunciação. Essa posição é o que desloca a referência para o interior da própria enunciação (*cf.* Ducrot, 1987).

Strawson (*apud* Cardoso, 2003), criticando Russell (que também buscava a referência das palavras abstraindo a enunciação), e seguindo os postulados de Frege, uniu em uma única categoria o *sentido* (significado) e a *referência* (denotação), reservando apenas aos nomes próprios o privilégio de poderem exercer uma função referencial individualizadora³⁰.

Na Idade Clássica (século XVII), a discussão é sustentada pelo paradigma da representação, no sentido de que um elemento *significante* somente se tornaria *signo* sob a condição de manifestar a relação que o liga àquilo que significa. Saussure será o representante dessa visão no início do século XX, falando que *um signo une não uma coisa a um nome e sim um conceito a uma imagem acústica*, sendo os conceitos constituintes dos significados, *puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais*

³⁰ Interessante notarmos as parafasias produzidas com nomes próprios (em situações dialógicas ou de testes) ou mesmo as dificuldades de referenciar. Como nos apontam os estudos em filosofia, trata-se mesmo de um capítulo à parte na literatura sobre nomeação e categorização.

exata é ser aquilo que os outros não são. Esta é a síntese da Teoria do Valor, para Saussure. A língua, para Saussure (1916), era assim considerada, na síntese apresentada por Cardoso:

um sistema supra individual, “parte essencial da linguagem”, um produto social”, “um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício da linguagem”, “um todo por si”, “um princípio de classificação”, “uma convenção formada por signos arbitrários, “um fato social”, “um contrato coletivo”, “um sistema gramatical que existe nos cérebros de um conjunto de indivíduos”, “um sistema gramatical independente da vontade e da inteligência do indivíduo, que não pode criá-lo e nem modifica-lo”, “um sistema virtual de signos onde de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica”, “forma e não substância”. (Cardoso, 2003, p. 08)

Saussure contraporia a hipótese clássica de que a palavra designaria *pensamentos e coisas*. Para ele, as palavras designariam *conceitos*, a representação do significado pelo significante. O referente seria um objeto já constituído culturalmente e historicamente, onde as marcas da língua são reveladas, a língua como um sistema simbólico. O arbitrário da língua é o que lhe dá flexibilidade, que permite a mudança, a abertura, a própria história. Novas palavras entram nas cadeias significantes. O que importa é a relação (mesmo dos novos significados) com os outros signos. Isto é o que faz com que novas palavras e novos significados não estejam fora da língua³¹.

A partir da segunda metade do século XX foram admitidos na Lingüística outros objetos teóricos além da língua, como *enunciação, texto, sujeito, discurso, interlocução, etc.*, mais especialmente no período conhecido por “A virada da Pragmática” (The Pragmatics Turn), quando se concebe ser impossível apenas *fazer uso* das palavras, desligando-as da enunciação.

³¹ Apenas para complementar esta visão de Saussure, de que o signo não se refere diretamente ao objeto, nos remetemos às idéias de Pierce (1931 a 1958), *apud* Santaella (2004), que postula uma relação triádica para o signo. Para o autor, um signo só pode funcionar como tal porque representa, de uma certa forma e numa certa medida, seu objeto. O objeto do signo não seria necessariamente aquilo que se concebe como “coisa” individual e palpável. Poderia ser desde *a mera possibilidade de existência até um conjunto ou coleção de coisas, eventos ou uma ocorrência*, ou até mesmo uma abstração ou um universal. A autora afirma que a teoria do signo de Peirce, além de lógica é social. A objetividade do interpretante é de natureza coletiva, não se restringe aos humores e fantasias pessoais de um intérprete particular. Seria próprio do signo gerar interpretantes efetivos, cujo caráter não seria matéria inerte e vazia a espera de um ego auto-suficiente que viesse a lhe injetar sentido. O objeto seria algo diverso do signo que apenas representa o objeto. Este, de algum modo, determinaria essa representação. Porém, o que está sendo representado no signo não corresponderia ao todo do objeto, mas sim, apenas uma parte ou aspecto dele.

Para Ducrot (1987), a palavra não pode ser criadora e nem reside em si mesma, ela é voltada para um exterior e exige ser posta em confronto com um mundo que possua uma realidade própria. Seu valor de verdade dependeria de uma realidade, independente dos discursos acerca dela produzidos. O referente de um discurso não é a realidade e sim o que o discurso escolheria ou instituiria como realidade. Para o autor, assim como também pensava Saussure, o problema da referência estaria na *ambigüidade do referente* que ora é exterior ao discurso e ora é chamado pelo discurso, inscrevendo-se nele.

As teorias desenvolvidas a partir da consideração da língua em uso - sobretudo as vertentes chamadas funcionalistas - mostram que o estudo da significação não deverá se basear nas propriedades formais da expressão lingüística, mas nas funções e condições da comunicação - que envolvem contexto e enunciadores interagindo entre si, com o mundo e com a cultura. Com isso, a referência também passa a ser instaurada do isolamento do signo para todo o complexo de que se constitui cada ato de fala. Em outras palavras, deslocada do sistema da língua para o discurso. Nesse sentido citamos, por exemplo, a visão diferenciada de Wittgenstein (1984), que defende o funcionamento da linguagem por meio de seus variados usos, a não unificação da linguagem segundo uma estrutura lógico-semântica. Para este autor, não valeria questionar sobre os *significados das palavras*, sobre os seus *sentidos* e sua *referência*, sem questionar sobre *os jogos da linguagem* ou sobre as múltiplas linguagens.

Um dos autores que têm servido de referência na área dos estudos afasiológicos, numa perspectiva discursiva, é Bakhtin, por sua crítica à ênfase excessiva nas unidades estruturais da língua, sobretudo a *palavra* e a *oração*, na abordagem dos estudos sobre a linguagem³².

Bakhtin (1929/1997) adota a noção de *atividade* e de *dialogicidade* ou *interação*. A sua solução para as questões da significação é dialética, no sentido que é na interação ela se constrói. Não é o sujeito a fonte do sentido (subjativismo idealista), nem o sentido está contido nas expressões formais da língua, sendo o sujeito apenas seu usuário

³² A esse respeito, ver o capítulo 4 de Novaes-Pinto (1999), intitulado *A linguagem como atividade constitutiva do sujeito e a contribuição dos conceitos bakhtinianos para o estudo discursivo das categorias clínicas*.

(objetivismo abstrato). Haveria, para o autor, entre a linguagem e a sociedade, relações dinâmicas e complexas que se materializariam nos enunciados constituídos em discursos.

Para Bakhtin, todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua e a produção de enunciados. Os sujeitos operam sobre os recursos da língua – o léxico, a sua gramática, as estruturas composicionais – gerando a unidade real da comunicação – o enunciado.

Mondada & Dubois (1995, *apud* Morato, 2001b) dizem que o mundo que o sujeito constrói em seu relato depende em grande medida de suas escolhas lexicais, de suas intenções discursivas, do reconhecimento de implícitos culturais, do reconhecimento dos elementos temáticos, das posturas meta-enunciativas dos interlocutores, do tipo de relação que se estabelece com os outros, de coordenadas dêiticas de que lança mão para transformar *referentes* em objetos de discurso.

O objeto de discurso caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como de articular-se em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente. (Mondada, 1994 *apud* Koch, 2002 p. 40)

Mondada e Dubois (1995, *apud* Neves, 2006), falam em uma instabilidade que constitui as categorias tanto cognitivas quanto lingüísticas, para defender que a prática de produção e de interpretação dos textos não é atribuída a um sujeito cognitivo abstrato, ideal e solitário, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, modificações e ratificações de concepções individuais e públicas do mundo. Isso implica dizer que o sujeito constrói o mundo no curso da realização de suas atividades e o torna estável, graças às categorias, especialmente as manifestadas no discurso.

Diante das diversas possibilidades que a língua oferece e das implicações significativas que se pode inferir num discurso, Marcuschi & Koch (1998, p. 31) salientam que *a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consistiria em um simples processo de elaboração de informações, mas um processo de (re)construção do próprio real*, justificando a substituição da *referência* pela noção de

referenciação. O discurso construiria uma representação que opera como uma memória compartilhada, alimentada pelo próprio discurso. Essas seleções realizadas pelos interlocutores, de expressões referenciais, são responsáveis por parte dessas representações.

A noção de referenciação para Koch (2000) torna-se mais significativa já que permite, por meio da mobilização de recursos lingüístico-discursivos, operar mudanças no conteúdo e/ou na forma, bem como na estrutura da realidade. Após serem produzidos os discursos, as informações implícitas serão integradas à memória discursiva³³, que possui estratégias para sua constituição. Koch (2002) aponta para algumas dessas estratégias envolvidas³⁴:

- a) *Construção/ativação*: quando um referente novo é introduzido, passando a ter um endereço na memória discursiva.
- b) *Reconstrução/reativação*: quando um referente já presente na memória discursiva é reintroduzido, por meio de uma forma referencial.
- c) *Desfocalização/desativação*: quando um novo referente é introduzido, passando a ocupar o lugar do foco anterior. O anterior, todavia, não é apagado do discurso, podendo ser retomado posteriormente.

Vejamos, a seguir, como uma outra teoria - a Gramática Funcionalista - pretende dar conta dos mesmos fenômenos levantados por Koch e Marcuschi, no interior da Lingüística Textual. Tentaremos apontar para as semelhanças e divergências entre as duas linhas teóricas, mas salientamos que ambas fornecem categorias interessantes para subsidiar as análises dos dados que proporemos nesta dissertação.

³³ A noção de "memória discursiva" foi introduzida por Courtine (1981) e retomada por Maingueneau (1988). Para Pêcheux (1999, p. 52) a *memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível*. Segundo Maingueneau (1993), a *unidade de análise pertinente da AD não é o discurso, mas o interdiscurso, o espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos*. Nesse sentido, o conceito de memória discursiva seria decorrente da concepção de que o texto é um espaço simbólico.

³⁴ Há um refinamento dessas estratégias em Koch, mas nos restringiremos neste trabalho apenas àquelas que estão mais relacionadas à questão da referenciação para apoiarmos nossas análises dos resultados dos testes de nomeação.

2.4. Os estudos sobre as atividades referenciais na Gramática Funcionalista

Neves (2006), em seu livro *Texto e Gramática*, ao refletir sobre os usos da língua e a organização dos enunciados, explora as atividades que envolvem a questão da referência e da referenciação.

No estabelecimento da interação lingüística é que os falantes instituem os objetos de discurso, entidades oriundas de uma construção mental e não de um mundo real, o que significa dizer que a primeira noção de *referência* diz respeito à *construção de referentes*. Estes objetos do discurso vão construir no texto a rede referencial, que, segundo Neves (2006) leva a uma segunda noção de referência, que é a *identificação de referentes*. Segundo a autora, a partir disto pode-se falar em dois modos de referência: o *construtivo* e o *identificador*.

No *construtivo* o falante usaria um *termo* para que o ouvinte construa, a partir dele, um referente e o introduza em seu modelo mental – podemos relacionar este modo de referência de Neves ao que vimos acima, em Koch, quando fala de *construção/ativação*; no *identificador*, o falante usa um *termo* para que o ouvinte identifique um referente que já esteja disponível de algum modo, o que só é possível quando há uma fonte para a identificação. Neste último caso, relacionamos a noção de Neves à de *reconstrução/reativação* de Koch.

Como aponta Chafe (1996, *apud* Neves, 2006), ambas as categorias implicam *inferência*, mas a acessibilidade requer uma inferência mais direta e imediata porque não se limitaria a pessoas, objetos e abstrações, estendendo-se a eventos e estados.

Quando o referente já está dentro do discurso, o falante frequentemente o reapresenta em outros pontos do enunciado, como elemento ‘dado’, e não apenas como elemento ‘conhecido’, e assim quando se refere a ele, além de implicar referenciação, implica co-referenciação, salienta a autora. Este ponto é de extrema importância para compreender muitos dados em que o sujeito afásico não nomeia, principalmente nos episódios dialógicos, porque o referente já está implícito na enunciação.

Segundo Neves (*ibidem*, p.76), o processo de referenciação ou a montagem da rede referencial do texto *não se reduz à construção e a identificação de objetos da*

realidade, muito menos a substituição de uma forma referencial por outra, mas sim diz respeito à própria constituição do texto como uma rede, em que referentes são introduzidos como objetos de discurso e como tais são mantidos, segundo determinadas estratégias dependentes da formulação textual.

Lyons (1977, *apud* Neves, *ibidem*) fundamenta-se na relação entre uma expressão lingüística e o que ela significa em ocasiões particulares do discurso. Nessa concepção, Neves afirma:

a expressão lingüística (usada numa ocasião particular e sob condições relevantes) tem seu referente, mas, na verdade, é o falante que faz a referência (Lyons, 1977, p. 177), já que, no ato de referir-se, ele usa a expressão referencial. Assim, nesse modo de ver, quem investiga a que se refere uma expressão está investigando a que o falante se refere quando usa a expressão. (Neves, *ibidem*, p. 76)

A autora salienta, ainda citando Lyons, que uma referência bem sucedida não depende da verdade da descrição contida na expressão referencial, nem é necessário que o falante acredite que a descrição do referente seja verdadeira, podendo ser a descrição empregada ironicamente, ou aceitar como correta uma descrição falsa, como previam os estudos inscritos na semântica formal de Frege³⁵.

Contrária a essa concepção de que a existência dos objetos seja independente da linguagem, a autora afirma o seguinte:

A comunicação se refere, pois, a estados, eventos, indivíduos que fazem parte do mundo construído no discurso, não importando a existência, ou não, das coisas desse mundo no mundo real. A construção desse mundo tem ponto de partida nos propósitos do falante, que constrói seus enunciados conferindo relevância aos argumentos segundo o que seja conveniente a esses propósitos. Já na base dessa escolha está a possibilidade que existe nas línguas naturais, de se construírem proposições de dois grandes tipos modais, o factual e o não factual (Neves, *ibidem*, p. 80).

³⁵ Na semântica formal, a referência de uma descrição definida era ligada a um quantificador existencial e a descrição do referente teria que ser necessariamente verdadeira. A famosa expressão encontrada nos estudos de Frege (1978) “O rei da França é calvo” será verdadeira se, e somente se, a França possuir um rei e esse rei for calvo.

Os atuais estudos que descrevem os processos de interpretação referencial, segundo Kleiber (1994, *apud* Neves, 2006, p. 77), apontam que a tendência é de cada vez mais inserir a pragmática, mostrando que os referentes são *recuperados mais por cálculos inferenciais – entrando em jogo o contexto da enunciação e o conhecimento partilhado - do que por regras fixas ou convencionais ligadas às expressões que quase mecanicamente liberariam esses referentes*. Nessa visão, segundo o autor, entende-se que *não basta recuperar o referente, mas é preciso avaliar o modo como esse referente é dado*.

O modelo de interação verbal funcionalista de Dik (1997) se baseia, segundo Neves, numa implicação necessária entre *a intenção do falante*, que antecipa a interpretação do ouvinte, e a *interpretação do ouvinte* que reconstrói a intenção do falante, por mediação da expressão lingüística. É essa reciprocidade na busca pelo significado que aproxima os parceiros da comunicação verbal, como afirma Bakhtin, quando diz que *quem ouve se orienta para a fala do outro*³⁶.

Retornando a Neves (*ibidem*), a autora afirma que a *referencialidade lato sensu* não é necessariamente textual-discursiva e não depende de identificações referenciais já que, do ponto de vista lógico, ela se define no nível interno da proposição e não no nível do discurso. Já a *referencialidade na língua em função* será construída segundo o contrato estabelecido entre os interlocutores, no momento da construção do universo da referência, ou seja, do universo discursivo. Dentro deste contrato seria pertinente apenas o papel que o elemento referido tem dentro do conjunto de eventos, estados e participantes do mundo construído em cada discurso.

Segundo Neves, cognitivamente, o recurso ao estoque de conhecimento do destinatário é tanto mais explorado quanto mais técnico e objetivo for o texto. Muitos termos usados em textos científicos, por exemplo, têm mais de um significado, inclusive significados não técnicos que, em tese, não deixam dúvidas de interpretação. Para Neves, a referenciação textual é bem sucedida quando o ouvinte consegue identificar o referente do

³⁶ O conceito de “compreensão-ativa-responsiva” é proposto por Bakhtin para dar conta de como se dá o processo de significação nas interações dialógicas. O interlocutor se orienta para a fala do outro e atribui às palavras do outro, palavras suas. Esta reflexão também pode ser vista no trabalho de Novaes-Pinto (1999).

discurso *no ponto em que essa operação lhe é solicitada*, e tal identificação ocorre *quando o falante a deixou acessível*. Isso configura, para Neves, duas propriedades da referencialidade no discurso, *a identificabilidade e a acessibilidade*, ambas ligadas à distribuição de informação, dependentes do contínuo em que se distribuem o “dado” e o “novo” no discurso. Nos parece que uma das dificuldades dos sujeitos afásicos, principalmente aqueles com afasias posteriores, seja a de identificar e acessar os referentes, como aponta Neves, *no ponto em que essa operação lhe é solicitada*. As dificuldades podem ocorrer, justamente, porque nas afasias os processos se tornam mais lentos. Enquanto o afásico tenta identificar e acessar os referentes (não só pessoas e objetos, mas também eventos e estados, dentre outros) referidos pelos seus interlocutores, estes continuam no seu discurso, a depender da situação e os afásicos podem perder “o fio da meada” do discurso do(s) outro(s), dando a impressão de que não estão compreendendo o tópico discursivo. No item a seguir, algumas dessas questões serão retomadas, relacionando-as mais especificamente à linguagem dos sujeitos afásicos, na abordagem da Neurolingüística Discursiva.

2.5. A questão da significação na Neurolingüística Discursiva

A Neurolingüística Discursiva³⁷ adota a linguagem como constitutiva do sujeito, de natureza histórica e social. O interesse desta teoria de linguagem, segundo Coudry, é o de avaliar e compreender os processos de significação (patológicos ou não) presentes na linguagem do sujeito. Afirmar que é *enunciativa, porque importa a enunciação para o outro, em meio às contingências próprias de uso social da linguagem; discursiva, porque é a forma de a linguagem se expor como atividade significativa, estruturada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes* (Coudry, 2002, p. 111).

³⁷ O nome “Neurolingüística Discursiva” tem sido utilizado para caracterizar os trabalhos desenvolvidos na área de Neurolingüística do IEL, para diferenciar esta área das abordagens tradicionais – como a de linha americana, por exemplo – e a chamada Programação Neurolingüística (PNL). Dentre as preocupações da chamada ND, desenvolvida a partir dos trabalhos de Coudry, na década de 80, estão a avaliação das alterações de linguagem e as questões relativas às condutas terapêuticas. Ambas estão em relação e contribuem para um dos objetivos da área, que é o de teorizar sobre as afasias e sobre a relação entre o cérebro, a linguagem e a cognição.

Coudry (1988) criticou os trabalhos que reduzem as questões de linguagem às questões de língua no estudo das afasias; tais estudos se baseiam, sobretudo, nos modelos estruturalista e gerativista. Criticou ainda mais o fato de se conduzir condutas terapêuticas baseando-se nos resultados de tarefas metalingüísticas.

Um dos pressupostos teóricos que fundam a ND é o da indeterminação da língua(gem) humana, conceito desenvolvido por Franchi (1977). O autor afirma que, sendo a língua indeterminada, garante-se nela um espaço para a atividade do sujeito. Se fosse determinada, a cada nova ocorrência, pela simples combinação de elementos lingüísticos mediante regras necessárias, seu autor seria, de fato, o falante, não o *sujeito-falante*. Nas afasias, segundo Novaes-Pinto (1999), dependendo do grau de severidade do caso, os enunciados podem ser ainda mais indeterminados.

No caso dos processos referenciais com sujeitos afásicos, quando observamos as hesitações, auto-correções, dentre outros, percebemos que as principais dificuldades dos sujeitos parecem estar justamente em identificar e acessar, na fala do outro, elementos essenciais para a significação³⁸.

Os dados das afasias nos mostram que, quanto mais severa a afasia, mais o sujeito afásico se apóia nos enunciados de seus interlocutores e lança mão de fatores contextuais, pragmáticos, para produzir a significação pretendida. Muitas das parafasias produzidas nas situações dialógicas, pelos sujeitos desta pesquisa, são tentativas dos sujeitos em se aproximar o máximo possível daquilo que querem dizer. As questões colocadas neste capítulo serão retomadas no capítulo 4, para respaldar as análises sobre a emergência das parafasias, tanto nos testes de nomeação, que privilegiam as referências, quanto nos episódios dialógicos em que se flagra as atividades de construção conjunta da significação – ou das atividades referenciais – pelos sujeitos.

³⁸ Veremos, no capítulo 4, dedicado à emergência das parafasias, que os processos referenciais são muito mais complexos quando os sujeitos têm afasias mais graves, que interferem na produção. O sujeito MS, por exemplo, utiliza-se de uma fala telegráfica e organiza adequadamente os recursos lingüísticos, sobretudo lexicais, quando se dirige aos seus interlocutores. Apesar das dificuldades para nomear, na maioria das vezes consegue chegar ao seu *querer-dizer*. Outros sujeitos, como é o caso de SI, muitas vezes acabam desistindo do processo de construção referencial (primeiro tipo de referente de Neves) e ao mesmo tempo percebemos que não consegue identificar referentes nos enunciados dos outros.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1. Introdução

Assim como é uma preocupação da área de Neurolingüística o desenvolvimento de análises críticas sobre a semiologia das afasias, questões que dizem respeito à metodologia têm sido objeto de reflexão nos diversos trabalhos produzidos, dentre os quais os de Coudry (1988) e os de Novaes-Pinto (1999).

Grande parte da literatura sobre as afasias tem como objetivo a classificação dos fenômenos em *categorias clínicas* ou *síndromes*, normalmente baseadas em análises quantitativas, obtidas a partir da aplicação de testes metalingüísticos (nomeação, listas de palavras ou sentenças, etc), nos quais se privilegiam apenas os aspectos formais de produção ou compreensão, relegando outras capacidades de que os sujeitos dispõem a um segundo plano e mascarando as suas principais dificuldades. Em suma, nada dizem a respeito dos processos; pelo contrário, enfatizam apenas os resultados ou produtos que são visualizados em escores, com o objetivo de ressaltar as *competências perdidas* pelos sujeitos afásicos.

Nesse contexto, as parafasias são vistas sempre como um resultado negativo da sua produção em relação à palavra-alvo. Basta ver a terminologia adotada para se referir aos fenômenos. As dificuldades de acesso lexical são freqüentemente caracterizadas na literatura como *anomia* – ausência do nome, como WFD (Word Finding Difficulties) - *dificuldades de encontrar palavras* e pela produção de *parafasias* – sobre as quais discorreremos neste trabalho – com os seus fenômenos correspondentes na leitura e na escrita: *paralexias* (troca de letras e palavras na leitura) e *paragrafias* (trocas de letras e de palavras na escrita).

Embora seja possível detectar algumas das dificuldades dos sujeitos afásicos com relação aos níveis de organização do sistema lingüístico por meio das baterias de

avaliação, o uso exclusivo desses expedientes tem se mostrado inadequado para uma *compreensão real* das dificuldades dos afásicos – ou, poderíamos dizer, inadequado para a compreensão dos afásicos em *situações reais* e, mais grave ainda, inadequado para abordar a linguagem de *afásicos reais*. Novaes-Pinto (1999) critica a literatura neuropsicológica que postula um afásico-ideal, que de fato não existe, mas que é necessário para a sobrevivência de alguns modelos neuropsicológicos.

3.2. Caracterização do CCA

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) é um espaço de interação entre afásicos e não-afásicos, situado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi criado por um convênio entre o Departamento de Linguística do IEL e o de Neurologia, da Faculdade de Ciências Médicas (UNNE/FCM)³⁹, da UNICAMP, no final da década de 1980. Segundo Morato (2002a), um de seus objetivos é o de *desmedicalizar* o entendimento sobre as afasias:

O CCA reúne pessoas com e sem afasia - sujeitos que se tornaram afásicos, familiares, pesquisadores ou terapeutas - que procuram de alguma forma enfrentar as novas ocorrências (lingüísticas, cognitivas, sociais, subjetivas) emergidas com a afasia. Ocorrências em que procedimentos médicos ou farmacológicos não devolvem uma realidade lingüístico-cognitiva semelhante a que tinham antes da Afasia (Acidente Vascular Cerebral).

Os afásicos que constituem os grupos⁴⁰ são geralmente encaminhados por neurologistas do Hospital das Clínicas da UNICAMP⁴¹ ou por médicos da região que conhecem o trabalho ou ainda por indicação dos familiares ou amigos de algum afásico que frequenta o grupo.

³⁹ UNNE/FCM: Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística da Faculdade de Ciências Médicas.

⁴⁰ O CCA conta, atualmente, com três grupos, coordenados pelas docentes da área de Neurolingüística: Profas. Dras. Maria Irma Hadler Coudry (Grupo II), Edwiges Maria Morato (Grupo I) e Rosana do Carmo Novaes Pinto (Grupo III).

⁴¹ Quando são pacientes do HC da UNICAMP, um trabalho multidisciplinar é proposto, como fisioterapia e fonoaudiologia, além de serem encaminhados ao CCA. Mas há casos em que os sujeitos têm acompanhamentos fonoaudiológico e fisioterapêutico particulares.

O grupo do CCA se constitui como heterogêneo, pois dele participam pessoas de diversas idades, etnias e classes sociais. Participam das sessões os docentes responsáveis e os afásicos, alunos de graduação e de pós-graduação que realizam pesquisas na área, além dos estagiários do curso de Fonoaudiologia da UNICAMP.

Uma das premissas que guiam o trabalho dos pesquisadores é a de que a afasia é também uma questão social. Nesse sentido, o CCA foi formado com o objetivo de superar e enfrentar o isolamento social destas pessoas, proporcionando por meio de práticas de linguagem e de rotinas significativas para o grupo, um trabalho lingüístico-cognitivo, auxiliando-os na mobilização de recursos lingüísticos verbais e não-verbais. A preocupação também é a de (re)integrar os sujeitos em alguns círculos sociais que freqüentavam antes da afasia e na sociedade de forma geral. Muitas vezes os sujeitos são excluídos das práticas sociais porque os amigos e familiares não compreendem suas limitações e alterações lingüísticas. No CCA, os sujeitos são instigados a explorar os aspectos que constituem a linguagem e seu valor social. Nesse trabalho conjunto, entre afásicos e interlocutores não-afásicos, diversos movimentos de sentido são mobilizados: enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais), cognitivos (mnêmicos, perceptivos, inferenciais), para se posicionarem em relação ao mundo, aos outros ou a si mesmos (Morato, 2002a).

As pesquisas em torno do CCA estão direcionadas para se entender a forma pela qual os sujeitos afásicos atuam no espaço do discurso, baseadas numa perspectiva sócio-cultural de linguagem e cognição. Alguns movimentos teóricos-metodológicos quanto à caracterização do CCA podem aqui ser destacados, segundo Morato (2005b):

- i) prática discursiva em que o Centro, por um lado, é tomado como objeto de análise e por outro, como cenário possibilitador de uma nova relação dos sujeitos afásicos com a linguagem;*
- ii) em consequência das redes de significações e propriedades interativas, o Centro é percebido como comunidade discursiva e de práticas em contínua construção; e*
- iii) o Centro como provocador e revelador de uma competência pragmático-discursiva que não parece se destruir ou desaparecer com a afasia.*

Segundo Túbero (2006), o CCA é um local onde se compartilha a troca de experiências e informações, servindo como mobilizador de elementos pré-construídos partilhados (ou não), evidenciando o caráter enunciativo-discursivo, o que acaba constituindo uma memória discursiva partilhada, tornando-se importante para a constituição dos sujeitos que podem ser vistos como membros de uma comunidade, devido ao compartilhamento de fatores ou de movimentos de identificação recíproca, sobretudo a semelhança nas histórias individuais devido à afasia. O sujeito participante nesse espaço discursivo que é o CCA é tomado não apenas como sujeito concreto, nas dimensões psíquicas, sociais e culturais que o caracterizam, mas como sujeito do discurso e, portanto, heterogêneo em sua dimensão enunciativa e nas diferentes formas nas quais ele se dá na constituição mesma do discurso.

O CCA, segundo Morato (2005b), se afastaria do caráter de uma “grupoterapia” tradicional, que teria o objetivo de recuperação de determinadas habilidades lingüísticas e cognitivas, estruturada na relação terapeuta-paciente, com a expectativa de apenas compensar as perdas de habilidades. Atua de forma positiva em diversos âmbitos *na recuperação do paciente, na restituição de papéis sociais, na partilha de um espaço simbólico, no fortalecimento de quadros interativos, na recomposição da subjetividade.*

Passamos, a seguir, aos dados neurolingüísticos dos sujeitos que fazem parte desta pesquisa.

3.3. Caracterização dos sujeitos da pesquisa⁴²

Os sujeitos desta pesquisa são **MG**, **MS**, **JM** e **SI**, cujos dados serão apresentados abaixo. Todos têm como causa da afasia a ocorrência de AVCs e estão numa faixa etária que varia muito pouco, para termos de comparação: de 59 a 74 anos. Como veremos no capítulo dedicado às análises, a variável que mais pode interferir no desempenho dos sujeitos no teste é o grau de escolarização e de letramento. No item 3.4

⁴² Muitos dos dados referentes à caracterização dos sujeitos e localização da lesão foram extraídos do *Histórico Neurolingüístico dos sujeitos afásicos*, organizado pelo grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, a partir de informações contidas nos protocolos do HC e das pesquisas realizadas na área de Neurolingüística do IEL.

justificaremos a escolha desses sujeitos. Vale salientar que utilizaremos também dados de outros sujeitos afásicos, além destes que fazem parte da pesquisa, para ilustrar alguns dos fenômenos.

3.3.1. O sujeito MG⁴³

Trata-se de uma senhora brasileira, solteira, nascida em 1948, destra, agente de turismo recém aposentada na época da ocorrência do AVC. É formada em Contabilidade. Antes do derrame, gostava de ler romances, jornais e revistas diversas. Não gostava muito de escrever, restringindo-se às necessidades profissionais com sua agência de viagens.

Em 1999, portanto com 51 anos, teve um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi) que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda. Foram reveladas também seqüelas no tálamo e no lobo frontal, além do AVCi lacunar na região subcortical, de transição têmporo-parietal à direita.

Sua afasia é de predomínio expressivo (não-fluente), com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial, além de uma dispraxia construcional. Em sua linguagem observam-se de maneira consistente dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de uma produção verbal muitas vezes laboriosa, com perseveração e com a produção de parafasias de várias naturezas - fonológicas em especial – como veremos nos dados, às vezes *deformantes* ou *neologizantes*⁴⁴ com procedimentos de auto-correção, como procuraremos apontar no próximo capítulo.

MG frequenta o CCA desde 2001.

3.3.2. O sujeito MS⁴⁵

Senhor brasileiro, divorciado cinco vezes, destro, nascido em 1946. Fez curso superior em Letras e atuou como professor, jornalista e ator de teatro. Trabalhava como

⁴³ Sobre outras pesquisas realizadas com MG ver, por exemplo: Rapp (2003); Cazelato (2003); Pereira (2003); Cruz (2004) e Macedo (2005).

⁴⁴ A respeito desses conceitos, consultar o Capítulo 1, no item 1.4, referente à semiologia das afasias.

⁴⁵ Pesquisa realizadas com este sujeito, ver em: Macedo (2006).

professor de inglês em um cursinho de Campinas quando sofreu o AVC. Antes do derrame, lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais; após o AVC continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior, o que o incomoda. Consegue escrever no computador, mas, por sua exigência com a norma culta, copia os textos (como, por exemplo, as sinopses dos filmes que assiste) ou necessita de ajuda para redigir. Frequenta semanalmente cinema, teatro e apresentações musicais e viaja muito ao exterior.

Em 2002, aos 56 anos, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) que deixou como seqüela um déficit motor no domínio direito (hemiparesia). Sua afasia é caracterizada por dificuldade para encontrar palavras, produção de parafasias fonológicas, mas também semânticas, e por uma disartria leve. Apresenta uma fala telegráfica que acreditamos ser mais em decorrência de uma adaptação às dificuldades, principalmente a de encontrar palavras, não estando ligada a um quadro de agramatismo.

MS frequenta o CCA desde 2004.

3.3.3. O sujeito JM⁴⁶

Senhor brasileiro, casado, com dois filhos, destro, nascido em 1933. Completou o ensino médio e fez vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração. Antes do episódio neurológico, atuava como vendedor, negociando produtos de papel e jornal, além de fazer negócios por telefone. Escrevia basicamente “telex” e cartas para clientes. **JM** gostava muito de ler revistas, jornais e livros policiais. Aposentado, **JM** frequenta o Sesi de sua região, fazendo natação e cursos ali oferecidos (fez curso de marcenaria, especializou-se em marchetaria, desenvolvendo a manufatura de pequenos objetos em madeira). É acompanhado também pelo Setor de Fonoaudiologia da DERDIC (PUC-SP).

Em 2000, aos 67 anos, **JM** teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldades na fala e alteração do movimento do lado esquerdo. De acordo com exame neurológico, realizado no Hospital das Clínicas da UNICAMP em 2002, **JM** apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica, tendo a escrita

⁴⁶ Pesquisas realizadas com este sujeito, ver em: Cazellato (2003); Pereira (2003); Cruz (2004); Macedo (2005)

relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e também parafasias. Quanto à leitura, consegue fazê-la bem em voz alta, e é capaz de se referir ao que já foi lido, embora não consiga recontar um texto inteiro.

A fala de **JM** é caracterizada por dificuldades de encontrar palavras, perseverações, dificuldades predicativas e produção de parafasias predominantemente lexicais e semânticas, embora também produza parafasias fonológicas.

JM frequenta o CCA desde 2001.

3.3.4. O sujeito **SI**⁴⁷

Senhora brasileira, nissei, casada e mãe de quatro filhos, destra, nascida em 1940. Seu grau de escolaridade é de ensino fundamental básico (até a quarta série do primeiro grau). Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Por alguns anos após o AVC, ajudou os filhos a cuidarem de uma relojoaria, numa cidade próxima a Campinas.

Segundo **SI**, sua língua materna foi o japonês, mas a partir dos seis anos, quando passou a frequentar a escola no sítio em que vivia, o português passou a ser a língua do seu cotidiano. **SI** relata que os pais falavam japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam português. Com o marido japonês, sempre falou português.

Em 1988, aos 48 anos, **SI** sofreu um AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial apresentou discreta paresia à direita. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 1992, mostrou hipodensidade, comprometendo o lobo frontal, ínsula esquerda e tálamo esquerdo. Sua afasia se caracteriza por algumas dificuldades de compreensão; sua linguagem oral apresenta *iterações* (repetições), acompanhada de dificuldades para encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de uma discreta apraxia buco-facial e construcional. Antes do AVC, entendia o japonês e compreendia alguma coisa da escrita ideográfica, mas após o AVC, segundo ela, perdeu esta capacidade.

⁴⁷ Pesquisas realizadas com este sujeito, ver em: Novaes-Pinto (1999); Santana (1999); Mármora (2000); Pereira (2003); Lima (2004).

SI frequenta o CCA desde 1990.

3.4. Aspectos metodológicos do desenvolvimento da pesquisa

3.4.1. A seleção dos sujeitos

Para ilustrar o fato de que sujeitos com diferentes formas de afasia produzem parafasias de diversas naturezas (fonético-fonológicas, lexicais e semânticas, muitas vezes *neologizantes*), foram selecionados dois afásicos que consideramos não-fluentes (MG e MS) e dois fluentes (JM e SI). É importante enfatizar que, apesar de todos os problemas que envolvem a noção de *fluência*⁴⁸, pensamos que ainda seja melhor do que nos referirmos à linguagem dos sujeitos relacionando-a aos *locais* da lesão: anteriores ou posteriores, Broca ou Wernicke já que pesquisas atuais, como a de Dronkers⁴⁹ (2000), mostram o quanto podemos nos enganar com relação ao local da lesão, após analisar as características da linguagem de um sujeito afásico. Novaes-Pinto & Santana (2007) retomam os dados de Dronkers, ao analisarem criticamente a semiologia das afasias, com base no que se sabe hoje sobre o funcionamento cerebral.

Segundo Dronkers, estima-se que cerca de 15% de pacientes com *afasia de Broca crônica* não têm lesão na área de Broca e cerca de 35% de afásicos de Wernicke não têm lesão na área de Wernicke. A afasia de condução, por sua vez, geralmente atribuída a lesões na região do fascículo arqueado (entre as regiões de Broca & Wernicke, o que explica o nome *de condução*), ocorre geralmente devido a lesões no lobo parietal inferior.

⁴⁸ A noção de fluência foi criticada por Scarpa (1995), principalmente com relação aos testes psicolingüísticos. Scarpa cita Hedge (1978), que afirma que *fluência é melhor definida como uma unidade de resposta destituída de disfluências, prolongamentos e pausas*. O centro de interesse dos investigadores, afirma a autora, *é o de explorar as causas e características da face desviante (ou patológica – com todo o peso que este termo envolve) da disfluência, o oposto radical do termo neutro e ideal da fluência*. (Scarpa, 1995 *apud* Novaes-Pinto, 1999). Esta questão nos remete à dificuldade de separar, de modo claro, com critérios objetivos, pela linguagem dos sujeitos, dentre outros, a afasia fluente da não-fluente, o agramatismo do paragramatismo, a parafasia fonológica da lexical, etc. Não nos aprofundaremos neste ponto neste trabalho, mas reconhecemos a relevância dessas questões para uma melhor compreensão da semiologia das afasias.

⁴⁹ Os estudos de Dronkers são relatados por Mansur & Radanovic (2004) para tratar das variações entre as afasias e a topografia das lesões cerebrais.

É interessante relatar que no início desta pesquisa os sujeitos foram selecionados a partir de suas dificuldades e pressupondo que **MS** e **MG** teriam lesões anteriores – com uma afasia clássica de Broca, enquanto **JM** e **SI** teriam lesões posteriores, dadas a produção de parafasias semânticas e a ausência de dificuldades articulatórias, dentre outras. A surpresa foi constatar, pelos dados dos históricos neurolingüísticos e encaminhamentos dos neurologistas, que **MG** tem uma lesão predominantemente posterior e **SI** tem também comprometidas partes da região anterior. Não cabia, portanto, agrupar ou separar os dados dos sujeitos pela região topográfica da lesão, mas pelas características lingüísticas dos quadros, já que a Lingüística é o nosso posto de observação.

Outra justificativa para a escolha dos quatro sujeitos é a de que seria possível contrapor dados do Teste de Nomeação com aqueles obtidos em situações dialógicas, já que todos freqüentam as atividades do CCA⁵⁰.

3.4.2. Utilização do teste de Nomeação da Bateria de Boston

O Teste de Nomeação da Bateria de Boston (Kaplan, Goodglass & Weintraub, 1983) é o instrumento mais utilizado no mundo todo para a avaliação de afasias e também para avaliar demências e declínios cognitivos. Criticamos, no TNB, a má qualidade dos desenhos - o “aspargo” – que se parece com um espinho; o “martelo” – que se parece com uma *gilete* ou aparelho de barbear) e também o fato de que uma grande porcentagem das figuras são de *baixa freqüência* na língua⁵¹ (pergaminho, esfinge, ábaco, aldrava, estetoscópio, unicórnio, dentre outras) e ainda por pertencerem a uma variante da língua altamente escolarizada (Novaes-Pinto, 1999; Mansur & Radanovic, 2004). Os pesquisadores continuam se utilizando do teste para contrapor seus resultados aos de outros cientistas que lidam com o tema.

⁵⁰ Todos os sujeitos desta pesquisa freqüentam o Grupo I do CCA, sob a coordenação da Profa. Dra. Edwiges Maria Morato.

⁵¹ Segundo Mansur et al. (2006, p. 3), *a freqüência da palavra tem sido relacionada à experiência, necessidades, ocupação, cultura e inúmeros outros fatores individuais, que determinam a relevância do estímulo para o indivíduo. A apresentação de itens, numa forma prototípica, busca minimizar o efeito da experiência individual.*

No caso específico do teste de nomeação, a ênfase está na produção do nome, associado a um *referente* (um objeto do mundo real: banco, pente, tesoura) ou de um mundo imaginário (unicórnio), com palavras de alta frequência na língua (cama, barco) ou baixa frequência, geralmente aprendidas em contextos escolares (ábaco, pergaminho, esfinge). O TNB (Teste de Nomeação de Boston) é constituído por 60 figuras. Os resultados obtidos nessas baterias são quantificados e submetidos a uma análise estatística, a fim de que possa receber da comunidade científica seu aval.

Segundo Mansur et al. (*ibidem*), os escores usados no Brasil têm sido os mesmos da versão americana. No caso de indivíduos pouco escolarizados com lesões cerebrais, situação frequente em nosso país, corre-se o risco de considerar déficit o que na realidade é desconhecimento e *privação cultural*⁵². Os resultados que as autores obtiveram com um grupo de 133 voluntários *normais* (não-afásicos), com idades entre 28 e 70 anos, revelam que o nível educacional mais alto determinou a melhor *performance* dos sujeitos, tanto para a nomeação espontânea quanto para as facilitações (com os *promptings*). Para os indivíduos com menor escolaridade, foi necessário o fornecimento de um maior número de pistas. Já as pistas fonêmicas beneficiaram os indivíduos com mais de 8 anos de instrução formal. As autoras concluem que a variável que mais influenciou o desempenho no TNB foi a escolaridade e julgam que a versão traduzida para o português a partir da versão em língua inglesa, sem adaptações, para a população brasileira, é possível, desde que o nível educacional seja levado em conta na interpretação dos resultados.

Se optarmos por nos ater, ao aplicar o TNB, apenas aos escores, perdemos o que de fato é muito mais relevante do que a quantidade de acertos e erros: os processos que revelam a busca dos sujeitos nas atividades de nomeação e, nos casos de produção de parafasias, a oportunidade de compreender a relação entre a palavra produzida e a palavra-alvo, ilustrada no teste. Há, nos testes, a ilusão de que o nome se liga à coisa, sem a língua para intermediar.

Observa-se que os testes de nomeação favorecem a produção de parafasias - tanto fonológicas, quanto lexicais e semânticas, devido ao fato de se centralizar no

⁵² Termo utilizado pelas autoras. Talvez o mais apropriado seria dizer que se trata de diferenças culturais, não de privação.

significante. Muitas vezes as parafasias produzidas têm pequenas distorções em relação à palavra-alvo, mas como a metodologia de aplicação das baterias normalmente não permite que se questione a resposta dada pelo sujeito, são tomadas por produções neologizantes.

Deve-se enfatizar que, nesta pesquisa, o TNB não foi aplicado de acordo com o manual de Kaplan, Goodglass & Weintraube⁵³. Não foi dado aos sujeitos um tempo em segundos para a resposta e nem contabilizou-se como *erro* uma resposta diferente da palavra-alvo. Buscamos construir o *significante* juntamente com os sujeitos, dialogicamente, em atividades referenciais, oferecendo pistas semânticas, promptings, sintagmas ou contextos pragmáticos em que a palavra buscada pudesse emergir, como se pode observar nos dados que serão mostrados no capítulo 4, tanto relativos à aplicação do TNB quanto nos episódios dialógicos.

No caso de MS, uma outra variante foi introduzida na aplicação do teste, já que o sujeito é altamente letrado e porque foi professor de Inglês em cursinhos por muitos anos⁵⁴. Foi sugerido a MS que ele dissesse, durante a apresentação de cada figura, a primeira palavra que lhe ocorresse, em Português ou Inglês.

Apesar de todos os problemas teóricos e metodológicos que cercam a aplicação de testes como o TNB, as justificativas para utilizá-lo nesta pesquisa são basicamente duas: i) controlar uma situação experimental, já que objetivamos avaliar as dificuldades que os sujeitos têm para nomear⁵⁵, bem como compreender quais as outras formas alternativas das quais se utilizam para se referirem a um objeto, cuja referência é dada pelo teste e ii) possibilitar a comparação dos resultados entre os quatro sujeitos de nossa pesquisa, já que o *objeto* (referente no sentido estrito, objeto de mundo) identificado por meio da figura é o mesmo para todos, a fim de se observar se há diferentes formas de parafasias produzidas

⁵³ Tradução livre, a partir da edição espanhola da bateria de testes: *Evaluación de la afasia y de transtornos relacionados*, Editorial Médica Panamericana, S. A. – 2ª edição. Título original: *The Assessment of Aphasia and Related disorders*.

⁵⁴ Este teste foi aplicado desta forma a MS por Kleppa e Novaes-Pinto, em 2006, para verificar a sua fala telegráfica e dificuldades de nomeação, objetos de estudo de suas pesquisas. Por outro lado, interessa também a esta pesquisa porque permite observar a forma da organização do léxico nas duas línguas e suas inter-relações.

⁵⁵ Em dados de episódios dialógicos, em muitos momentos não conseguimos chegar àquilo que o sujeito pretende dizer – ao seu *intuito discursivo* (Bakhtin). Ver, por exemplo, os dados de Novaes-Pinto (1999).

por sujeitos com lesões em diferentes regiões cerebrais e quais são as hipóteses que podemos prover para explicar a relação entre as palavras pretendidas e as realizadas.

Este instrumento de avaliação já foi utilizado por Novaes-Pinto (1999, 2006)⁵⁶, com o objetivo de demonstrar que os resultados não podem ser utilizados em favor da hipótese de que os afásicos não conseguem nomear. Os escores não condizem com as dificuldades dos sujeitos em situação de uso efetivo da língua, no exercício social da linguagem. A autora critica a qualidade das figuras e a forma como os erros são pontuados. Durante a aplicação do teste, a autora pôde observar que seria possível trabalhar com ele de forma interativa e dessa forma inferir sobre os *processos* realizados durante as atividades referenciais.

Com relação à caracterização das parafasias, portanto, os dados obtidos nos testes de nomeação, embora restritivos se considerada a natureza dialógica da linguagem, são expedientes complementares para atingir os objetivos desta pesquisa.

3.4.3. Dados obtidos em situações dialógicas

Como vimos acima, muitos trabalhos da área de Neurolingüística do IEL têm insistentemente problematizado a questão de que a literatura tradicional baseia-se exclusivamente nos resultados de aplicação de testes metalingüísticos, o que acaba reduzindo a complexidade dos fenômenos afasiológicos, uma vez que ao abordarem unidades isoladas, de forma descontextualizada - como o som, a palavra e no máximo a sentença ou oração - dão uma falsa avaliação da *competência* lingüística dos falantes. Os fenômenos são geralmente descritos em termos de perdas dessa competência.

Os testes de nomeação restringem-se a um único tipo de significação, ao qual Lyons (1981) chama de *significado descritivo*, ou seja, o sujeito faz referência a um objeto do mundo. Nas atividades dialógicas, por outro lado, em que há um funcionamento real da linguagem, o significado descritivo passa a ser apenas um dos processos de significação

⁵⁶ Tese de Doutorado *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas e no Projeto de Pós-Doutorado (2006, em andamento): Processamento lexical: considerações a partir da análise lingüística de dados obtidos em situações dialógicas e em condições experimentais* (título provisório), realizado no Departamento de Neurologia, Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística da FCM.

possível e não é o mais relevante nas atividades lingüísticas de sujeitos afásicos e não-afásicos. Os *objetos de discurso* são construídos em ação colaborativa com os outros sujeitos, afásicos e não-afásicos. A interação, nesse sentido, é ponto de convergência para a construção desses referentes ou dos sentidos, não a sua fonte. Assim, o conhecimento lexical não seria relevante isoladamente, e sim numa perspectiva dos indivíduos em interação, no processo de categorização e referenciação (Marcuschi, 2002).

Foram selecionados, para esta pesquisa, dados de episódios dialógicos do período compreendido entre 2003 e 2004. Como é impossível, pelo número de parafasias encontradas, fazermos neste trabalho uma análise de todas as condições de emergência das mesmas, optamos por apresentar, ao final desta dissertação, os anexos IV e V, com dados que deverão servir para trabalhos posteriores⁵⁷, mas que podem também ilustrar as questões tratadas nesta pesquisa.

Os episódios das sessões do CCA são filmados, digitalizados e posteriormente transcritos com base nas normas do projeto NURC, com adaptações feitas⁵⁸ para dar conta das especificidades da linguagem dos afásicos, com atenção especial à linguagem não-verbal.

Foram selecionados os trechos dos episódios dialógicos em que há produção de parafasias de diferentes tipos, envolvendo predominantemente os sujeitos desta pesquisa – **MG, MS, JM e SI** – mas também outros dados interessantes produzidos por outros sujeitos do grupo, inclusive aqueles em que ocorrem paralexias e paragrafias e ainda parafasias ou lapsos em sujeitos não-afásicos.

3.5. Questões metodológicas relativas às análises

Perroni (1996) salienta que as pessoas recorrem ao método experimental devido às vantagens que este, supostamente, daria para a obtenção de informações que não

⁵⁷ Alguns desses dados já constam em um projeto que estou desenvolvendo para apresentar ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do IEL, como requisito parcial do Processo Seletivo do Doutorado.

⁵⁸ Cada grupo de pesquisa e cada coordenadora de grupo do CCA adotam diferentes procedimentos para a transcrição de dados, que melhor convém às questões de pesquisa de seu interesse. O Projeto NURC (Norma Urbana Culta) serve, geralmente, de base para as transcrições, a partir do qual as adaptações são propostas.

poderiam ser obtidas pela observação e também pela *replicabilidade* – a possibilidade de outros pesquisadores aplicarem os testes com um grande número de sujeitos, - o que levaria à *generalidade* - possibilidade de tomar os sujeitos como representantes de um processo que se desenvolveria de forma uniforme na mente humana. Entretanto, segundo Perroni, o controle das variáveis não significaria a obtenção de um resultado inquestionável, afirma a autora. Afinal: “*Qual seria a distinção entre significância estatística e confiabilidade? Além disso, a noção de porcentagem atestaria a normalidade/ normatividade e serviria para estabelecer relações causais, causas estas que anulariam as diferenças individuais e a história. O dado assim colhido não é individual; é, antes, do grupo, como abstração* (Perroni, *ibidem*, p. 20 *apud* Novaes-Pinto, 1999)⁵⁹.

Os dados analisados de forma qualitativa, segundo Lüdke e André (1986), tendem a seguir um processo indutivo. Nessa perspectiva, os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovariam uma hipótese definida anteriormente à pesquisa, mas que se consolidariam a partir da inspeção dos dados. A não existência de hipótese prévia não significa a inexistência de uma teoria que oriente a coleta e análise dos dados, salientam os autores. Segundo Bogdan e Biklen (1982, *apud* Lüdke e André, *ibidem*), a pesquisa e análise qualitativa, por envolver a obtenção de dados descritivos, que se obtém por um contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizaria o processo ao invés do produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes.

Na abordagem quantitativa (Lüdke e André, *ibidem* p. 13), o pesquisador se mantém o mais separado possível do objeto que estava estudando para que suas idéias, valores e preferências não influenciem o seu ato de conhecer, pois *assim se procuraria*

⁵⁹ Novaes-Pinto (1999, p. 103) resume as questões colocadas por Corrêa (1995): *a situação experimental pode gerar resultados que não podem ser generalizados para outros sujeitos e outras situações. Haveria que se considerar que as variáveis controladas num teste interagem em situações não-controladas com outras variáveis. Os resultados podem ser frutos do modo como o sujeito da experimentação lida com a tarefa em questão, tentando inferir as expectativas do experimentador e, conseqüentemente, adotando estratégias que a elas correspondam. Para que se considerem os resultados experimentais e para que possam ser incorporadas no desenvolvimento de uma teoria, deve-se, segundo a autora, ampliar o número de variáveis observadas e suas possíveis interações. Outra alternativa seria a de se ampliar o número de sujeitos envolvidos, para minimizar os efeitos da artificialidade do modo com que cada um interage com a situação experimental. Uma questão a ser verificada é quanto o isolamento e o controle de variáveis descaracterizam o fenômeno investigado. Uma saída para aproximar condições experimentais de situações naturais seria a inserção de enunciados lingüísticos em contextos que tornem sua utilização funcional.*

garantir uma perfeita objetividade, isto é, os fatos, os dados se apresentariam tais quais são, em sua realidade evidente. O conhecimento se faria de maneira imediata e transparente aos olhos do pesquisador.

Segundo Coudry (1996), os dados em neurolinguística na maioria das vezes seriam orientados pela psicometria⁶⁰ na sua construção. O método tem a estatística como questão central e permite estudar o conjunto de variáveis. Sua finalidade seria descrever por distribuição complementar, por contagem, e criar ou manter dissociações em diferentes níveis, afirma Coudry. Na Neurolinguística tradicional, o desenvolvimento dos testes de nomeação constituiu-se como instrumento dominante de avaliação dos pacientes cérebro-lesados, apontando para as competências que os sujeitos afásicos perderam. Algumas produções, como é o caso das parafasias, são vistas sempre como um resultado negativo, como já foi apontado anteriormente, em relação à palavra-alvo e considerando-se a linguagem de sujeitos não-afásicos. Segundo Coudry (1996) esta abordagem não descreve a linguagem como um todo.

A valorização da estatística na análise dos dados, segundo Novaes-Pinto (1999) foi reflexo de um fenômeno ocorrido de forma geral nas ciências, por influência das correntes positivistas. Entretanto, não podemos reduzir a ação humana a um método mecânico do conhecimento ou mesmo ao naturalismo, salienta a autora. Isso não equivale negar o caráter científico das abordagens qualitativas que podem revelar aspectos dos *processos* envolvidos, ao contrário das análises centradas em estudos estatísticos dos fenômenos linguísticos, cujos parâmetros só podem ser tomados para a avaliação de parte do *sistema* linguístico, e não da linguagem em funcionamento. Freitas (1997, p. 316) afirma que Vigotsky e Bakhtin são autores que romperam com a positividade das ciências de seu

⁶⁰ Como o principal objetivo desta abordagem é medir o comportamento linguístico e quantificá-lo, o empenho da neurolinguística foi desenvolver baterias de teste que acabaram por se constituir no instrumento dominante de avaliação linguístico-cognitiva. A definição de Psicometria, nas palavras de Coudry, é a seguinte: *A psicometria é um conjunto de técnicas de natureza estatística, que permite estudar um conjunto de variáveis ou comportamentos psicológicos, dentre os quais a linguagem. Ela caiu como uma luva para os interesses diagnósticos de avaliação da linguagem perturbada por lesões cerebrais e neurodegenerescências senis. A finalidade dos estudos psicométricos é descrever por distribuição complementar, por contagem, e criar ou manter dissociações, de diferentes níveis, tais como sensorio/motor; expressão/compreensão.*

tempo, inaugurando uma outra forma de fazer ciência, onde tem lugar o ético, o estético e o afetivo:

Ambos não se detém numa forma monológica de ciência que buscando a explicação dos fatos, contempla os objetos mudos. Eles vão mais além numa proposta dialógica de ciência, em que o que se quer obter é compreensão. O homem não pode ser explicado como fenômeno físico, como coisa, mas sendo pessoa, tem que ser compreendido em suas ações. Uma compreensão ativa, que propõe o encontro de dois sujeitos que tendo voz se encontram no diálogo. O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Este ser jamais coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e importância (...).

A possibilidade de se compreender processos mais gerais, a partir de fenômenos observados em episódios individuais, singulares, caracteriza a abordagem metodológica da Neurolingüística Discursiva. As palavras de Abaurre (*apud* Novaes-Pinto, 1999), ilustram esta concepção: *Como lingüista, interessa-me compreender a relação sujeito/linguagem, já que me parece parcial, reducionista e inadequada qualquer teoria da linguagem que a toma como objeto pronto e acabado, fora dos sujeitos.* Para terminar este capítulo, ficaremos com a reflexão de Abaurre (*apud* Novaes-Pinto, 1999, p. 113) a respeito de uma abordagem mais totalizante da linguagem, característica de uma época anterior aos estudos estruturalistas, em que grifamos as passagens que mais nos impressionam:

*Lembre-mos, inicialmente, dos procedimentos que caracterizavam a investigação filológica e a relação do estudioso com os dados de linguagem, em um momento que antecedeu a chamada preocupação 'científica' com os estudos lingüísticos. É sabido que os filólogos do século XIX eram, por força das circunstâncias teóricas e filosóficas de seu tempo, uma espécie de garimpeiros da linguagem em suas manifestações escritas. Sem disporem, ainda, de um quadro teórico que lhes definisse com clareza as questões relevantes para a investigação lingüística e um conjunto de hipóteses a serem testadas, os filólogos não podiam interessar-se senão pelos dados, no sentido mais trivial do termo. Olhavam, assim, com o mesmo interesse, para ocorrências que, se em alguns casos podiam ser unificadas em termos de alguma 'lei' relativamente geral, em outros se revelavam meramente episódicas. **Embora atentos para possíveis regularidades – que tentavam explicitar com os recursos teóricos de que dispunham – não podiam, por outro lado, permitir-se ignorar a variação constitutiva do próprio material com o qual trabalhavam.** Na medida em que não eram previamente selecionados por um quadro teórico que privilegiasse questões específicas, os seus dados eram, em um certo sentido, todos os dados que estivessem disponíveis para observação. A filologia não podia, portanto, descartar a priori os detalhes, e os filólogos, de certa forma, assemelham-se a*

detetives, na sua busca constante de pistas interessantes para investigações. Ao inaugurar a abordagem dita 'científica' da linguagem, com ênfase em descrições orientadas para a busca das estruturas que subjazem aos enunciados, passou a lingüística a preocupar-se com a constituição dos corpora adequados à aplicação de procedimentos de descoberta que, associados a rígidos princípios metodológicos, garantiam, por assim dizer, a revelação das regularidades dos comportamentos lingüísticos sistemáticos, ocultos nos dados.

Inspirados por Vigotsky, Bakhtin, Perroni, Corrêa, Ludke & André, Coudry e Abaurre, esta pesquisa parte da busca das parafasias como num processo de garimpagem, ora relacionando-as às características individuais de cada um dos sujeitos, ora buscando-se relacionadas a processos mais gerais.

CAPÍTULO 4

EMERGÊNCIA DE PARAFASIAS EM SITUAÇÕES DE AVALIAÇÃO METALINGÜÍSTICA E EM EPISÓDIOS DIALÓGICOS

4.1. Introdução

Como foi dito nos capítulos anteriores, os dados sobre os quais trabalhamos nesta dissertação foram selecionados de dois diferentes *corpora*: da aplicação de testes de nomeação a quatro sujeitos - **MG**, **MS**, **SI** e **JM** - com diferentes tipos de afasias e de dados obtidos em situações dialógicas, em interações entre sujeitos afásicos e não-afásicos em sessões do CCA, nos quais podemos observar os mesmos sujeitos e outros para os quais o teste não foi aplicado.

Apresentaremos primeiramente dados obtidos com a aplicação do Teste de Nomeação de Boston (TNB). Procuraremos, nas análises, explicitar a semiologia das parafasias, tratada no capítulo 1 e, à medida que os fenômenos forem sendo apresentados, relacioná-los a algumas das categorias utilizadas no capítulo 2.

Como foi tratado no capítulo 3, não seguimos as normas de aplicação que constam do manual da Bateria de Boston, uma vez que nosso propósito não era o de quantificar e nomear um sintoma, no caso a *anomia* ou a produção das parafasias. Na literatura tradicional, a quantificação e a análise estatística são feitas para definir, juntamente com outros sub-testes, a categoria clínica ou tipo de afasia do sujeito.

Não foram dadas, na grande maioria das vezes, as pistas semânticas⁶¹, pois normalmente quando o afásico não consegue nomear é porque tem dificuldade de selecionar, dentre as unidades lexicais possíveis (segundo Jakobson, em presença), aquela que de fato corresponde ao objeto (referente). Não se trata, portanto, de não reconhecer a figura ou o objeto. Não podemos nos esquecer, entretanto, que muitas vezes o sujeito não nomeia porque a qualidade das figuras é ruim (Novaes-Pinto, 1999), ou seja, ele não

⁶¹ No teste de Nomeação de Boston, se o sujeito não consegue nomear a figura, na próxima tentativa o investigador tem que fornecer uma pista semântica. Por exemplo, se ele não nomeia quando é mostrada a figura de uma *cama*, o investigador lhe diz: *é onde você dorme* ou *uma peça da mobília da casa que fica no quarto*, etc.

reconhece o referente. Pode ocorrer, também, que ele não saiba do que se trata. Não há como identificar e reativar, utilizando-se aqui da terminologia de Koch, se o sujeito não conhece o objeto. Conforme nos aponta Mansur & Radanovic (2004), o letramento é a variável que mais interfere nos resultados do TNB. Dessa forma, não há possibilidade de que seja *reativado*. Veremos exemplos disso ao analisarmos as respostas do sujeito **SI** na aplicação do teste.

Os dados se caracterizam por recortes selecionados a partir dos diferentes tipos de parafasias. Em outras palavras, a própria seleção já é uma das etapas da análise, já que envolve princípios de classificação ou categorização.

A seleção dos dados do TNB abaixo apresentados foi feita a partir das transcrições que estão integralmente nos anexos II e III desta dissertação. O anexo II contém as transcrições de **JM** e **SI** e o anexo III os dados de **MG** e **MS**. Os anexos IV e V, por sua vez, traz dados de parafasias em situações dialógicas. Todos os anexos poderão ser referidos ao longo deste capítulo como outros exemplos ilustrativos desses fenômenos e que deverão servir para futuras pesquisas sobre o tema.

4.2. Seleção de dados de parafasias fonológicas em situações de teste e episódios dialógicos

4.2.1. Parafasias fonológicas no TNB

Os dados que se seguem têm como objetivo ilustrar o fato de que as parafasias estão presentes, assim como afirmava Wernicke (1874, *apud* Rapp, 2003), nas diversas formas de afasia. Com relação às parafasias fonológicas, apresentamos dados dos quatro sujeitos desta pesquisa, nos momentos em que este tipo de produção ocorre.

Vejamos os dados:

Dado 01

Palavra-alvo: *cactos*

MS: hu::m... ai ai... cá-ti-cos...

Irn: ok... cactos

MS: [I::sso... isso

Dado 02

Palavra-alvo: *apito*

MG: **a-mi-to**

Irn: ok...

Dado 03

Palavra-alvo: *tesoura*

MG: **ca... ti-do-ra** /ka/ /tiˈdora/ ((risos))

Dado 04:

Palavra-alvo: *cabide*

MG: **ca...**

Irn: ta certo.. cá...

((MG olha e eleva a mão para o alto))

MG: **ca-mi-ne-ro**

Dado 05

Palavra-alvo: *helicóptero*

MG: ai

((escreve algo na mesa com a mão))

MG: ai esse aqui eu... eu sei o que dé... mas eu não sei... ((risos))

Irn: mas você sabe como chama isso...

MG: sei

Irn: e::

MG: e

Irn: e:: e... li...

MG: **e-li-tópeto** ((risos))

Irn: ok

Dado 06:

Palavra-alvo: *avelã*

SI: é::: co co co co como é o nome?... é::: é... sempre a Áurea compra

Iir: a Áurea sempre compra?

SI: ô:::...

Iir: é de comer... tem aquelas casquinhas que tem que tirar.

SI: é então...

Iir: eu adoro isso...

SI: é ó:::

Lir: a:... avê::
SI: a:... avê... ó meu Deus do céu...ichi..
Lir: faz parte da família das amêndoas... avê::
SI: é ((risos))
Lir: avelã
SI: ah é? Ó... **abê abê abêlã...** óia...

Dado 07:

Palavra-alvo: *pergaminho*

JM : hum...

Lir: antigamente eles escreviam aquelas cartas né?

JM : é

Lir: com aquelas peninhas... e aí desenrolavam né? (5s) per...

JM : per (5s) não sei

Lir: pergá...

JM : **pernacaminho**

Lir: ótimo

Nos primeiros exemplos - **dados 01 a 03** - verificamos parafasias fonológicas dos sujeitos **MS** e **MG** que se caracterizam por poucas trocas de fonemas, se aproximando bastante das palavras-alvo. No **dado 03**, por exemplo, **MG** parece fazer uma auto-correção produzindo “ca” e depois se aproximando da palavra-alvo (tesoura) dizendo “tidora”. Portanto, ela produz adequadamente uma palavra também de três sílabas. A parafasia produzida, portanto, não é de fato tão deformante quanto pode parecer à primeira vista – como se tivesse produzido uma palavra de quatro sílabas - *catidora*. Também no **dado 06** é o que parece ocorrer no último enunciado de **SI** (apesar de ela ter necessitado de um *prompting* estendido), quando ao repetir “avelã”, persevera nas sílabas iniciais, produzindo “**abê abê abêlã...**”. Durante o processo de construção do referente, juntamente com sua interlocutora, **SI** chega a se referir ao objeto quando diz “sempre a Áurea compra”, para de certa forma mostrar que ela sabe do que se trata.

No **dado 04**, **MG** não produz “cabide”, mas podemos pressupor que a palavra-alvo seria para ela provavelmente, “cabideiro”. Note-se que, de uma parafasia aparentemente deformante com relação à palavra-alvo, tem-se novamente apenas a troca de dois sons “cabideiro” por “caminero”. Se estivéssemos aplicando o TNB, tal qual o manual demanda, teríamos certamente que nos reportar a um neologismo. Ao contrário,

examinando as possibilidades de significação, sem nos atermos às palavras-alvo dadas pelo teste, podemos avaliar o trabalho feito pelo sujeito e perceber o quanto ele acerta, não o quanto ele erra.

No **dado 05**, **MG** só consegue produzir o nome quando é fornecido um *prompting* estendido “e:: e... li...” e ela diz: “**elitópeto**”. **MG** ri porque sabe que, embora tenha se aproximado da palavra-alvo, não está correta. Este tipo de parafasia é bastante comum em muitos sujeitos afásicos, devido às dificuldades articulatórias e/ou fonológicas que apresentam após o AVC e que, dependendo da extensão da lesão, podem perdurar no quadro ao longo dos anos. Muitas vezes a produção da parafasia não chega a comprometer a compreensão da palavra. Com relação à “helicóptero”, todos produziram parafasias fonológicas: **MS** produz: helicópreto. **JM** diz “helicópero” (e se auto-corrige “helicóptero”), **SI** precisou de promptings e quando Iir diz “e...li”, ela reitera: eli voa, o que parece indicar que se utiliza do prompting como pista sintática também, já que interpreta “ele” (o avião) e completa: “voa”.

Notamos que a maior parte das parafasias fonológicas no TNB é quando as palavras são mais complexas, como “rinoceronte” (**MG**: **rei-nau-no-ceronte**, **JM**: **rinocerote** e **SI** diz **vaca, touro** e não acerta mesmo com prompting), “pergaminho” (**MG**: **perbilando** e após o prompting “perga”, ela diz “**per-mi-cano**”, e após “perga-mi...” ela diz **lando**; **JM**: **pernacanhinho**). Remetemos aos anexos II e III para outros exemplos de parafasias fonológicas dos quatro sujeitos.

Nesses casos de produção de parafasias fonológicas, raramente se vêem processos de auto-correção, uma vez que os sujeitos apenas se auto-corrigem quando percebem que não foram compreendidos - assim como os não-afásicos - uma solução evidentemente pragmática. Se percebem que não foram compreendidos sentem-se instados a tentar novamente. Pode ocorrer também, entretanto, que os sujeitos, a depender da relação que têm com a norma culta, desejem chegar o mais próximo possível do *correto*. Nos testes de nomeação, como tanto o afásico quanto o pesquisador estão diante da figura que representa o referente, a auto-correção é rara. O **dado 07** ilustra um momento em que **JM** parece se auto-corrigir. O fato de produzir /ka/ no lugar de /ga/ nos leva a pensar que ele tenha tentado chegar mais próximo do som desejado, após ter produzido /na/. Neste caso, o

único “problema” foi ter trocado um som sonoro (pergaminho) por um som surdo (pernacaminho). Por ser uma palavra de baixa frequência, **JM** só produz com o prompting. Não podemos nos esquecer de que, dentre todos os sujeitos desta pesquisa, **JM** seria o mais *fluente*.

Outra questão relevante diz respeito ao fato de que os sujeitos afásicos, na maioria das vezes, têm percepção de que produziram uma parafasia. Isso só não ocorre em casos de afasias associadas às outras alterações cognitivas, em que há sinais de anosognosia⁶².

Antes de passarmos a outros dados, vale dizer que há exemplos de alterações fonológicas também em alguns dos dados que selecionamos para ilustrar parafasias lexicais e semânticas. Vejamos, a seguir, mais alguns exemplos de dados de parafasias fonológicas que foram produzidas nos testes, apenas a título de ilustração. Todos estão no Anexo II e o número da figura se refere ao número do item no TNB:

(02)

Palavra-alvo: *árvore*

MG: **cárvore**

(46)

Palavra-alvo: *funil*

MS: é... fi-níl

(51)

Palavra-alvo: *tranca*

MS: hã... cran-ca

(36)

Palavra-alvo: *cactos*

MS: hu::m... ai ai ai... cá-ti-cos

Irn: ok cactos... cactos e em inglês?

MS: [i isso isso hã cactos

Irn: cactos cactos que é a mesma coisa

⁶² Anosognosia é um sintoma predominantemente associado às afasias posteriores e aos declínios cognitivos, caracterizado como a ausência de “consciência” ou percepção do sujeito sobre suas dificuldades.

Passemos a exemplos de parafasias fonológicas produzidas em situações dialógicas.

4.2.2. Parafasias fonológicas em episódios dialógicos

Dado 08:

JM: (...) e a floresta tropi... tropical... somos os primeiros a... asiáticos... a longa história... (SI) junto a... a...”

Iet: vou voltar um pouquinho... “somos...”

JM : “somos os primos asiáticos... da **tonga... tonga...** da... **longa...** não... da... **lontra...**”

MG: lontra!

Vamos retomar, para a análise deste dado, uma questão já apontada no capítulo 1, de que a afasia seria uma suspensão ou uma inibição da formação interna das palavras, decorrente de um distúrbio da função do centro psíquico da linguagem, na medida em que as representações pré-existentes ou não encontram correspondentes sonoros ou encontram os sons errados (Steinhal, *apud* Rapp, 2003). Não haveria dificuldade externa na pronúncia das palavras.

JM procura ler a palavra “lontra” e, por sucessivas tentativas e auto-correções, produz paralexias (o fenômeno correspondente às parafasias, na leitura). Como vemos, não há dificuldades para **JM** pronunciar os sons; não se trata de um problema de natureza articulatória. O dado mostra o processo pelo qual ele parece buscar, em um repertório de fonemas da língua, chegar à palavra pretendida. Nota-se que tanto as vogais quanto os fonemas nasais estão adequadamente selecionados; o número de sílabas também é o mesmo entre as palavras “tonga”, “longa” e “lontra⁶³”. Devemos considerar nesse caso que a palavra está sendo produzida a partir do apoio visual do texto escrito. Quando não há esse apoio à produção, podem-se gerar palavras bastante diferentes das palavras-alvos ou

⁶³ Segundo as observações de Scarpa, no exame de qualificação desta dissertação, tonga, longa e lontra têm a mesma localização do acento métrico, o que pode nos ajudar a pensar nos padrões prosódicos como *frames* para a produção de parafasias. Outra observação, apontada na defesa, seria a de que parece que quanto mais a palavra produzida se afasta da métrica da palavra-alvo, mais ininteligível fica a parafasia.

neologismos. Após a análise dos **dados 09 e 10** faremos outras considerações sobre a produção destas parafasias.

Dado 09:

Contexto Inicial: Iem, **SM**, **JM**, **NS**, **SI**, **MN**, **MG** e Ijt estão a mesa e conversam sobre **SM**, que começa a contar fatos da sua vida.

(...)

SM: agora sabe o que que eu tô querendo fazer?

Iem: diga

SM: eu vou pedir uma opinião pra você... fazer um cartãozinho assim é... é... que eu tenho tenho... lá que eu comprei uma folha **repicada** assim... **pontilhada** que é de cartãozinho... limpo quintal... meio lote né... corto

[Iem: ãh

(...)

SM: é

Iem: hotel também

SM: daí... daí ele falou assim falou assim... “mas eu não sei não sei limpar piscina...” falou assim... “primeira vez você chama eu ensino você... ensino você”

Iem: claro... vocês vão juntos... e as aulas começam quando **SM**?

SM: dia dez... segunda-feira **logo**

Iem: e aí? Animado?

SM: ah sim muito animado... é o último ano meu né

(...)

Embora **SM** não seja um dos sujeitos desta dissertação, o **dado 09** é interessante para pensarmos em uma explicação possível para a produção de algumas parafasias – ou que ajuda a compreender a maior parte das parafasias, já que normalmente é mantido o número de sílabas – a métrica – entre a palavra-alvo e a palavra produzida. Assim como no exemplo de **JM** (tonga, longa, lontra), **MS** produz **repicada** e **pontilhada**, provavelmente para uma folha que deveria ser “recortada” ou “picotada”. Todas são palavras da língua, mas certamente não as utilizamos nos mesmos contextos, embora guardem entre si uma evidente relação semântica.

Dado 10:

(...)

Ifc: ah deve ter... deve ter essas formas de fazer que é esquentando o papel

[JM: é

SM: é

Iem: é

Ifc: assim... a que.. que ela faz não tem nenhuma técnica mais difícil não precisa de nenhum...

JM: esse esse papel aqui que... ((pega uma folha))

Ifc: é... esse...

Iem: e esse ((pegando outra folha diferente))

JM: não

Iem: esse parece reciclado

JM: é esse é... é... reciclado

Iem: é reciclado essa?

[Ifc: esse é reciclado

JM: é... esse ((mostrando a folha que ele havia pego primeiro)) é papel de celulose pura

Iem: pura

JM: é

Iem: esse pode ser reciclado?

JM: esse pode ser **re.. se... requisado**

Iem: tá

JM: e e é **catuchos... cartas**

[Iem: cartuchos

JM: **cartas**

Iem: caixas

[JM: **caixas**

Iem: aí é tudo reciclado... porque não é um papel fino... escuta Ifc será que a Vanessa... essa sua colega bióloga que trabalha com esse... não poderia vir aqui na quinta que vem por exemplo ou na outra quinta?

(...)

Mais uma vez temos o exemplo da produção de uma parafasia por **JM**: **requisado** quando ele tenta, por um processo de especularidade, semelhante àquele que a criança se utiliza, reproduzir “reciclado”. Novamente temos aqui uma parafasia que tem a mesma métrica da palavra-alvo. A métrica parece “guiar” a seleção dos sujeitos afásicos e mesmo quando as parafasias parecem totalmente distorcidas em relação à palavra-alvo uma análise lingüística mais cuidadosa pode revelar a relação entre os sons pretendidos e os efetivamente realizados. A seguir, apresentamos exemplos de parafasias chamadas na

literatura como “neologizantes”⁶⁴, cujos processos subjacentes são os mesmos das parafasias fonológicas. O que faz com que sejam assim denominadas é que aumenta a dificuldade para que se compreenda qual é o referente – o objeto a ser nomeado, uma vez que várias trocas de sons são realizadas. No caso dos testes, como o afásico e o interlocutor estão diante da figura, a *identificação* (Koch) se torna mais fácil, ao contrário do que ocorre nos processos dialógicos, quando nas atividades referenciais nem sempre se sabe sobre quem ou o quê o afásico deseja falar. Dependendo do grau de severidade das afasias, muitas vezes não se consegue chegar àquilo que se pretende dizer. Os sujeitos são encorajados a se utilizarem de recursos não-verbais ou a buscarem outras palavras que auxiliem na identificação do referente (ou do objeto de discurso, como propõem autores como Mondada & Dubois, Neves, Koch).

4.3. Seleção de dados de parafasias neologizantes em situações de teste e episódios dialógicos

4.3.1. Parafasias neologizantes no TNB

Na literatura tradicional, toda a produção do afásico é avaliada em relação a uma palavra-alvo (do examinador ou do teste). Para ilustrar os resultados dos testes que podem ser mal interpretados, segue abaixo o dado de JB⁶⁵ - que embora não seja um dos sujeitos desta dissertação, tem um dado bastante singular para ilustrar o que vamos aqui afirmar.

Dado 11:

Ao observar a figura de um tripé:

Palavra-alvo: *tripé*

Irn: você também deve ter usado muito, já que fez engenharia...

⁶⁴ As parafasias neologizantes são explicadas, em algumas teorias, como *aglutinações*.

⁶⁵ Este exemplo foi extraído da análise feita por NOVAES-PINTO (1999), ao descrever e analisar resultados obtidos na tarefa de nomeação da Bateria de Boston.

JB: teodolito

Irn: não é um teodolito, mas você põe o teodolito em cima... lá na sala do grupo tem um, que a gente coloca a filmadora em cima, ele tem três pés... é um..

JB: tripé

Se **JB** não conhecesse o objeto, não teria como (re) ativar o referente e um nome a ele correspondente. Ao utilizar-se de um recurso metonímico, entretanto, produzindo “teodolito” – talvez para ele uma palavra de maior frequência na língua, já que era engenheiro civil, podemos perceber que ele está se utilizando um outro caminho para mostrar ao seu interlocutor que sabe o que é a figura, apesar de não conseguir dizer seu nome. Se o teste tivesse sido aplicado como sugere o manual, e pressupondo-se que o investigador não conhecesse a palavra produzida pelo sujeito, “teodolito”, certamente a resposta teria sido computada como a produção de uma parafasia neologizante. Mais do que *utilizar-se* de uma palavra da língua, percebemos que é por meio da língua, como sistema simbólico, que **JB** nos faz chegar à significação. Vejamos, a seguir, dados dos sujeitos **MS** e **MG**, que tendem a produzir mais parafasias fonológicas do que lexicais e semânticas.

Dado 12:

Palavra-alvo: *cabide*

MS: hã... cabide...

Irn: ok... e em inglês, cê lembra?... e se eu falar pra você que o verbo pendurar é *to hang*?... como que seria cabide?

MS: rém-pi-qué-pi

Dado 13:

Palavra-alvo: *serrote*

MG: que que nó-ve ((desenha na mesa))

Irn: o que que é esse desenho?

MG: é... que-nó-te não ((Irn entrega a caneta e folhas para que **MG** escreva o que ela quer enunciar))

Irn: é parecido com o que você que você falou mas...

MG: ai... ((escrevendo)) ai... ((termina de escrever e aponta para o que escreveu))

Irn: não não é ta bom...

MG: **qui...** ((faz o gesto de como ela utiliza a figura))

Irn: você sabe o que que é...

MG: é

Irn: você falou parecido...

MG: **ca**

Irn: se...

MG: **se-nó-fe**

Irn: /se-´Ró- te/

MG: **[Ró-fe**

Irn: serrote

((risos de **MG**))

Dado 14:

Palavra-alvo: *cogumelo*

MG: **hã... é... ai também não sei...**

Irn: você usa isso na comida né?

MG: **sopa...**

Irn: então pensa um pouquinho...

MG: **ai... ai essa...**

Irn: co...

MG: **comipode... comi... não também**

Irn: co

MG: **co-mi**

Irn: não co-gu...

MG: **cogumédo... ((risos))**

Dado 15:

Palavra-alvo: *raquete*

MG: **hã?... ai jogava tanto...**

Irn: você jogava?

MG: **é... hã... ca-mél na::o... ai chama... ai cha... ai não sei...**

Irn: pensa um pouco na situação... pensa assim eu vou jogar tênis preciso da bola e da...

MG: **da raquete ((risos))**

Irn: raquete... jóia...

No **dado 12**, a pesquisadora Irn pede ao sujeito **MS** para enunciar a palavra “cabide” em inglês, dá uma “pista” da palavra, mostrando que o verbo “pendurar” seria “to hang”. **MS** produz, então “rémpiquépi”. O que podemos inferir, neste caso, é de que a primeira sílaba é repetição do *prompting* dado. Quanto à estrutura restante da palavra enunciada, não é possível inferir com certeza sobre como emergiu. Lembramos da

semelhança com a palavra inglesa *handicapped*. Não sabemos ao certo se ele viu a figura seguinte do teste, que seria exatamente a de uma cadeira de rodas, que é um símbolo visual para *handicapped* – que está inclusive em um adesivo no seu próprio carro. A literatura trataria deste caso como sendo de uma “contaminação”. A explicação seria a de que a representação da palavra “handicapped” ainda estaria ativada no momento em que **MS** viu a figura de “hanger”. O prompting para “hanger” reativou “handicapped”. Para produzir “hanger”, **MS** teria que ter desativado “handicapped”. Esta hipótese teria que ser reexaminada à luz de outros dados. Como veremos mais adiante, isso ocorre também com parafasias lexicais e semânticas.

MG produz no **dado 13** os neologismos **quenóve**, posteriormente **quenóte** e **senófe** para “serrote”. Notamos que as sucessivas tentativas têm em comum o fato de apresentarem três sílabas e que as vogais estão no lugar certo, assim como o fonema da primeira consoante, na terceira tentativa, e da terceira sílaba na segunda tentativa. Também está correta a marcação da tônica (*stress*). No **dado 14**, **MG** produz o neologismo **comipóde** para cogumelo. Aqui também temos a manutenção de quatro sílabas, corretamente, e a primeira sílaba também correta. O restante, entretanto, está aparentemente desorganizado. Na outra tentativa, após a expansão do *prompting* para “cogu...”, ela produz **cogumédo**, já com as vogais no lugar certo, inclusive com a abertura da vogal “e” na terceira sílaba. Estas estruturas presentes nos **dados 13 e 14** nos levam a pensar que as representações lexicais não estão perdidas, como a literatura normalmente indica. Podemos dizer ainda que quando analisamos os neologismos mais cuidadosamente, vemos que não estão tão desorganizados quanto podem parecer à primeira vista. Em outras palavras, o que foi dito acima a respeito das parafasias fonológicas parece ser válido também para as chamadas neologizantes, que se distanciam mais das palavras-alvo, mas tudo indica que há uma organização subjacente, embora nem sempre consigamos identificar. Nesse sentido é que vemos o estudo das parafasias como um campo muito fértil para as pesquisas lingüísticas. Há dados como o **dado 15**, entretanto, que desafiam a hipótese acima apresentada.

No **dado 15**, **MG** enuncia a palavra **camél** para “raquete”. Podemos perceber que não há, aparentemente, ligação semântica entre as palavras que justifique a troca. A

estrutura interna da palavra também não coincide em número de sílabas, embora as duas primeiras vogais estejam na ordem correta. Não temos como inferir sobre o tipo de relação semântica que **MG** possa ter utilizado para chegar à **camel**, ao invés de “raquete”. Podemos pensar num processo metafórico ou metonímico subjacente, mas que não fomos capazes de identificar.

O que podemos apontar, a partir de nossos *corpora* é que são muito mais raros os casos de produção de parafasias neologizantes nos episódios dialógicos. Isso pode ocorrer porque geralmente os tópicos são introduzidos nas situações discursivas (na maioria das vezes pelos não-afásicos) e ficam ativados enquanto houver interesse pelo mesmo, sendo desnecessário reativá-los o tempo todo. A identificação dos objetos de discurso ou dos referentes (objetos, pessoas) nos episódios dialógicos é possibilitada pelo contexto, como nos **dados 16 e 17** que apresentaremos abaixo:

4.3.2. Parafasias neologizantes em episódios dialógicos

Dado 16:

Contexto: No encontro do dia 23.10.2003, **MG** conta ao grupo sobre o falecimento de um conhecido seu.

(...)

JM: com... com quarenta anos?

MG: não... esse que... esse **zepeu!**

Iem: //dirigindo-se a **JM** e explicando o que **MG** havia dito// esse morreu!

MG: esse **morreu...** e eu...

(...)

Iem: morreu esses dias?... essa semana?

MG: não... **morreu** ho... hoje...

(....)

Dado 17:

Contexto: No encontro do dia 25.03.2004, o grupo comentava a respeito de uma reportagem da revista Isto É, a qual tratava sobre a conquista das mulheres na sociedade.

(...)

Iem:...é da segunda guerra mundial...que é um marco depois da segunda guerra mundial...não só por causa da guerra naturalmente mais sobre...outras circunstâncias da guerra né...é...as mulheres por exemplo tomaram postos de trabalho né...mais muitas coisas aconteceram também nessa época em relação à valores...valores sociais...morais tal

MG: essa:::

JM: você é:::: mu:::Ito

MG: que...que eu sou?

JM: é::: ã:::ham (2s) **mudarista**

Iem: o que vocês estão falando

MG: por que **mudarnista**?

JM: **mudarista** não

Iem: **feminista**?

JM: é **feminista**

MG: eu sou?

JM: é

MG: ah imagina

Iem: NÃO É?...é mais ou menos...mais é bom...conhecer o que são coisas boas né...referentes às mulheres

MG:

[é

(...)

Vemos que, embora a produção de **mudarista** por **JM** tenha sido interpretada como “feminista” por Iem, tendo em vista o tópico que era desenvolvido, sobre as mulheres e seus postos de trabalho na época da guerra, provavelmente ele queria dizer “modernista”, o que de fato não seria tão distante da palavra-alvo. Note-se que **MG** também assim interpreta, quando pede que **JM** explique “por quê mudarnista?”

Passaremos, a seguir, a apresentar exemplos e análises da produção de parafasias lexicais e semânticas, nas situações de teste e nos episódios dialógicos.

4.4. Seleção de dados de parafasias lexicais e semânticas em situações de teste e episódios dialógicos

Antes de passarmos aos exemplos e às análises das parafasias lexicais e semânticas, enfatizamos que nem sempre é possível classificá-las com uma terminologia coerente. Mesmo porque a classificação é um recurso teórico. Não existe uma transparência nos fenômenos, ou na própria linguagem, que seja passível de classificação. Em geral, tem-se que uma parafasia semântica é também lexical, já que este item agrega qualquer troca de uma palavra por outra. No entanto, nem toda parafasia lexical é semântica – ou, pelo menos, nem sempre uma relação semântica é revelada ou identificada. Vimos, no capítulo 1 desta dissertação, que as parafasias semânticas são de grande importância nos estudos sobre o acesso lexical, principalmente pelos pesquisadores que tentam explicar como ou por quê uma palavra vem à tona no lugar de outra. As parafasias lexicais e semânticas podem fornecer pistas sobre a organização lexical, sobre o controle – ou a falta dele – na produção de parafasias ou de lapsos (como afirma Freud). Voltaremos a essas questões à medida que os dados foram apresentados. Passemos aos primeiros exemplos:

4.4.1. Parafasias lexicais e semânticas no TNB

Na literatura tradicional, qualquer palavra que seja trocada por outra é considerada como uma parafasia lexical. Se há relação semântica, como vimos acima, é nomeada como parafasia semântica. Há muitos casos, entretanto, em que um sujeito nomeia o objeto com uma palavra diferente daquela esperada porque não o identificou como sendo o mesmo objeto que o teste determina. Os **dados 18 e 19** abaixo, ilustram essa questão. Não se trataria, portanto, da produção de parafasias na nossa concepção, embora o fossem numa testagem tradicional.

Dado 18:

Palavra-alvo: *iglu*

JM: buraco de tatu não...buraco de...

Iir: de...

JM: hã:::

Iir: pode pensar tranquilamente seu Madeira...

JM: rato né? nao...

Iir: não é nem de tatu nem de rato

JM: buraco de...

Iir: eles realmente hoje hã:: os esquimós dormem...

JM: esquimós não não

Iir: que eles constroem né?... mas tem um nome dessa casa onde eles dormem

JM: não sei

Iir: i::...

JM: i... (11s) não sei

Iir: iglu

JM: iglu?

Iir: iglu...

JM: não não sabia

Iir: o senhor não sabia?

JM: não

Iir: geralmente eles falam iglu ou casa do gelo onde os esquimós onde onde essas pessoas que que que moram no gelo eles constroem aquelas casinhas no gelo né?

JM: aham...

No **dado 18** podemos perceber que **JM** não reconhece a figura como sendo de um “iglu”, mas como sendo um tipo de “toca” de um animal. Produz: “**buraco de tatu** não...**buraco de...**” e logo depois, ao perceber que não havia acertado, já que Iir diz: “pode pensar tranquilamente seu **JM**” ele se auto-corrigue, dizendo “**rato** né? não...” e só insiste em “**buraco de...**”, provavelmente porque Iir diz “não é nem de tatu nem de rato”; ou seja, ele presumiu que “buraco de” estava correto, mas deveria ser de um outro animal. A troca lexical neste contexto se deu, provavelmente, não só porque ele não reconheceu a figura, mas também em decorrência de um mal-entendido, o que ocorre com muita frequência nas interações verbais.

No **dado 19** há uma dificuldade da nomeação de **MS**, em parte devido ao desenho ruim da figura (Ver figura 19 no Anexo VI). Trata-se de um “pretzel”. **MS** diz “nó”, simplesmente porque achou que se tratasse de um outro referente. Apenas após a

pista semântica é que ele produz **pressil**, que embora apresente uma parafasia fonológica (ou simplesmente uma dificuldade na pronúncia, embora ele tenha sido professor de inglês), é muito próxima da palavra-alvo.

Dado 19:

Palavra-alvo: *pretzel*

MS: nó...

Irn: interessante

Ilk: [ÓLHA

((risos))

Irn: eu tinha certeza que ele iria falar alguma coisa assim... quem mora nos Estados Unidos tem um nome isso aqui... é um docinho... que é sempre desse jeito ...tem aqui

MS: [ah ah **pressil**

Irn:... também... pretzel... isso pretzel... isso mesmo pretzel

Os dados a seguir parecem não ser da mesma natureza dos que vimos acima. Interessante também observar que são produzidos por sujeitos com diferentes tipos de afasias.

Dado 20:

Palavra-alvo: *máscara*

Iir: geralmente colocam em festas

SI: a:: **vôlei** não é é... **caneca**

Iir: a Juliana coloca... no teatro às vezes ((passa a mão na face))

SI: hu::m... o que que é hein?

Iir: as crianças quando quando vão em algumas festas que tem que ir fantasiado elas colocam uma...

SI: hu::m...ai... eu não sei...

Iir: colocam uma más...

SI: ah **máscara**

Iir: jóia...

No **dado 20**, ao tentar recordar a palavra correta para enunciar, **SI** produz **vôlei** e, posteriormente, **caneca**. **SI** só consegue produzir o nome correto após as pistas semânticas e o *prompting* dados por Iir: “a Juliana coloca... no teatro às vezes ((passa a mão

na face)) e “as crianças quando quando vão em algumas festas que tem que ir fantasiado; elas colocam uma...” e logo em seguida dá um prompting “más...”. A figura, apesar de ruim⁶⁶, não nos ajuda a compreender a produção das parafasias que ela apresentou: **vôlei** e **caneca**. Talvez haja alguma explicação subjetiva que tenha feito com que essas palavras emergissem, mas não há como compreender essa ligação. O fato de produzir a palavra correta após o *prompting* indica que ela tinha reconhecido a figura, o que difere bastante, nos parece, do **dado 21**, em que o *prompting* traz à tona uma palavra, embora com uma pequena troca, mas que nada tem a ver com o nome da figura, a qual muito provavelmente não saberia nomear (embora pudesse reconhecer como um referente, um objeto que existe). Vejamos o dado:

Dado 21:

Palavra-alvo: *esfinge*

SI: ichi agora não sei... é::

Iir: esfin...

SI: **espinafre** não é::

Iir: esfinge

SI: ah é óia a::

Iir: [uhum

Vemos que logo de início ela diz, a respeito da figura: “ixi... agora não sei... é::” **SI** tenta nomear a figura após o *prompting* dado pela investigadora. A partir do “**esfin...**”, ela produz **espinafre**. Percebemos que não há uma relação semântica entre a palavra alvo “esfinge” e a parafasia “espinafre”. O que podemos dizer, com relação a esse dado, é que **SI** se “esquece” ou se “descola” da figura e do teste com o objetivo de acertar aquilo que está sendo exigido pela interlocutora.

Uma questão interessante, que merece um aprofundamento nos trabalhos que se dediquem a estudar o acesso lexical, seria a de se verificar em que situações e para que tipos de afasias (ou em que tipos de alterações) o prompting ajuda na seleção da palavra pretendida. Vimos que uma primeira hipótese para explicar algumas parafasias produzidas

⁶⁶ Novaes-Pinto (1999), ao aplicar o teste para um grupo de não-afásicos, obteve para esta figura, por exemplo, “vampiro”.

tem a ver com a métrica da palavra – o número de sílabas, a sílaba tônica, o ritmo. Muitos de nossos dados, como este de **SI**, nos ajudam a compreender que o início da palavra – aliado ao *frame prosódico* – na literatura tradicional chamado de “representação mental da palavra” ajuda a definir o que chamamos, no capítulo 1, de *linking address*⁶⁷.

A seguir, veremos exemplos de parafasias que revelam sem dúvida relações semânticas:

Dado 22:

Palavra-alvo: *rede*

MG: ((faz um movimento circular com a mão sobre a mesa)) ai...

Ir: você tem em casa ou não?

MG: tem ((risos))

Ir: então pensa um pouquinho... ai eu vou lá... deitar na...

MG: na **cana** não... não é **cana** é **cama**...

Ir: não... é porque eu falei *deitar* você falou *cama* mas deitar na...

MG: **bê-bê**... não hum...

Ir: re...

MG: **rede**

Dado 23:

Palavra-alvo: *funil*

MG: é:::... ai...é:::... eu sei... ((pega a caneta e começa a escrever)) é... **co::** não...

Ir: você ta falando **cone**?

MG: é isso

Ir: mas é uma outra coisa aqui... ele tem uma... fu... uma... o cone, na verdade, seria um cone, mas como que chama essa peça que você coloca na garrafa pra passar líquido por exemplo?

((**MG** só repete funil. Não consegue produzir a partir do prompting “fu...”))

No **dado 22** percebemos que **MG** reconhece a figura, ao dizer que tem em sua casa. Ela produz **cana**, com o intuito de dizer “cama”, evidentemente por sua relação com a palavra **rede**. Imaginamos que a primeira (cama) seja muito mais freqüente em seu léxico do que “rede”. **MG** produz “be-be”, após o fornecimento de um contexto sintático: “deitar na...” Com o *prompting* “re...”, **MG** consegue nomear.

⁶⁷ Estas questões estão sendo desenvolvidas no trabalho de Pós-Doutorado de Novaes-Pinto (2006).

No **dado 23**, embora **MG** não tenha produzido totalmente a palavra “coador”, ela concorda com Irn que era o que havia tentado dizer, ao iniciar a palavra com “co”. Mesmo com o prompting **MG** não consegue enunciar a palavra-alvo “funil”. Concordamos que “coador” e “funil” são objetos que configuram uma relação semântica, não só por serem utensílios da cozinha, mas por terem formas e fins semelhantes.

Abaixo passaremos a apresentar alguns dados de **MS** em que nos chama a atenção o fato de conseguir produzir o nome em inglês, embora apresente algumas parafasias fonológicas, mas não o faça em Português:

Dado 24:

Palavra-alvo: *polvo*

MS: ai... octópodus

Ilk: há:::: a

Irn: [ok... octopus ok... e e... em português?

MS: é é hum i... ((risos)) i... é

Irn: você lembrou primeiro em inglês

MS: [i:::: é é...

Irn: ta mais próximo do...

MS: [é

Ilk: você contou?um dois três quatro cinco seis sete oito...

((risos))

Irn: é que ele sabe que tem oito...

((risos))

MS: hã... não... octopus

Irn: e em inglês/português?

MS: é não é **vulcano** não...hum... i i esqueci

Irn: ok começa com po... po...

Ilk: [a gente a gente come isso

MS: não é é mui eu faço maravilhas

Ilk: [a:: você faz...

Irn: ah é?

MS: [é é...

Irn: então vamos pensar assim se você tem por exemplo vamos supor que você ta falando que você vai fazer algum tipo de peixe na sexta-feira santa... quais são as

MS: [hum... [hum...

Irn:... possibilidades que você pode fazer?

MS: é bécalhau

Irn: bacalhau

MS: é::: salmão... hu::m...

Irn: [uhum...

MS: é:::
 Irn: você que faz também né Serra?
MS: mui
 Irn: não é a Laura né? é você?
MS: isso i i
 Irn: [é você mesmo?
MS: i hã ((apontando para ele mesmo))
 Irn: ah ok... a Laura fica lá com os doces com os bolos e você faz os hã...
MS: [i i i [maravilha
 Irn: então vamos lá que mais?
MS: [é há::: hã hã hã San hãm Vicente...
 Irn: em São Vicente?
MS: não
 Irn: o que que é?
MS: é é eu hã bacalhau... é salmon... i i i... sal...
 Irn: é um peixe?
MS: é...
 Irn: hum
MS: maravi
 Irn: [e que seja diferente de peixe
MS: é:::... hum... a hã hã oster hum....
 Irn: oyster oyster é o que em português?
 ((risos))
MS: [é é é i... os-tra
 Irn: ostra aham
MS: [é... é... é camarão hu:::m...
 Irn: [hum...
 Ilk: [hu:::m
MS: hã::: **vulcan** na é é.. hum ((aponta para a figura)) é:: não...
 Irn: tem uma que é o apelido do presidente como que é?
MS: **Lula...** i não não
 Irn: [Lula... e esse como que é?
 ((**MS** coloca a palma da mão para cima como se não soubesse o nome da figura))
 Irn: po... começa com po... pol-vo
MS: [po... há::: polvo i i há
 Irn: aham... ((risos)) ok...

No **Dado 24**, podemos perceber claramente o reconhecimento da figura e a dificuldade em enunciar a palavra-alvo. **MS**, como já explicitado no início do trabalho, poderia fazer a nomeação da figura tanto em inglês como em português. Diz **octópodus**, para “octopus” - nome da figura em inglês - após contar até “oito” nos dedos, para se referir ao número de tentáculos do polvo. Note-se que ele mesmo lhe dá um *prompting* para

octopus a partir de sua gestualidade. Sua dificuldade ocorreu quando a investigadora perguntou o nome da figura em português. Percebemos que mesmo antes de enunciá-la, **MS** diz “é não”, como se estivesse tentando acessar a palavra. Produz **vulcano** e logo após se auto-corrige. A investigadora tenta, por meio de promptings, auxiliar **MS**, fornecendo contextos que pudessem eliciar a palavra: “então vamos pensar assim, se você tem, por exemplo, vamos supor que você tá falando que você vai fazer algum tipo de peixe na sexta-feira santa... quais são as”, e assim **MS** vai enunciando outros nomes pertencentes à categoria “peixe”: “bécalhau”, “salmão”, “oster”, e nomeia a palavra em português “os-tra” e continua com “camarão”. Interessante notar aqui o aparecimento de **vulcano** e depois **vulcan**, interferindo na sua busca pela palavra. Novamente, assim como vimos na análise de “rémpiquepi” talvez para handicapped, quando deveria dizer “hanger”, podemos nos perguntar se ele não teria visto a figura do vulcão, que só ocorreria bem depois no TNB ou se já havia feito o teste em outra ocasião e não nos relatou sobre esse fato, talvez para demonstrar uma competência na nomeação. Irn fornece mais um exemplo do contexto em que a figura estaria inserida: ‘tem uma que é o apelido do presidente, como que é?’, e ele diz “Lula”, mas reconhece que não é o nome da figura do teste. Só vai identificar o referente na fala final de Irn.

Dado 25:

Palavra-alvo: *pirâmide*

MS: hum... ((aponta para a figura))

MS: Chã na na na ((começa a se movimentar, como se estivesse dançando))... ah ah... é::... é::... a não... i::: múmia ((aponta para a cabeça))... não... ((apontando ainda para a cabeça; risos)) é::

((risos))

Irn: tem a ver com múmia mas... tá... todos no mesmo filme, mas só vem múmia...

MS: [isso...

Irn:... quando tem isso aí por perto...

MS: es-fin-ge

Irn: não

Irn: super interessante o que você está fazendo... múmia... esfinge... ((folheia o livro do teste)) péra aí... to subvertendo tudo o que eles fazem nos testes...

((risos))

Irn: ai ai... será que ... ((abre numa página do livro de teste))

MS: mu-mia...

Irn: não...
MS: não não... ((aponta para a figura que Irn acaba de mostrar)) é é
 Irn: o que que vocês falou? você tinha falado múmia...
MS: isso... e... es-finge
 Irn: esfinge isso
MS: é... hã... ((Irn mostra a primeira figura)) como chama aí:::
 Irn: as... tarará... do Egito
MS: as... as... quatro múmias do Egito...
 ((risos))
 Irn: ta falando do filme por acaso?
 ((risos))
MS: é é...
 ((risos))
MS: aí...
 Irn: eu sou louca pra ir pro Egito pra ver as...
MS: a... não... cataratas não...
 ((risos de Irn))
MS: a não... ((aponta para a figura e coloca a mão na cabeça))
 Irn: as... pi...
MS: a a pi-râ-mi-des
 Irn: ok... que coisa incrível né que é? Esfinge... múmia... vem tudo... essa situação de teste é diferente... se a gente tivesse vendo fotos... então provavelmente isso não aconteceria né?... pelo contexto...

Neste exemplo, ocorrem parafasias verbais e semânticas. **MS** se refere à figura “pirâmide” como “múmia” e posteriormente como “esfinge”. Percebemos que mesmo produzindo uma parafasia, a relação semântica que há entre as palavras enunciadas e a palavra alvo é bastante significativa, já que fazem parte do mesmo campo semântico.

Nos termos de Abaurre (1996), poderia ser considerado como um *dado singular* que nos dá indícios sobre a organização lexical e sobre seu acesso. No processo de referenciar *pirâmide*, **MS** produz *múmia*, depois *esfinge*. A interlocutora, na tentativa de oferecer um *frame sintático/semântico* para evocar a palavra *pirâmide*, diz: *as tarará do Egito...* ao que ele responde: *as quatro múmias do Egito*. Tenta um novo *frame*, quando diz: *Eu sou louca para ir ao Egito para ver as...* e ele produz *cataratas*, lembrando, talvez, do sintagma “as cataratas do Iguaçu”. **MS** só produz *pirâmides* quando o prompting fonético é dado: *pi...* e ele diz: *pirâmide*.

A seguir, a título de exemplo, transcrevemos outras parafasias semânticas que apareceram nas respostas de diferentes sujeitos durante a aplicação do TNB. Nos anexos II e III muitos outros exemplos podem ser verificados.

(59)

Palavra-alvo: *transferidor*

JM: **esquadro... não não tranfe transferidor**

Iir: maravilha... vou falar que nem o Serra maravilha...

(06)

Palavra-alvo: *tesoura*

SI: é é é é lá **lápiz não... é:: tesoura...**

Iir: ok

(01)

Palavra-alvo: *árvore*

SI: é::... **folhas... a é... é árvore**

Iir: jóia...

(03)

Palavra-alvo: *lápiz*

MG: a... ((risos;tenta com os dedos escrever algo na mesa)) ai mai... ai... não sai

Irn: péra... pensa um pouquinho...

MG: eu sei o que que é...

Irn: [eu sei que você sabe o que que é...

MG: ã... ((escreve com os dedos na mesa)) la.... a não...

Irn: tá certo o começo do som...

MG: ca- ((balança a cabeça negativamente)) neta.. não ((aponta para a figura))

Irn: ok. não é caneta, é o que então?

MG: lá-pis

Irn: [você tinha feito certo... i::sso... você tinha feito certo o som inicial... lá... você fez lá.... tenta, quando você percebe que selecionou o som, tenta falar a palavra, tá?

((risos de **MG**))

4.4.2. Parafasias lexicais e semânticas em episódios dialógicos

Abaixo apresentamos episódios dialógicos em que ocorrem parafasias lexicais e semânticas.

Dado 26:

Contexto: No encontro do dia 04.12.2003, Iem pergunta a **SI** o que ela teria para contar de novidades ao grupo. Uma das novidades foi que ela havia consultado um médico e feito alguns exames, mas que teria que retornar no dia seguinte, para uma outra consulta numa especialidade diferente. Iem pergunta a **SI** o que os médicos haviam falado a respeito do seu estado de saúde:

(...)

Iem: ah tá... e ele falou alguma coisa sobre o seu estado?... está bem?

SI: ô... tá bem mesmo

Iem: mesmo?

SI: ô

Iem: e a senhora se sente bem?

SI: ô... me sinto... e... o... consulta... trocou de... de consulta... não... é... é...

Iem: trocou a receita?

SI: a receita

Iem: o remédio que a senhora estava tomando?

SI: ô

Iem: ele trocou?

SI: tu... tudo... eu se sente bem

Iem: é mesmo?

SI: ô

Iem: que jóia... jóia... //dirigindo-se a **MR**// **MR**... tem alguma coisa pra contar...

//**MR** sinalizou negativamente com a cabeça//

(...)

Neste exemplo, o sujeito produz a palavra “consulta” no lugar de “receita”. Neste caso, não temos como confirmar que a palavra-alvo do sujeito **SI** tenha sido “receita”, a não ser quando sua interlocutora, baseada nos enunciados produzidos anteriormente por **SI**, considerando também a própria estrutura lingüística “trocar de receita”, pede que ela confirme sua hipótese: *trocou a receita?* e **SI** confirma: *a receita*. Aqui também notamos uma parafasia semântica, uma vez que tanto *consulta* quanto *receita* estão ligadas diretamente ao mesmo campo semântico. Embora ela não faça uma auto-correção, notamos sua percepção de que “consulta” não fosse a palavra mais adequada, quando diz “... o... consulta... trocou de... de consulta... **não... é... é...**”.

Notamos que **SI** raramente se auto-corrigue. Talvez isso possa ser explicado pela maior dificuldade de **SI** na seleção dos recursos lexicais e uma necessidade maior de apoiar-se nos enunciados de seus interlocutores para elaborar os seus. Muitos de seus turnos são marcados por processos de especularidade, isto é, uma parte de seus enunciados – muitas vezes o enunciado inteiro – é produzida com elementos do turno imediatamente anterior ao seu. Não podemos descartar a possibilidade de que haja alterações cognitivas leves associadas à sua afasia, o que pode explicar o fato de que nem sempre percebe as parafasias que produz.

Dado 27:

Contexto: No encontro do dia 11.12.2003, Iem pergunta ao grupo se todos conhecem **IP**, comentam sobre a cidade onde ela mora, quando **SI** segura o braço de **IP** e olha seu relógio:

(...)

Iem: //dirigindo-se a **MR**// eu entendi que é São Paulo... mas que...

MR: é uma cidade separada

Iem: (...) é GRANde São Paulo seria né?... uma cidadezinha que...

//**SI** segurou o braço de **IP** e ficou olhando seu relógio//

IP: //dirigindo-se a **SI**// eu não consigo colocar na hora... //dirigindo-se a Iem// meu filho sempre coloca na hora moderna... na hora de...

Iem: ah é?

IP: é... é

JM : //dirigindo-se a Iem// vai passar o Natal onde?

(...)

No **dado 27**, ao contrário dos anteriores, podemos apenas inferir que *moderno* seja uma parafasia, ou seja, essa palavra tenha sido produzida no lugar de outra porque notamos um estranhamento no seu uso. Não há auto-correção e nem a confirmação a partir do enunciado do outro. Segundo Lyons (1985), poderíamos pensar que *moderna* seria uma sinonímia parcial com, por exemplo, a palavra *atual*. Por outro lado, mesmo a palavra *atual* soa estranha se usada naquele contexto: *meu filho sempre **coloca** na hora atual...* talvez a dificuldade no acesso lexical tenha sido gerada pela estrutura sintática elaborada por **IP**: *sempre coloca...* ao invés de, por exemplo, *meu filho sempre **acerta** a hora*. O mais importante é perceber que ela não produz algo que nada tenha a ver com a significação do

restante do enunciado. No modelo proposto por Jakobson, poderíamos dizer que a textura e o contexto seriam responsáveis pelo *argumento* que completa o verbo selecionado.

Dado 28:

Contexto: Neste encontro, do dia 16.10.2003, o grupo combinava onde faria o próximo passeio. **JM** lia reportagens em uma revista trazida pelo seu filho num encontro anterior, sobre lugares recreativos da cidade e de cidades vizinhas que gostariam de visitar. Um dos lugares mencionados e que deixou o grupo bastante entusiasmado foi o zôoparque na cidade de Itatiba. Ihm fala que conhece o lugar, quando Ifc pergunta a Ihm se há lugar para fazer piquenique, e logo em seguida pergunta a **JM** qual o valor do ingresso, exposto num quadro ao lado da reportagem na revista:

(...)

Ifc: e quanto que é **JM**... a entrada desse aí?... tem um quadro do lado que fala das entradas... do valor dos... dos ingressos...

JM : //olhando a revista// não!

Iet: //apontando o tal quadro na revista// aqui ó!

JM : ah!... (SI)?

Iet: é!

JM : cinco cru... cinco... cinco reais a entrada...

Iet: cinco reais?

JM : não!... cinco cruzeiros... não...

Ihm: não... é reais mesmo... cinco?

Iet: são reais... mas não é **JM** ... dá uma olhada aí...

JM : ah aqui? //apontou alguma coisa na revista//

Iet: não não... pra baixo... esse daqui é da Serra do Japi... a gente tá vendo Zôoparque...

JM : ah... sei sei sei....

(...)

No dado acima mostrado observa-se a produção de parafasias semânticas e lexicais. No primeiro exemplo o sujeito **JM** produz uma parafasia trocando a palavra “reais” por “cruzeiros”. Nota-se que ambas pertencem a uma mesma categoria “moedas”, e por isso poderia ser caracterizada como uma afasia semântica. **JM** percebe sua parafasia, ou seja, que não se trata de “cruzeiros”, o que é observado quando usa a palavra “não”, logo

após a troca. Neste caso, como o sujeito começa a produzir uma palavra, no caso “cru” e depois se auto-corrige, temos como sustentar a hipótese de que a palavra-alvo era “reais”. Como a situação exigia mesmo que a moeda em questão fosse “reais”, já que se tratava do preço de entrada para o parque, mesmo que ele tivesse produzido “cruzeiro” – o que fez novamente e também com auto-correção, sua produção não geraria um mal-entendido, embora seus interlocutores pudessem notar um estranhamento. Nesse caso, a produção da parafasia pode ser explicada em função da pergunta “ambígua” de Iet. A ênfase pode recair sobre “cinco” ou sobre “reais”. O mal entendido se desfaz quando Iet afirma “são reais... mas não é **JM** ... dá uma olhada aí...” e novamente afirma “não não... pra baixo... esse daqui é da Serra do Japi... a gente tá vendo Zôoparque”.

Pela natureza deste trabalho, nos limitamos às análises dos 28 dados acima apresentados, que julgamos serem representativos de todo o conjunto que obtivemos pela aplicação do TNB aos quatro sujeitos e nos episódios dialógicos selecionados. Julgamos que seria interessante exemplificar, para terminarmos este capítulo, produções de parafasias em dados de sujeitos não-afásicos e ainda um dado de paragrafia, também analisado.

4.5. Considerações sobre a produção de parafasias em sujeitos não afásicos

Apenas para contrapor aos dados de sujeitos não-afásicos, podemos citar um exemplo ocorrido recentemente, com um locutor de rádio, durante uma entrevista ao vivo, quando produziu “uma largem”, ao invés de “uma larga margem”⁶⁸. Só sabemos qual era sua “expressão-alvo” porque ele fez uma auto-correção, logo em seguida. Temos também um dado de fevereiro de 2005, quando um sujeito não-afásico produziu “a violão”, no lugar de “a violência de Ribeirão”. As aglutações, que são vistas na literatura como um fenômeno também desviante, geram parafasias que revelam de forma interessante a natureza sintático-semântica dos itens lexicais. e que em muito se assemelham à produção de lapsos.

Este tipo de produção pode nos levar à reflexão a respeito das relações entre o normal e o patológico. Há um dado de **JM**, durante uma conversa informal com Irn, antes

⁶⁸ Jornalista A.F. no Jornal da Manhã. Rádio Jovem Pan. São Paulo.

da sessão do CCA, em que Irn pergunta como ele havia vindo de São Paulo. Ao invés de dizer que viajou com o “massa crítica” – nome dado ao ônibus que transporta professores e alunos da USP para a UNICAMP e vice-versa, **JM** disse que havia vindo com o “massa falida”.

Outro dado semelhante foi produzido quando um sujeito não-afásico produziu, para falar da hipótese que causou o acidente com um avião recentemente. Ao invés de dizer que a hipótese do acidente era de “falha humana”, disse que foi “erro médico”.

4.6. Considerações sobre a produção de paragrafias

Apenas para apresentar um exemplo de produção de um fenômeno correspondente à parafasia, no contexto da escrita, analisamos o **dado 29**.

Dado 29:

O dado de paragrafia de **MG** refere-se a uma atividade⁶⁹ que ela fazia com a ajuda de outros sujeitos. Pedia-se que ela desse o contrário de *quieto* e depois um sinônimo. Como alguém sugeriu como antônimo a palavra *falante*, o sinônimo dado foi “calado”. Ao tentar escrever a palavra, a investigadora dá as letras iniciais como um *prompting* para a escrita: C, A, L e **MG** produz a seguinte paragrafia: **CALAMAR**.

Trata-se de uma paragrafia neologizante que nada tem a ver com a palavra pretendida – calado, a não ser a primeira sílaba. Para se compreender “Calamar”, que parece não ter sentido algum, é necessário saber que **MG** foi proprietária de uma agência de viagens que tinha como operadora de turismo a Calamares.

⁶⁹ Talvez devêssemos não nos referir a uma “atividade”, mas a uma “tarefa”, visto que era essencialmente metalingüística, proposta em um manual de conduta terapêutica para afásicos que mais lembrava uma cartilha escolar.

4.7. Considerações finais relativas à análise

Os dados acima analisados, bem como todos os outros que estão transcritos nos anexos deste trabalho (Anexos II, III, IV e V) revelam que quanto mais o sujeito participa ativamente da interação, menos parafasias ele produz, se comparado aos resultados dos testes metalingüísticos. Algumas parafasias consideradas neologizantes ou ininteligíveis, quando analisadas em relação aos enunciados dos outros sujeitos, podem ser interpretadas, na maioria das vezes, sem qualquer equívoco e raramente poderiam ser consideradas “neologizantes”. Embora permita detectar algumas das dificuldades dos sujeitos afásicos com relação aos níveis de organização do sistema lingüístico, o uso exclusivo das baterias de testes tem se mostrado inadequado para uma compreensão melhor dos fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação de Mestrado foi orientada, desde o início, pelas coordenadas teóricas e metodológicas da chamada **Neurolingüística Discursiva**. Mesmo os textos *clássicos*, das vertentes mais tradicionais, são reinterpretados à luz das discussões críticas realizadas na área de Neurolingüística e em áreas afins, no Instituto de Estudos de Linguagem da UNICAMP.

Nesse sentido é que afirmamos, durante o trabalho, que a própria seleção dos dados já se constituía como parte da análise, uma vez que se buscava, nas emergências das parafasias, compreender os processos lingüísticos e cognitivos envolvidos.

Como vimos ao longo do capítulo 1, o fenômeno foi descrito por muitos estudiosos que tentaram explicá-lo segundo diferentes modelos teóricos, tanto correlacionando a produção das parafasias com as áreas cerebrais lesadas - em propostas mais localizacionistas - quanto aos que procuraram oferecer explicações mais holísticas para o funcionamento da linguagem. Nestas, a linguagem é considerada como atividade de um cérebro que trabalha como sistema dinâmico, e a tomam em relação com outros processos cognitivos. Busca-se compreendê-la, descartando os modelos computacionais e mecanicistas que caracterizam a literatura tradicional.

Na área das patologias, não se trata de perdas, mas de *alterações* e busca-se compreender a luta de um organismo para buscar novamente um equilíbrio. Nem tudo o que é tido como *sintoma*, portanto, significa a doença. Na perspectiva da Neurolingüística Discursiva é justamente ao contrário – os dados são *sinais* ou *índices* de que o sujeito e seu organismo estão buscando processos alternativos de adaptação a um componente – orgânico ou funcional - que tenha sido lesado ou comprometido.

Como vimos, com relação à semiologia dos fenômenos afasiológicos, não basta mudar os *nomes* dos mesmos. A semiologia varia muito pouco entre os autores, como pudemos observar ao longo do capítulo 1 e, segundo Porter, os nomes atribuídos aos fenômenos da clínica são *moedas lingüísticas* que nos permitem falar sobre eles em uma

comunidade científica. Na Neurolingüística Discursiva, nome que vem sendo usado para caracterizar as abordagens desenvolvidas a partir dos trabalhos de Coudry na década de 80, buscamos (re) significar a semiologia, não apenas explicitando melhor o que entendemos por esses conceitos, mas para de certa forma destacar aquilo que há neles de *normal*.

Um exemplo dessa postura em relação aos fenômenos é observar que aquilo que é tido na teoria como *parafasias neologizantes* ou *deformantes* decorre de um equívoco na análise das produções dos sujeitos. Apresentamos muitos exemplos, ao longo do capítulo 4, para ilustrar que muitas vezes a produção nem sempre é tão distante da palavra-alvo. Ocorre que muitas vezes a palavra-alvo que orienta o sujeito não é a mesma que nós esperamos, seja no teste ou em situações discursivas. Lembremos aqui do dado de MG, quando produz *caminero* provavelmente referindo-se a “cabideiro”, não a “cabide”. Quando as parafasias parecem totalmente distorcidas em relação à palavra-alvo, uma análise lingüística mais cuidadosa pode revelar a relação entre os sons pretendidos e os efetivamente realizados.

Outra questão levantada diz respeito ao fato de que, na maioria das vezes, os pesquisadores relatam um grande número de parafasias lexicais *sem relação semântica*. O que percebemos é que as relações semânticas normalmente estão presentes – como vimos em inúmeros dados apresentados no trabalho - embora nem sempre sejam tão evidentes.

O estudo das parafasias nos apresenta a oportunidade de refletir sobre os limites impostos aos afásicos, sobre suas dificuldades com o sistema da língua, mas, por outro lado, oferece também a oportunidade de avaliarmos a criatividade dos sujeitos afásicos para operarem sobre os recursos da língua, gerando significação. Um exemplo ilustrativo disso é quando MS conta nos dedos até oito (em português) para “lembrar” da palavra *octopus* (em Inglês), durante a aplicação do Teste de Nomeação de Boston. Como tentamos evidenciar, nas análises dos dados, cada sujeito acaba desenvolvendo outros recursos, verbais e não-verbais que os auxiliem no exercício da linguagem.

Ao trabalhar com o teste de nomeação, evidencia-se a má qualidade de muitas figuras e questiona-se a presença de outras. Apesar de alguns autores destacarem que a variável que mais interfere nas avaliações é o letramento, esta ainda não é considerada nos escores finais e nos trabalhos que buscam compreender os *erros* dos sujeitos que não

nomeiam *ábaco*, *pergaminho*, *esfinge*, *estetoscópio*, *paleta*, *dardo*, dentre outras. Vale lembrar que quando os sujeitos não nomeiam com promptings o fato é explicado como sendo o resultado da perda da representação mental da palavra.

Justificamos, no trabalho, o fato de termos optado por aplicar o TNB. Queríamos ter algum tipo de controle sobre o que seria a palavra-alvo e sobre as parafasias produzidas e, num certo sentido, o teste nos ajudou, já que ambos (pesquisador e sujeito afásico) estão diante da mesma figura. Nos episódios dialógicos, nas atividades referenciais, nem sempre se sabe sobre quem ou o quê o afásico deseja falar. Dependendo do grau de severidade das afasias, muitas vezes não se consegue chegar àquilo que se pretende dizer. Os sujeitos são encorajados a se utilizarem de recursos não-verbais ou a buscarem outras palavras que auxiliem na identificação do referente - ou do *objeto de discurso* - como propõem as teorias da Lingüística Textual e da Gramática Funcional. Salientou-se no trabalho o que ambas as teorias têm em comum e, na análise dos dados, procuramos evidenciar, retomando a terminologia proposta por autores filiados a essas áreas, que o sujeito só pode *ativar*, *(re)ativar* ou *desativar referentes* quando de alguma forma eles o construíram.

De fato, se olharmos atentamente para os anexos II e III, com os dados do teste de nomeação dos 4 sujeitos desta pesquisa – **MG, MS, JM e SI** – veremos que em geral os testes favoreceram a produção de parafasias - tanto fonológicas, quanto lexicais e semânticas, devido ao fato de se centralizar no *significante*. Da maneira como trabalhamos com o teste, ao contrário, cada uma das figuras acabou por se tornar um objeto de discurso, não simplesmente relacionado a um referente, a um objeto do mundo.

Não podemos perder de vista que esta metodologia de trabalho que utilizamos nesta pesquisa com o teste de nomeação não é a que prevalece na área, quando os resultados são utilizados para levantar a lista de *sintomas* e diagnosticar *síndromes*. Para atingir este objetivo, o pesquisador tem que se colocar numa postura neutra, interferindo o mínimo possível nas respostas.

As pesquisas sobre as parafasias nos levam, na tentativa de compreender os fenômenos e os processos subjacentes, às questões que estão sendo tratadas hoje na neuropsicologia e que dizem respeito ao acesso lexical. A maioria desses estudos utiliza-se

de modernas técnicas de neuroimagem – como a Ressonância Magnética Funcional (RMf), que possibilitam “visualizar”⁷⁰ a atividade cerebral durante tarefas metalingüísticas como a de nomeação. Se, por um lado, houve tal avanço nessa área, por outro a linguagem ainda é tomada como código, as palavras são avaliadas fora dos contextos, como unidades isoladas de outros processos lingüísticos e cognitivos.

Embora seja possível detectar algumas das dificuldades dos sujeitos afásicos com relação aos níveis de organização do sistema lingüístico por meio das baterias de avaliação, ou ainda que seja possível compreendermos sobre o funcionamento do cérebro e sobre as funções das áreas que participam nas atividades de linguagem - com o auxílio de modernas técnicas de neuroimagem - o uso exclusivo desses expedientes tem se mostrado inadequado para uma *compreensão real* das dificuldades dos afásicos – ou, poderíamos dizer, inadequado para a compreensão dos afásicos em *situações reais* e, mais grave ainda, inadequado para abordar a linguagem de *afásicos reais*.

⁷⁰ Embora os próprios neuropsicólogos saibam que apesar do avanço tecnológico as máquinas permitem visualizar cerca de 5% apenas das áreas que estão ativas durante a execução de uma tarefa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M.B. 1996. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In Castro, M. F. (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas. Editora da Unicamp, 1996.
- AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon, 1962.
- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1929/1997.
- BARBIZET, J. & DUIZABO, Ph. **Manual de Neuropsicologia**. Trad. Silvia Levy e Ruth Rissin Josef. Porto Alegre: Artes Médicas; São Paulo: Masson, 1985.
- BATES, E., BREHERTON, E. & SNYDER, L. **From first words to grammar: Individual differences and dissociable mechanisms**. New York: Cambridge University Press, 1988/1997.
- BOLDRINI, M.. **As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idomatismos**. Unicamp, 2004. (Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. Fapesp. Processo: 02/ 09040-0).
- BROCA, P. Remarques sur le siège de la faculté de la parole articulée, suivies d'une observación d'aphémie, 1861. In HECAEN & DUBOIS. **La naissance de la neuropsychologie du langage**. Flammarion éditeur, 1969.
- _____. Sur le siège de la faculté du langage articulé. **Tribune Médicale**, n. 14, 1869, p. 254-256, 265-269.
- BRONFENBRENNER, U.. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Trad. Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BROW, J.W. **Jargonaphasia**. New York: Academic Press, 1981.
- BUSATO, V. **A noção de “Metalinguagem” no campo da Neurolingüística: Um estudo Enunciativo**. Campinas, SP: [s.n.], 2001 (Dissertação).
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1943/1995.
- CARAMAZZA, A. & BERNDT, R. A multi-component deficit view of agrammatic Broca's aphasia. In: KEAN, M. **Agrammatism**. New York: Academic Press, 1985.

- CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- CAZELATO, S. E. **Estudo da Interpretação de Provérbios Equivalentes por Afásicos**. Campinas, SP: [s.n.], 2002 (Dissertação).
- CITOWIC, R. E. **The Neurological Side of Neuropsychology**. Massachusetts: The MIT Press, 1995.
- COUDRY, M. I.H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- _____. O que é dado em Neurolingüística. In Castro, M.F. (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- _____. Linguagem e afasia: um abordagem discursiva da neurolingüística. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos, vol.42**. Campinas: IEL/UNICAMP, Jan/Jun. 2002, p.99-129.
- COURTINE, J. J.. Quelques problèmes theoriques et methodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, n. 62, juin. 1981.
- CRUZ, F. M.. **Uma perspectiva enunciativa da relação entre linguagem e memória no campo da Neurolingüística**. Campinas, SP: [s.n.], 2004. (Dissertação)
- CRUZ, F. M. A construção da refrencia em uma situação interlocutiva entre sujeitos afásicos e não-afásicos In Koch, I., Morato, E. M. & Bentes, A.C.(orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DAMASIO, A. & TRANEL, D. Nouns and verbs are retrieved with differently distributed neural systems. In **Neurobiology. Vol. 90: 4957 – 4960**, 1993.
- _____. *et al.* A neural basis for lexical retrieval. In: **Nature** 380: 499 – 505, 1996.
- _____. What a difference a decade makes. In **Current Opinion in Neurology, 20**. Iowa, USA: Rapid Science Publishers. pp. 177 – 178, 1997.
- _____. *et al.* Neural Correlates of Naming Actions and of Naming Spatial Relations. In: **Neuroimage I13: 1053-1064**, 2001.
- DONZELI, C.. **Análise de recontagem de piadas: um estudo de formas meta-enunciativas na linguagem de sujeitos afásicos**. Campinas, SP: [s.n.], 1998. (Relatório de Iniciação Científica)

- DUCROT, O. & TODOROV, T. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FRANCHI, C.. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Almanaque**. São Paulo: Brasiliense, n.5,1977, p. 9-27.
- FRANÇOZO, E.. **Linguagem Interna e Afasia**. Campinas, SP: [s.n.], 1987 (Tese).
- FREITAS, M. S.. **Alterações Fono-Arterculatórias nas Afasias Motoras: Contribuições para uma Caracterização Lingüística da Afasia**. Campinas, SP: [s.n.], 1997 (Tese).
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1963/1998.
- FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891/1977.
- GERALDI, J. W.. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOLDSTEIN, K.. **Language and Language Disturbances**. New York: Grune and Stratton, 1948.
- HEAD, H. **Aphasia and Kindred Disorders of Speech**. Cambridge: Cambridge University Press, 1926.
- HEESCHEN, C. Agrammatism versus paragrammatism: a fictitious opposition In KEAN, M. **Agrammatism**. New York: Academic Press. pp. 207-265, 1985.
- JACKSON, J. On affections of speech from disease of the brain. **Brain: A Journal of Neurology**, vol. 1, 1878/1879, p.304-330.
- JAKOBSON,R.. Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia. In **Lingüística e Comunicação**, (34-62), São Paulo: Cultrix,1954/1981/1999.
- _____. El metalenguaje como problema lingüístico. In **El marco del lenguaje**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956/1988, p. 81-91.
- _____. Lingüística e Poética. In **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1960/1981, p.118-162.
- _____. Sobre las perturbaciones afásicas desde el punto de vista lingüístico. In **El marco del Lenguaje**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971/1988, p.93-107.
- KAPLAN, E., GOODGLASS, H., & WEINTRAUB, S. **The Boston Naming test**. Philadelphia: Lea & Febiger, 1983.
- KEAN, M. (org.) **Agrammatism**. New York: Academic Press, 1985.

KOCH, I. V.G. **Referenciação: construção discursiva**. Ensaio apresentado por ocasião do concurso para Professor Titular em Análise do Discurso do IEL/UNICAMP, 1999.

_____. A Referenciação como Atividade Cognitivo-Discursiva e Interacional. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso In: **Veredas** 06: 29-42, 2002a.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 4ª.ed. São Paulo: Córtes, 2002b/2005.

_____ & CUNHA-LIMA, M.L. Do Cognitivismo ao Sócio-Cognitivismo. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. In: **Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa In Koch, I., Morato, E. M. & Bentes, A.C.(orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOLK, H., van GRUNSVEN, M. & KEISER, A. (1985). On parallelism between production and comprehension in agrammatism. In KEAN, M. **Agrammatism**. New York: Academic Press, 1985.

LEBRUN, Y.. **Tratado de Afasia**. São Paulo: Paramed, 1983.

LIMA, S.S.P. **O Estatuto Neurolingüístico da Perseveração da Afasia**. Tese de Doutorado. IEL/ UNICAMP. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

LYONS, J. **Semântica**. Lisboa: Martins Fontes, 1977.

_____. **Linguagem e Lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC livros Técnicos e Científicos, 1981.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pequisa em educação: abordagens qualitativas: temas básicos de Educação e Ensino**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, H. O. **O processo de refacção textual na linguagem escrita de sujeitos afásicos**. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1993.

MANSUR, L., RADANOVIC, M. **Neurolingüística: princípios para a prática clínica**. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.

MARCUSCHI, L.A. & KOCH, I. G.V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua facada. In: ABAURRE, M.B. (Org.). **Gramática do Português Falado**, vol VIII, Campinas: Edunicamp/Fapesp:31-58, 1998.

_____. Atos de referenciação na interação face a face. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **Do código para a cognição: o processo referencial como atividade cognitiva**. Juiz de Fora, MG: *Veredas* **13**: 43-62, 2002.

_____. Perplexidades e perspectivas da Lingüística na virada do milênio. In: **Mimeo**, 2003.

_____ & SALOMÃO, M. Introdução. In: MUSSALIN, F. & BENTES, Anna C.. **Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARMORA, C. H. C. **Linguagem, Afasia, (A)Praxia: Uma Perspectiva Neurolingüística**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP, 2000.

MONDADA, L. & DUBOIS, D.. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação In.: CAVALCANTI, M. M., RODRIGUES, B. B. & CIULLA, A. (org.s). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORATO, E.M.. **Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: O discurso à deriva ou as sem-razões do sentido**. Campinas, SP: [s.n.], 1995 (Tese).

_____ & NOVAES-PINTO, R.C.. **Aspectos enunciativos das Jargonafasias**. Anais dos XLV Seminários do GEL, XXVII. Campinas, SP, 1998a.

_____ & NOVAES-PINTO, R.C.. **O estatuto do Neologismo na Jargonafasia: Implicações Neurolingüísticas**. Anais do CELSUL, 1998b.

_____. Neurolingüística. In Mussalin, F. & Bentes, A. C. (org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. 2, São Paulo: Ed. Cortez, 2001a.

_____. (In) determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001b.

_____ et al.. **Sobre as afasias e os Afásicos: Subsídios Teóricos e Práticos Elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002a.

_____. O impasse internalismo x externalismo e suas influências sobre os estudos neurolingüísticos In: **Veredas** 06: 131-139, 2002b.

_____ & KOCH, I. V. G. Linguagem e Cognição: os (des) encontros entre a Lingüística e as Ciências Cognitivas. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol.44. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIN & Bentes. **Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais In Koch, I., Morato, E. M. & Bentes, A.C.(orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____ *et alli*. Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA- IEL/UNICAMP). **Relatório Final de Pesquisa, FAPESP**, processo 03/02604-9, 2005b.

NESPOLOUS, J. L. & DORDAIN, M. Agramatismo: Alteração sintática ou Morfemática? Um estudo de caso. In MANSUR, L. & RODRIGUES, N. **Temas em Neurolingüística**. São Paulo: Série de Neuropsicologia: Vol. 2, 1995.

NEVES, M. H. M.. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NOVAES-PINTO, R. **Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP, 1992.

_____. Indeterminação da linguagem e afasia. In: **Anais dos Seminários do GEL**, Vol. XXVIII. Texto apresentado nos Seminários do GEL, 1998.

_____. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP, 1999.

_____, SANTANA, A.P. & REISDORFER, I.M.. Inferências sobre as interfaces dos recursos lingüísticos a partir da análise de enunciados de sujeitos afásicos em processos de significação. Relatório Final de Projeto FAPESP. In MORATO, E. *et alli*. **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA- IEL/UNICAMP)**. **Relatório Final de Pesquisa, FAPESP**, processo 03/02604-9, 2005.

_____. **Processamento lexical: considerações a partir da análise lingüística de dados obtidos em situações dialógicas e em condições experimentais** (título provisório). Projeto de Pós-Doutorado (em andamento), realizado na Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística (UNNE), da FCM, 2006.

_____ & SANTANA, A.P. A semiologia das afasias. In: MANCOPES, R. & SANTANA, A.P. **Perspectivas Atuais na Abordagem das afasias**. São Paulo: Ed. Santos, 2007.

OLIVEIRA, R. P. de.. **Semântica formal: uma breve introdução**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

PÊCHEUX, M.. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et alii. **Papel da memória**. Trad. e intr. José Horta Nunes. Campinas : Pontes, 1999. p. 49-57.

PEREIRA, José Amâncio T. Rodrigues. **A arte do ator e o ato do afásico**. Campinas, SP:[s.n.], 2003. (Dissertação)

POSSENTI, S.. Introdução. In: CARDOSO, Sílvia H.B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas: Autores Associados, 2003.

PORTER, R. (1993). Expressando sua enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. In: BURKE, P. & PORTER, R. **Linguagem, Indivíduo e Sociedade – História Social da Linguagem**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

RAPP, C.. **A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia**. Campinas, SP: [s.n.], 2003. (Tese)

SACKS, O. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALOMÃO, M.M.. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: **Veredas**: 1: 61-79, 1999.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, vol.44. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referencia In Koch, I., Morato, E. M. & Bentes, A.C.(orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

- SANTAELLA, L.. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000/2004.
- SANTANA, Ana Paula de Oliveira. **O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a Neurolingüística.** Campinas, SP: [s.n.], 1999 (Dissertação).
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral.** 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1916/1995.
- SEARLE, J. **Os actos da fala: um ensaio de filosofia da linguagem.** Trad. Carlos Vogt et al. Coimbra: Almedina, 1972/1981.
- TUBERO, A. L.. A Construção da referência Discursiva por Afásicos e Não Afásicos em Situação Interativa no CCA. In: MORATO, E.M. et all. **Linguagem, Interação e Sociedade: A Experiência do Centro de Convivência de Afásicos e Não-Afásicos, da Universidade Estadual de Campinas.** Campinas, SP, 2002.
- TÚBERO, A. L. **A construção conjunta de objetos de Discurso: A experiência do Centro de Convivência de Afásicos no Processo de Elaboração do Livro “Sobre as Afasias e os afásicos”.** Campinas, SP: [s.n.], 2006 (Tese).
- WERNICKE, C. The aphasic sympton complex: a psychological study on a neurological basis. Kohn and Weigert, Breslau. Reprinted in COHEN & WARTOFSKY (eds), in **Boston studies in the philosophy of science**, vol. 4, Reidel, Boston, Mass, 1874, p. 39-97.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- ZAMPONI, G... **Processos de Referenciação: Anáforas Associativas e Nominalizações.** Campinas, SP: [s.n.], 2003. (Tese).

ANEXOS

ANEXO I

SISTEMA DE NOTAÇÃO

CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS⁷¹

SÍMBOLOS PARA A TRANSCRIÇÃO DE DADOS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos Segmento Ininteligível	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	MS: ã::::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi	... no início	EM: a gente ta mandando

⁷¹ O sistema de notação utilizado foi desenvolvido pelo grupo de pesquisas coordenado pela Profa. Edwiges Maria Morato, docente do IEL, a partir das normas de transcrição do Projeto NURC – Norma Urbana Culta de São Paulo. Em 2004 as transcrições não seguiam totalmente essas convenções.

retomada		pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----→* ((aponta com o dedo))

ANEXO II
APLICAÇÃO DO TESTE DE VOCABULÁRIO DE BOSTON (Kaplan, Goodglass & Weintraube, 1983)

	FIGURA	SUJEITOS	
		AFASIAS FLUENTES - POSTERIORES	
		JM	SI
1.	CAMA	JM: é uma cama Iir: ok	Iir: a senhora sabe o que é? SI: ah sei... cama Iir: cama ((risos de SI))
2.	ÁRVORE	JM: árvore	SI: é::... folhas... a é... é árvore Iir: jóia...
3.	LÁPIS	JM: caneta ou lápis... é caneta Iir: tem uma pontinha parece que tem ate uma borrachinha aqui JM: é lápis Iir: isso... (...)	SI: ah é... é lápis...
4.	CASA	JM: casa	SI: é é casa Iir: maravilha
5.	RELÓGIO	JM: relógio	SI: ó é é ó... ((mostra o pulso á investigadora)) Iir: sim é isso mesmo... SI: é ó... é::... ó... não não é::... ai Iir: pode pensar... SI: re relógio... Iir: ótimo... ótimo... ótimo
6.	TESOURA	JM: tesoura	SI: é é é é lá lápis não... é:: tesoura... Iir: ok
7.	PENTE	JM: pente Iir: uau seu Madeira...	SI: lápis pra pra de coisar o cabelo... Iir: como é o nome? SI: é... é:: é... Iir: pode pensar SI: pentear o cabelo... Iir: se é de pentear... o cabelo a senhora quase acabou de falar a senhora falou o verbo... ((risos de SI)) SI: é... Iir: é de pentear o cabelo SI: pentear o cabelo

			Lir: sim mas... o nome... SI: com preto... é:: Lir: perceba que a senhora acabou quase falou o nome da figura... SI: é Lir: pen SI: tear o cabelo Lir: pentear o cabelo SI: é Lir: como que é o nome então? tem escova e tem pen.. SI: pe pentear Lir: pente SI: pe pente Lir: pente pra pentear o cabelo certo... ta jóia
8.	FLOR	JM: uma (4s) uma... flor deve flor né? Lir: isso... certinho	SI: é é flores Lir: uhum
9.	MARTELO	JM: martelo Lir: jóia	SI: é é... é é é ((eleva a mão no rosto e a movimenta de cima pra baixo sobre o resto)) como chama? Lir: esse aqui é de bater SI: ah é? hã:: Lir: [aquele que a gente bate SI: hã:: Lir: é que a figura ta ruim aqui SI: hã:: é:: tesoura não não é:: pentear... é... Lir: a senhora recorda que há algo a gente coloca e vai batendo SI: então é... tesoura não... é:: como que chama.. é::... tesoura... é... é.. Lir: mar... SI: ma mar... é:: co coisa não... é tesoura não... é... Lir: mar... começa com mar SI: ah é? Lir: mar-té... SI: martelo Lir: jóia...
10.	APONTADOR	JM: apontador	SI: e depois... ô::... esse eu não sei como que é o nome Lir: se a senhora não souber o que é a figura a senhora fala SI: ah... ta... Lir: as crianças usam muito na escola ((eleva o braço sobre a mesa e movimenta a mão de baixo para o lado direito)) SI: é? hã::... é::... é como que chama? é:: é:: Lir: a... a... SI: [(SI) a é não... é:: Lir: apon ((risos de SI)) SI: ah é? jóia... aí... Lir: lembra que as crianças apontavam lápis... olha aqui ó...

			SI: [ah é... óia... a sei... Iir: jóia? SI: jóia
11.	HELICÓPTERO	JM: elicópero... elicó-ptero Iir: uhum	SI: e e e é... avião Iir: esse daqui ele... é ele não é um avião SI: ah é?hu::m... Iir: mas ele voa... SI: óia... é:: avião memo ((risos)) Iir: não... é de um outro tipo... SI: a é? hã:: Iir: porque o avião ele é imenso esse é menorzinho SI: hum... Iir: ele é menorzinho não...um pouco menor , também voa... SI: é? hum... Iir: e as outras hélices aqui é... SI: óia... hã:: Iir: a senhora não sabe? SI: não Iir: he... vamos ver se a senhora recorda... he-li SI: é.. ele /'eli/... voa... Iir: helicó SI: helicópio... Iir: jóia... também voa né?mas ele não é menor do que o avião? SI: óia... avião ... é
12.	VASSOURA	JM: vassoura	SI: é é... varrer o... é... Iir: varrer o... SI: o te terrero assim... Iir: sim sim mas como que é nome então? SI: vassoura Iir: jóia
13.	POLVO	JM: hã... hã... ((coloca as duas palmas da mão para cima)) Iir: o senhor não sabe o que é?... porque tem figuras que elas são ruins mesmo, eles desenham... são mal desenhadas JM: polvo Iir: muito bem seu Madeira	SI: ah não sei... Iir: esse aqui vive no mar... SI: ah é?... Iir: aham SI: esqueci o nome... Iir: pol... ((risos de SI) SI: pol... zá Iir: a senhora quase falou o nome pol... SI: é... ((risos)) Iir: pode ir pensando... SI: é?...pol... Iir: porque no mar tem ...o que tem? tem vários animais né? SI: pol... hum... pol... a não sei...

			Lir: polvo SI: ah é pol a óia... Lir: que tem a a... SI: a sei...
14.	CENOURA	JM: hã:: cenoura	SI: ham... é é esqueci o nome... a Áurea faz se sempre é:: Lir: a Áurea faz sempre? Si: o::... a... Lir: pode pensar... SI: é... hum... ce... hum Lir: ce SI: é cenoura... Lir : jóia...
15.	CABIDE	JM: cabide... é? Lir: ta certo... ta certo JM: [é? certo...	SI: é é sempre pendura... Lir: isso SI: é é... Lir: qual é o nome? SI: ah não sei... pin pindurar hum... Lir: pindurar SI: é...ro roupa Lir: [roupa...ca SI: é Lir: cabi Si: cabide Lir: jóia...
16.	TERMÔMETRO	JM: termômetro	SI: ba ba balançar Lir: de balançar? ((risos de SI)) Lir: ta vendo que tem aqui parece que serve pra... medir a temperatura SI: óia...é? Lir: do ambiente SI: a::: Lir: que a gente coloca na parede que as pessoas colocam pra ver quantos graus esta SI: [a:: sei... a:: ((risos)) [hu::m Lir: no dia... não lembra? SI: [a::: Lir: não lembra? SI: não... Lir: ter SI: terchi Lir: ter-mô... SI: é::: Lir: termôme..

			SI: ah ter termône Lir: termôme... termômetro SI: ah ter termô-metrô Lir: isso
17.	CAMELO	JM: camelo	SI: é::... e eu sei o que que é isso... é::... (SI) é::... é:: e eu o que que é... Lir: geralmente ele tem em cidades quentes SI: o::: Lir: consome muita água né? SI: ah sim... esqueci... Lir: ca SI: ca... i... carneiro... Lir: carneiro? SI: oi... Lir: será que é carneiro?ca... SI: num num é não... Lir: não é carneiro SI: ca... não sei Lir: came... SI: ah ca canelo não é é ca ca ca Lir: me SI: me Lir: came-lo SI: ah camelo óia... a::: Lir: isso SI: a::
18.	MÁSCARA	JM: máscara	Lir: geralmente colocam em festas SI: a:: vôlei não é é... caneca Lir: a Juliana coloca... no teatro às vezes ((passa a mão na face)) SI: hu::m... o que que é heim? Lir: as crianças quando quando vão em algumas festas que tem que ir fantasiado elas colocam uma... SI: hu::m...ai... eu não sei... Lir: colocam uma más SI: ah máscara Lir: jóia...
19.	DOCE	JM: bolo bolo enfeitado Lir: aqueles bolinhos né? JM: é Lir: [jóia...	Lir: o que será SI: o:: o:: ichi eu não sei não... ((risos)) Lir: parece um... pare... é de comer SI: ah é? Lir: nao parece? SI: hu::m... Lir: esse aqui é é é é um docinho aqueles muffin que... que vende no mercado enfim... SI: [ah ta ta... é...óia...

			Lir: é um docinho de chocolate SI: óia...
20.	BANCO	JM: banco	SI: de de sentar é Lir: é de sentar SI: [me mesa não... é cadeira Lir: cadeira?mas cadeira não é parecida com esse daqui? ((aponta para a cadeira onde esta sentada) SI: então Lir: que a gente ta sentada esse aqui é maior é um... é de sentar também... ban SI: ban banco Lir: jóia
21.	RAQUETE	JM: raquete de tênis Lir: muito bem seu Madeira	SI: é:: tênis... não Lir: isso é de jogar de jogar tênis... como que é o nome? ((risos de SI)) SI: ai... não sei Lir: pense um pouquinho pra ver se lembra SI: é... Lir: os jogadores de tênis dizem assim eu vou pegar a minha... ((risos de SI)) SI: ai Lir: ra SI: é ra ra... não sei Lir: pra jogar tênis eu vou pegar a minha ra... SI: é é Lir: raqué SI: raquete ichi...
22.	CARAMUJO	JM: hã:: caracol... não... Lir: ca caracol caramujo né? JM: é	SI: esse é... ichi... ((risos)) há... eu não sei... ((risos)) Lir: é um bichinho daqueles que vão andando no chão..ca... SI: é Lir: cará... SI: ca Lir: cará SI: cará... é::...não sei Lir: caramu SI: ca caramujo ((risos))
23.	VULCÃO	JM: vulcão	SI: flores óia... Lir: flores? SI: não... não sei também... Lir: esse daqui no Brasil não não tem mas em outros países tem sai aquelas lavas em SI: [ah é? Lir:... algumas épocas SI: hu::m... não sei...

			Lir: vul SI: vulcão ((risos)) Lir: hu:::m claro que sabe... ((risos de SI))
24.	PEIXE/PEIXE- ESPADA	JM: peixe... Lir: peixe... JM: peixe Lir: na verdade é um peixe é uma espécie de peixe mas peixe	SI: é:: também não sei né? Lir: esse a senhora tem que saber a senhora a senhora sempre sai ((risos de SI)) SI: é é... é:: é:: que que é... é:: Lir: a senhora sempre conta no grupo que vai que vai pescar e pesca... SI: óia... é... caramujo não... é:: Lir: a senhora pesca o que quando sai com a Áurea SI: [é memo... é:: peixe Lir: jóia
25.	DARDO	JM: arco de fécha Lir: arco?o arco de flexa é o arco? JM: ((aponta para a figura)) arco não Lir: mas é o arco? não porque o arco... não é diferente? JM: não é o arco é o outro Lir: [é diferente né? JM: é o:: a fécha Lir: fle ou o dardo né... JM: [é dardo...	SI: óia... esse eu não sei não... Lir: esse aí é um jogo um jogo não mas tem... é é um jogo geralmente tem as crianças jogam tem adultos mesmo. Dar... SI: é:: dar-ci não... é... dá Lir: [não dardo SI: a dardo? óia... óia
26.	CANOA/BARCO	JM: barco	SI: eu sei...é:: conta... é::...chama de de contar.. o... aí caramba... eu sei mas mas bote Lir: bote! pode ser bote SI: é Lir: canoa SI: ah canoa Lir: ou barco SI: ou barco Lir: que a senhora sempre sai pescar garanto que a senhora não sei se a senhora sai de barquinho? SI: não Lir: não? SI: não não sai... Lir: só fica ali... SI: é é Lir: pescando...
27.	GLOBO TERRESTRE	JM: mapa mundi Lir: é ou... que que tem a ver como se chama aquilo que é redondo JM: que é redondo? Lir: é que... é globo... JM: globo... terrestre	SI: a::i... também não sei não... Lir: esse daqui é igual aquele ali ((aponta para o lado)) onde tem os mapas SI: hu:::m Lir: do do... um um mapa igual a esse qual é o nome...onde tem as localidades o Brasil os outros países

		lir: isso... ou mapa mundi	SI: não sei lir: gelo SI: glo globo lir: globo globo te... são duas palavras globo te... SI: te...ai caramba lir: globo terrés... SI: terreste lir: hu::m
28.	COROA	JM: coroa	SI: é:: por no no cabelo não... é lir: uhum SI: ah também não sei lir: geralmente as rainhas ou os reis colocam né? Como que é o nome? SI: [a:: o::: é:: ah não sei não... lir: co SI: co... ah não sei lir: coro SI: coroa
29.	CASTOR	lir: é esse aqui ((apontando para parte da figura)) JM: coelho... não... eu não sei o que é isto lir: olha vou verificar pro senhor veja aqui que ele que ta roendo a árvore qual bichinho? JM: pica pau não... lir: o pica pau ele é um tipo de passarinho né?... o coelho ele tem as orelhas maiores JM: hã... lir: veja que ele tem um rabinho e uns dentinhos aqui ó... que rói a árvore... cas... JM: castor né? lir: i::sso	SI: ah esse eu ratinho... lir: ratinho? SI: não... ((risos)) lir: perceba aqui que ele tem alguns... alguns dentes grandes aqui tem uma árvore e tá roída SI: é::? lir: o rati o rato não rói árvore... o que rói a árvore SI: ratinho ((risos)) é:: lir: cas SI: ca... não sei lir: castor SI: ah castor?óia... ah tá... lir: [uhum
30.	GAITA	JM: gaita	SI: e e::sse é... aquele que é:: alguma coisa... piano... não não sei... lir: não... parece um piano... faz parte ele... as pessoas eles tem algumas pessoas que que tocam... que... SI: então...é:: esqueci o nome lir: [esta envolvido com a musica SI: é? lir: uhum SI: nao sei né... lir: geralmente é alguns cantores eles tocam ou violão ou qualquer outro outro SI: [é... lir:... instrumento e tocam? SI: é esqueci... ai caramba... violão i... lir: ga SI: ga

			Iir: gai SI: ga... gaita ((risos))
31.	RINOCERONTE	JM: hã::... rinocerôte Iir: muito bem seu Madeira	SI: é pois ó vaca... é não sei não Iir: vaca? SI: não ((risos de SI)) Iir: ah... SI: to touro não... é... esqueci o nome... Iir: ri... SI: hum? Iir: ri... rino SI: rino... não sei Iir: rinoce SI: é Iir: rinoce... rinoceron... rinoceronte SI: óia...(existe isso) ichi óia
32.	AVELÃ/CASTANHA	Iir: o desenho ele é meio ruim mesmo JM: hã:: (7s)não... não sei o que que é isso Iir: é como se fosse um um um uma nozes assim... tem um um desenhinho não sei se o senhor se você assistiu a era do gelo... o desenhinho o senhor assistiu? JM: não sei... Iir: [não... a::... JM: [castanha? não ... Iir: ele é como se fosse uma nozes mesmo mas não é castanha começa com a a... JM: nossa... a (vê) não sei... Iir: a-ve JM: avelã... Iir: isso...certo	SI: é::: co co co co como é o nome?... é::: é... sempre a Áurea compra Iir: a Áurea sempre compra? SI: ô:::... Iir: é de comer... tem aquelas casquinhas que tem que tirar SI: é então... Iir: eu adoro isso... SI: é ô::: Iir: a... ave SI: a ave... ó meu Deus do céu...ichi.. Iir: faz parte da família das amêndoas ave... SI: é ((risos)) Iir: avelã SI: ah é? ó abe abe abelã óia...
33.	IGLÚ	JM: buraco de tatu não...buraco de... Iir: de... JM: hã::: Iir: pode pensar tranquilamente seu Madeira... JM: rato né?nao... Iir: não é nem de tatu nem de rato JM: buraco de... Iir: eles realmente hoje hã:: os esquimós dormem... JM: esquimós não não Iir: que eles constroem né?... mas tem um nome dessa casa onde eles dormem JM: não sei Iir: i::... JM: i... (11s)não sei	SI: ichi... não sei o que que é... Iir: isso daqui é moradia de dos dos homens que vivem no gelo... ah é?como é o nome?olha aqui a entrada...geralmente nos desenhos animados sempre tem SI: ah é? Iir: aham... SI: não sei também... Iir: i: SI: é i::: Iir: iglu SI: a é iglu isso óia Iir: é onde os homens dos gelo onde as pessoas que que constroem aqui a casa do gelo SI: [ó:::ia a:: ichi a:::

		lir: iglu JM: iglu? lir: iglu... JM: não não sabia lir: o senhor não sabia? JM: não lir: geralmente eles falam iglu ou casa do gelo onde os esquimós onde onde essas pessoas que que moram no gelo eles constroem aquelas casinhos no gelo né? JM: aham...	
34.	PERNA DE PAU	lir: olha eu quero saber esse aqui o que é isso que o menino ta subindo aqui né... JM: pente né? não... escada... pente lir: não veja que ele ta em cima... ele ta se apoiando pra ficar maior... nos circos eles utilizam mesmo as vezes eles colocam algumas fantasias... JM: [é:: não sei lir: perna... JM: perna de pau lir: [per... hu::m....	SI: é é bota... é lir: bota? SI: não ((risos)) lir: ah... SI: é anda assim ((ergue um pouco os dois braços e se movimentar)) lir: anda? SI: não... anda também lir: como que é o nome? perceba que o o menino ta tá em cima pra ele subir aqui SI: então como que chama... lir: no circo geralmente tem né? SI: oh tem né... lir: que as pessoas usam pra ficar maiores SI: então o:: lir: perna... SI: perna... é::... coxa não lir: perna de SI: pau lir: perna de pau SI: oh perna de pau hã...
35.	DOMINÓ	JM: dominós	SI: ah... também também não sei o que que é não... lir: a gente sempre joga ali no no grupo algumas vezes a gente já jogou... SI: ah ta é:: esqueci o nome... lir: é um jogo tem aquelas pedrinhas SI: ah tá...é... ah não sei né... lir: a senhora sabe o que é né.. o jogo? SI: [e e eu sei... lir: do... SI: do::: lir: domi SI: domi min lir: quase....domi... SI: é::: lir: eu vou jogar domi... SI: é:: si::... é...

			Lir: dominó SI: oh domino óia sei... Lir: que tem aquelas pedrinhas né? SI: hu::m
36.	CACTUS	JM: cactos Lir: ótimo	SI: coqueiro na não... ((risos)) é Lir: tem em regiões muito quentes no nordeste tem muito SI: o:: Lir: tem algumas miniaturas que a gente também compra na floricultura quando... SI: é... árvore não é... como que chama... ichi... Lir: cá SI: cá... caramba é... Lir: cac... cacto SI: a cacto oia a:: tá... Lir: que que geralmente em cidades quentes tem né? SI: é... eu não sabia o nome... Lir: ah jóia... cacto (cactus) SI: ô...
37.	ESCADA ROLANTE	JM: escada rolante	SI: eu também não sei o que que é... Lir: no shopping no shopping quando a gente vai no Dom Pedro assistir filme no cinema SI: hum... Lir: a gente desce e sobe SI: [hum...ah sei Lir: pra chegar ao cinema SI: então Lir: a gente desce primeiro pra chegar no cinema e a hora que a gente sai do cinema a gente sobe SI: hum... então eu não sei não Lir: es-cada SI: escada Lir: só que que tem uma diferença essa escada a gente só só a gente somente pisa no primeiro degrau a gente vai sozinha SI: ah tá... Lir: a gente não fica subindo de degrau em degrau... é escada... tem mais uma outra SI: [ah tá... Lir:... palavra... é escada... ro... SI: ro... rotermi... Lir: escada rolan SI: roranti Lir: escada rolante SI: oh escada rolanti

38.	ARPA	JM: arpa	SI: du du du o:: como chama... é... é... não sei o que que é não... (9s) esse Lir: geralmente aparece nos desenhos ou em algumas novelas que tem anjos que eles vão tocando... SI: [a:: esqueci o nome Lir: ar... SI: é... ar... ichi agora... Lir: arpa SI: é arpa a:: sei Lir: não é verdade que geralmente os anjos aparecem tocando arpa? SI: [óia a::
39.	REDE	JM: rede	SI: o:: rede Lir: jóia
40.	FECHADURA	JM: fecha... fechadura	SI: agora não sei o que que é... casa Lir: tem nas casas tem nas portas das casas pra entrar pra sair... SI: [hu::m a::não sei como que cha chama Lir: fecha SI: fe fechadura Lir: jóia
41.	PELICANO	JM: pássaro... não... Lir: é um pássaro JM: é pica-pau não Lir: não... o pica pau ate tem um bico grande mas o pica pau ele tem até o pé diferente e não tem essa esse papo aqui ó... geralmente ele come peixe que tem esse papo grande... vamos ver se o senhor recorda... JM: não sei Lir: pe... JM: peixeiro não não Lir: peli JM: ah pelicano Lir: ótimo geralmente eles guardam os peixinhos né? JM: ah sei Lir: ótimo seu Madeira	SI: é... é... como que chama é... pa pássaro Lir: é uma pássaro SI: é memo... é:: não sei como que chama abelha é... esqueci o nome... é... Lir: ele tem um bico enorme tem um papo aqui... ((leva a mão ate o pescoço)) pe SI: [o:: pe... a::: a a a a tem no mar assim...esqueci o nome Lir: [é realmente eles pegam peixe... SI: é? Lir: peli SI: hu::m... pe-li... Lir: pelicã SI: pelicã... não sei Lir: pelicano Si: pelicano óia ah ta...
42.	ESTETOSCÓPIO	JM: hã:: ((coloca as palmas da mão para cima)) eu não sei o que que é isso ((coloca os dedos nos ouvidos)) Lir: é o senhor o senhor ate colocou as mãos aqui ó... JM: é é Lir: o senhor recorda né?pra pra que ser pra que que serve?... JM: [é::: Lir: quando a gente vai numa consulta né? JM: é Lir: os médicos colocam e ficam ouvindo os batimentos cardíacos -	SI: me me me medico isso usa Lir: medico usa isso isso... como é o nome disso a senhora sabe? SI: [é:: não Lir: estetoscópio... SI: eliscópio a::: é Lir: é estetoscópio SI: ah ta... Lir: os médicos que usam né? SI: então... é...

		respiração...vamos ver se o senhor lembra do nome... JM: ta na ponta da língua e eu não lem eu não lembro Iir: es (10s) esté... JM: ah estético não... esté... não sei Iir: estétos... JM: ah estetor... hã:: não estetor não... Iir: estetoscópio JM: ah este...	Iir: [pra ver os batimentos cardíacos a respiração...
43.	PIRÂMIDE	JM: pi pirâmide Iir: uhum	SI: ichi agora não sei... Iir: geralmente tem no no no deserto que dizem aparece em filmes... SI: aí...((risos)) (8s) ah não sei Iir: pi SI: pi...a:: ((risos)) Iir: pirâ... SI: hum... pirâ Iir: tem no Egito... pira... SI: nao sei o que que é... Iir: pirâmi SI: pirâmi Iir: pirâmi... pirâmide SI: ah é?ó pirâmide... óia ichi... Iir: geralmente tem no Egito né? as pirâmides do Egito... SI: hu::m...
44.	FOCINHEIRA	Iir: esse daqui é isso aqui... que eu gostaria de... de saber ((apontando para uma parte da figura))... o senhor percebe que tem um um... um cachorrinho né?e que tem alguma coisa segurando aqui essa parte do fuço JM: hã:: Iir: geralmente eles colocam quando o cachorro sai... em alguns cachorros bravos JM: [é:: ta... Iir: pra não morder as pessoas né?ou no veterinário que nem se a gente leva os os cachorrinhos eles colocam... ((JM sinaliza negativamente com a cabeça)) Iir: olha...é pra prender o focinho JM: eu sei eu sei... hã:: Iir: mas eu dou eu dei uma pista aí quase quase disse o nome pro senhor... JM: focinheiro Iir: ótimo seu Madeira	SI: agora não sei o que que é... Iir: parece um cachorrinho geralmente eles colocam pro cachorro nao nao morder Si: a::: Iir: né? SI: hu:::... Iir: pra ele não... SI: hu::m ah é? Iir: colocam no no focinho SI: hu::m h::m agora eu nao não sei o nome... Iir: foci SI: focinho? Iir: é eles colocam no focinho... Si: ah tá... Iir: é focinhei... focinheira SI: ah fo fo foci focineira Iir: [focinheira... isso focinheira SI: [óia a::: Iir: é eles colocam geralmente quando... vão sair quando o cachorro é muito bravo SI: [ah o::: é...

			Iir:... e eles saem na rua pra realmente se escapar não morder as pessoas porque ele SI: [ó::ia é:: hu:::m Iir:... prende né?e aí eles não podem abrir o a a boca pra pra atacar ou morder... ou no SI: [ah é? [óia a:: hu:::m [óia a:: Iir:... veterinário quando... vão levar os cachorros pra darem vacina eles colocam SI: [hu:::m a:: Iir:... aí coloca prende eles não conseguem morder... SI: [ah é? ah é?óia... Iir: focinheira SI: hu::m focineira?
45.	UNICÓRNIO	JM: cal cavalo de... Iir: na verdade não é bem um um cavalo ele:::o senhor pode ver que tem assim ((aponta para a figura)) JM: sei Iir: é como se fosse um chifrinho ali né...ele não existe é ...apenas em mitos JM: é Iir: né? JM: eu não sei Iir: vamos ver geralmente eles é é::... um... é um deixa eu falar uni... JM: ni? Iir: UNL... JM: uni... Iir: uni... unicór JM: unicór não sei... Iir: unicórnio JM: não não sei Iir: não sabia? JM: não Iir: unicórnio que geralmente nos desenhos ou em livros mitológicos que tem aquelas JM: [(certo)... Iir: aqueles que tem aquele... o cavalo mesmo com com um chifre né?daí vem uni... uni de um córnio de de... um chifrinho né? JM: gozado	SI: é... é gua não... be não é:: como que chama é:: Iir: esse animal é mais mitológico ele não exi/e ele não existe né? SI: então... Iir: geralmente tem nas... nas lendas nos desenhos... SI: é ma... é::... gua não esqueci o nome... Iir: uni SI: uni... ah nao sei Iir: unicór SI: unicór... ah não sei Iir: unicórnio SI: ah é?unicórnio... óia... Iir: geralmente hã:: né?... eu pelo menos vi bastante isso em desenhos que aprecem SI: [hu::: ah é?óia... Iir:... unicórnio... filmes SI: [ah ta...
46.	FUNIL	JM: funil Iir: (SI) né?	SI: é::... usa usa é... com com não sei o nome é:: ai caramba... e e eu (porque) eu conheço... poxa agora eu não sei Iir: [fu...

			SI: é:: fu... é:: aí lir: funil SI: funil óia ah tá..
47.	SANFONA/ACORDEÃO	JM: sanfona	SI: isse aí isso... ((movimenta os braços de um lado para outro, como se dançasse; risos)) lir: é musical também né? SI: o:: hã:: não sei como que chama lir: no Rio Grande do Sul que tem muito isso né? Si: [então o:: fone não... é::... agora lir: ichi... é::eu sei como que chama lir: san SI: san... ((risos)) é::... sanfona ((risos)) lir: ótimo
48.	AGULHA	JM: agulha	SI: agora não sei o que que é isso lir: geralmente a gente usa em costura... pra costurar as roupas... SI: [hu::m ha:: o:: te te lir: poe o fio... SI: te tesoura lir: não tesoura... tesoura foi a outra figura que a gente viu... SI: é... lir: esse daqui... a tesoura a gente usa pra cortar o o fio né? SI: e então... lir: mas quando a gente vai costurar uma roupa... que que a gente pega... uma... pega a a tesoura corta o fio pega o fio e aí vai passar o fio onde?...numa... SI: não como é... lir: [pra daí costurar SI: é?hum... lir: a... SI: aguia lir: ótimo
49.	ASPARGO	lir: esse desenho é difi ...eu não talvez eu não que o se JM: [que... eu sei lir: geralmente nos mercado eles vendem JM: é lir: é mas já é a... essas sementinhas né... JM: é eu sei mas... eu compro isso... lir: vamos ver se o senhor recorda... pensa um pouquinho seu Madeira... pensa com calma...(6s) as JM: pás lir: as... JM: não sei lir: aspar JM: a:: aspargos	lir: esse aqui eu não sei se a senhora... o que o que a senhora acha aqui? SI: não sei também lir: esse essa figura é muito muito ruim também né...o nome o nome disso geralmente a gente encontra no mercado já em sementinhas é aspargo SI: ah sei...

		Lir: i::sso... ótimo	
50.	COMPASSO	JM: caderno não cam com -passo Lir: realmente a gente pega só deixa eu ver uma coisa seu Madeira... realmente a gente pega aqui e a a gente utiliza no caderno... o senhor pode ver que tem uma agulhinha um lapizinho que a gente faz ((demonstra com a mão)) JM: hã:: esquadro não esquadro compasso não Lir: compasso... JM: é ta certo ((risos))	SI: o::... ichi... eu sei o que que é isso... ti tisoura nao... é tesoura... é é... ai Lir: com... SI: contar Lir: a gente usa já na escola em alguns trabalhos né? SI: a ré... Lir: isso... com... ((risos de SI) Lir: compá SI: compass Lir: quase SI: é? Lir: quase quase acertou dona Shizue... Si: é:: Lir: compá SI: compá... ah não sei... Lir: compasso SI: ah passo oia a::
51.	CHUPETA	JM: chupeta Lir: ótimo	SI: mo mo mo momadeira ((risos)) Lir: não mamadeira é é é a gente é é a gente da pra criança sim SI: ó Lir: mas não é mamadeira SI: é? Lir: geralmente a gente as mães dão pras crianças ficar quieta, em silêncio ou a criança chora mu::ito Si: é memo é é... mamadei não é... ah chupeta Lir: jóia
52.	TRIPÉ	JM: o tripé Lir: jóia seu Madeira	SI: o que que que que que nao nao sei o que que é? Lir: a senhora percebe?esse aqui é:: de colocar as câmeras... geralmente como aquela ali a senhora perceba que é igualzinha ((aponta para a câmera)) SI: ah é? Lir: né?só que essa daqui é maior... SI: hu:::m... Lir: ela tem três perninhas aqui SI: então... Lir: né? o nome dela como é? Si: não sei Lir: tri SI: é tri Lir: isso...como é então?tri... Si: cume não Lir: [não...tem três perninhas tri... SI: tri::: Lir: tri que vem de três...

			SI: é? Lir: tripé SI: ah tri tri tripé Lir: isso SI: ó::: Lir: tripé que a gente coloca a câmera... Si: [hã::: óia...
53.	PERGAMINHO	JM: hum... Lir: antigamente eles escreviam aquelas cartas né? JM: é Lir: com aquelas peninhas... e aí desenrolavam né? (5s) per JM: per (5s) não sei Lir: pergá JM: pernacaminho Lir: ótimo	SI: i::: ah eu eu eu eu (dorme) aqui... cama? nao? Lir: não... perceba que tem algumas coisas escritas aqui SI: nao sei ((risos)) Lir: esse aqui antigamente eles utilizavam aquelas penas pra escrever pergaminho SI: [hu:::m a:: hu:::m ah pergaminho Lir: aham SI: óia... não sabia que... Lir: pergaminho que eles usavam antigamente quando nao existia é:: nem caneta SI: [óia... óia... a:: hu:::m a:: ta Lir:...lápis...eles pegavam no tinteiro com a pena e... SI: a:: é... ((risos))
54.	PEGADOR DE GELO	Lir: eu quero saber o nome disso daqui ((aponta pra figura)) o senhor po JM: [pegador de gelo Lir: excelente seu Madeira ((risos de JM))	Lir: o nome dessa figura aqui... SI: hu::m... SI: a senhora perceba que tem alguns desenhinhos aqui SI: então... ah não sei não... Lir: o que parece isso? ((risos de SI)) SI: eu sei eu sabia o nome... (9s) caneta não é né?é::: (issoapê) não... Lir: geralmente esses e e a gente a gente coloca pra congelar na geladeira SI: [a:: sei... a::: Lir: a gente coloca água e congela aí vira o que? SI: [hu::m é congelador não não... Lir: e depois quando a gente quando ele ta congelado quando a gente quer... quer que a água fique... fique... gelada ou alguma outra bebida refrigerante a gente pega o que?... SI: [ah tá... Lir: pra pra pegar o... pra pegar esses o que a gente... o que que a gente pega SI: é? Lir: pra congelar?pra pra gelar a água SI: ah gelo Lir: gelo isso... então como é o nome disso? SI: é Lir: isso aqui é o que a gente pega o gelo como é o nome? SI: não sei

			Iir: pegador de gelo SI: de ge de gelo óia ah tá... Iir: uhum pegador de gelo Si: óia...
55.	ESFINGE	JM: hã:... Iir: geralmente tem no Egito né?aquelas JM: eu tem tem... não sei Iir: es... JM: egípcio não Iir: é é do Egito né? JM: es Iir: es JM: esfinge Iir: ótimo	SI: ichi agora não sei... é:: Iir: esfin Si: espinafre não é:: Iir: esfinge SI: ah é óia a::: Iir: [uhum
56.	CABRESTO/CANGA	Iir: aqui tem um desenho... pra que que serve isso? JM: hã::: Iir: né? JM: pegador de cavalo não... pegador Iir: na verdade geralmente quando quando a:: os os homens falam falam pra mulher ou a mulher fala pro homem que querem prender eles mesmo né?querem colocar o que?um... um JM: prendedor... não... Iir: [ca... ele tem dois nomes pode ser... cabresto JM: cabresto Iir: ou canga... JM: ta... Iir: não... geralmente os homens não falam pras mulheres: vou colocar um cabresto pra ver... se não sai de casa né... não sei aqui, mas lá no sul falam isso... JM: [tam tam tam Iir: também aqui? JM: também Iir: cabresto	Iir: eu quero saber o nome desse perceba aqui que eles que tem duas SI: vaca Iir: duas vacas é pra prender uma na outra SI: ah é? óia a:::.... na não sei o nome Iir: ca cabresto SI: ah ca cabresto óia... Iir: geralmente eles colocam pra prender né?as vacas SI: [então
57.	REGADOR	JM: regador Iir: ótimo	SI: é é mo mo mo mólha Iir: sim pra molhar... a gente coloca de água pra molhar né as plantas SI: [então então Iir: como que é o nome? SI: esqueci Iir: re SI: re (4s)a:: caramba... (Nestor sempre Nestor) leva isso Iir: regá SI: regador ((risos))
58.	PALETA	JM: tinta: ... Iir: é de colocar a tinta	SI: ti tinta Iir: isso eles colocam a tinta mas eu quero saber como que é o nome disso

		JM: [pi pincel não pincel Lir: é... eu quero saber o nome disso aqui onde a gente coloca tinta mesmo pra pra pintar... ele tem um nome... pode pode pensar tranquilamente seu Madeira JM: (espoido) Lir: como? JM: (espoido) né? Lir: não não... JM: não?... a minha mulher tem isso aí Lir: é porque ela pinta né? JM: é Lir: vou dar uma pista pro senhor pa... JM: pa.. Lir: pa... palê JM: paleta Lir: paleta ótimo...	onde eles colocam a tinta que os pintores pegam tem um nome aquela tabuinha onde eles onde eles colocam a tinta SI: é? não sei como que chama Lir: paleta Si: ah paleta ó::ia...
59.	TRANSFERIDOR	JM: esquadro... não não tranfe transferidor Lir: maravilha... vou falar que nem o Serra maravilha...	SI: re regador não ai... Lir: regador é o o a figura a outra figura que a gente acabou de ver SI: não sei como como que chama Lir: é da família das das réguas... e da mesma família mas tem um nome SI: é? nao sei Lir: transfê SI: transferência...não... transfes Lir: transferi SI: é ((risos)) Lir: transferidor SI: ah é óia transferidor
60.	ÁBACO	Lir: esse aqui não sei se o senhor... JM: esse é::... Lir: geralmente eles usavam antigamente porque não tinham como contar né? JM: [é certo... Lir: nem eu sabia pro senhor ter uma idéia eu eu eu vendo eu tive que procurar saber... JM: [a::... Lir: a JM: [e eu não sei...heim? Lir: o nome começa com a... a... JM: eu sabia isso... a::... não... Lir: ábaco JM: ábaco puta la merda Lir: o senhor sabia? JM: não... Lir: não? JM: não... eu sabia...	Lir: não sei se a senhora sabe... essa figura aqui o nome dela é ábaco SI: ah a ábaco Lir: ábaco que geralmente eles faziam as contas antigamente... SI: ah é?óia... Lir: ok... ok...é isso dona Shizue acabou as figuras...jóia...

ANEXO III
APLICAÇÃO DO TESTE DE VOCABULÁRIO DE BOSTON (Kaplan, Goodglass & Weintraube, 1983)

	FIGURA	SUJEITOS	
		AFASIAS NÃO-FLUENTES - ANTERIORES	
		MG	MS
1.	CAMA	MG: cáma... cama...	Im: se vier primeiro a palavra em inglês você fala, se vier em português você fala MS: [cama] [...] Im: lembra em inglês? MS: isso é é...hum... é <i>desk</i> ... não... é:: não me lembro... Im: nem uma outra palavra associada?você falou <i>desk</i> ! pra gente isso já é um dado! MS: [é] é... Im: interessante... um dado MS: [é é] Im: ISSO é um desk ((bate na mesa)) MS: i ...isso é... ((eleva a palma da mão para cima como se estivesse mostrando a mesa)) Im: isso está no mesmo campo semântico... então interessante por isso assim que eu o MS: [i i isso ((eleva a palma da mão para cima como se estivesse mostrando a mesa)) Im: o que assim vier você fala e se eu te der um <i>prompting</i>... . <i>bé</i>...é que essa palavra é tão curta que se você der um prompting maior que isso você vai falar a palavra... ((risos de MS)) Im: hã:: pensa num num sintagma por exemplo... em português você fala assim eu vou levantar eu vou fazer minha cama , vou arrumar minha cama MS: isso Im: em inglês... to make the ... MS: bed Im: ok MS: hu::m Im: olha
2.	ÁRVORE	MG: cárvore	MS: AR-VO-RE Im: em inglês? MS: tree... Im: bom MS: hu::m
3.	LÁPIS	MG: ai... ai... ai... ai... ((tenta com a mão sobre a mesa desenhar	MS: pencil.... hã hã lá-pis

		algo)) aí eu num eu num se Im: [péra... pensa um pouquinho... MG: eu sei o que é... ((risos)) Im: [eu sei que (SI)... claro que você sabe o que é... ((risos de MG)) MG: ah... ((faz um risco com a mão na mesa)) ah... ah na não... Im: ta certo o começo do som... MG: ca... ne-ta... NÃO:: Im: ok não é caneta é o que então?... você tinha feito certo... MG: [lá-pis.... Im: isso aí... ((risos de MG)) Im: você tinha feito certo... o som inicial você fez lá não... lá tenta quando você percebe que selecionou o som tenta... falar a palavra... ta? ((risos de MG))	Im: ok
4.	CASA	MG: sa-da... ca-sa Im: ok	MS: hu::m... hã:: é é casa...é:: é buil-ding Im: building... ok... e co é se fosse assim mais sinônimo de casa... building seria né prédio construção mais geral né?e a palavra... em inglês pra casa MS: ho... hou-se Im: ok
5.	APITO	MG: a-mi-to Im: ok...	MS: a a-pito e ((sinaliza como se não soubesse a palavra)) nada Im: não não sabe a palavra em inglês? MS: [isso Im: whistle MS: há:: Im: por causa do verbo to whistle hã...enfim... whistle MS: [e e
6.	TESOURA	MG: ca... ca-ti-dora Im: ok... ((risos de MG))	MS: hã:: te-soura hã...hã é é sci-ssor Im: scissor... aham ok...
7.	PENTE	MG: pen-te	MS: hum... hã hã bét é não.. é é pen-te é... é... comb Im: ok
8.	FLOR	MG: flor...	MS: hu::m... hã flor... Im: em inglês? MS: flo-wer Im: ok
9.	SERROTE	MG: que que nove ((MG tenta desenhar na mesa com a mão))	MS: hã... eu sei... hã ((risos))

		Im: que você fez aí? ((MG tenta desenhar novamente)) MG: é ((Im dá uma caneta e uma folha para MG tentar escrever)) MG: qui-no-te não... ((MG pega a caneta para tentar escrever na folha)) Im: é parecido com o que você falou... mas... MG: ai... ai... Im: não não é... ((referindo-se ao que MG escreve)) MG: qui... ((faz movimentos com a mão)) Im: você sabe o que que é... MG: é... Im: você falou parecido... se... MG: se-nó-fe.... Im: se-rró-te MG: [rro-fe Im: serrote ((risos de MG))	Im: hã eu sei que você sabe também... você já falou isso outro dia e você pos na lousa MS: [isso Im:... até alguma coisa que tinha a ver MS: é::: é na e-rrrote Im: serrote MS: só Im: só Ilk: eu pensei que você iria dizer Serra... MS: não Ilk: por isso que você ficou MS: não Im: [não mas é por causa disso que ele Ilk: [ah ta Im: outro dia você fez uma brincadeira alguma coisa com só e Serra né? MS: [é... é Ilk: [ah tá Im: acho que tinha um filme alguma coisa que tinha... o Segredo da Serra Elétrica MS: [é isso ((risos)) Im: alguma coisa assim Ilk: [o Massacre ((risos)) Im: o massacre, não o segredo da Serra ((risos)) Im: o segredo do Serra o massacre da serra ((risos)) Im: ok...
10.	ESCOVA DE DENTE	MG: a ai... ((eleva a mão até os dentes e o movimenta e um lado para outro)) Im: o nome... tenta falar o nome... MG: te-nó ai... eu nunca nunca se nunca sei o nome ((risos)) Im: mas porque normalmente você nunca fala o nome né? MG: isso Im: você usa mas nunca fala o nome ((risos de MG)) Im: ta...vamos supor que você vai o supermercado e você precisa comprar uma... MG: ai... Im: você vai pedir pra alguém comprar pra você...traz pra mim uma... MG: ai Im:es... MG: escova Im: escova de	MS: hum... é scissors não... scissor Im: sesours você acabou de mostrar aqui pra mim... scissors... scissors MS: a::: hã hã hã escova... de dente Im: uhum.. MS: não não Im: tooth... dentes né?só que você fala... pra escova de dentes em inglês tooth... MS: [hum... hã tus... Im: tooth é dente... MS: isso Im: e escova?que também pode ser pra cabelo... MS: não Im: brã..começa com brã... tooth... ((MS sinaliza negativamente com a mão)) Im: brush MS: ah brush Im: [brush... ok

		MG: de dente Im: ok	
11.	HELICÓP TERO	MG: ai ((escreve algo na mesa com a mão)) MG: ai esse aqui eu... eu sei o que dé... mas eu não sei... ((risos)) Im: mas você sabe como chama isso MG: sei Im: e:: MG: e Im: e:: e... li... MG: e-li-tópeto ((risos)) Im: ok	MS: hã he-li-có-pre-to- ro Im: ok... em inglês? MS: hã helicóper Im: helicopter ok...
12.	VASSOU RA	MG: assoura Im: ok	MS: hum... hã... vassoura... hã é hum...hum... ai... é... Im: não?... começa com brã... MS: brush Im: brush é escova e aqui? MS: [é isso... hum... Im: não? MS: não Im: broom MS: broom Im: [broom...não lembrava dessa? uhum MS: [nada Im: questão de uso né? ((risos))
13.	POLVO	MG: ai essa aqui são... é... ((faz movimentos com a mão sobre a mesa)) ai.. eu não sei porque fica no fundo de mar Im: hum... mas você sabia o nome ou você não sabe MG: [ai ache que não... Im: ta... vo começar a palavra pra ver se você lembra a palavra... po... MG: po... Im: pol... MG: polpe... polpique Im: polvo MG: polvo ((risos))	MS: ai... octópodus Ilk: há::: a Im: [ok... octopus ok... e e... em português? MS: é é hum i... ((risos)) i... é Im: você lembrou primeiro em inglês MS: [i::: é é... Im: ta mais próximo do... MS: [é Ilk: você contou?um dois três quatro cinco seis sete oito... ((risos)) Im: é que ele sabe que tem oito... ((risos)) MS: hã... não... octopus Im: e em inglês...português? MS: é não é vulcano não...hum... i i esqueci Im: ok começa com po... po... Ilk: [a gente a gente come isso MS: não é é mui eu faço maravilhas Ilk: [a::: você faz...

			Im: ah é? MS: [é é... Im: então vamos pensar assim se você tem por exemplo vamos supor que você ta falando que você vai fazer algum tipo de peixe na sexta-feira santa... quais são as MS: [hum... [hum... Im:... possibilidades que você pode fazer? MS: é bécalhau Im: bacalhau MS: é::: salmão... hu::m... Im: [uhum... MS: é::: Im: você que faz também né Serra? MS: mui Im: não é a Laura né? é você? MS: isso i i Im: [é você mesmo? MS: i hã ((apontando para ele mesmo)) Im: ah ok... a Laura fica lá com os doces com os bolos e você faz os hã... MS: [i i i [maravilha Im: então vamos lá que mais? MS: [é há::: hã hã hã San hãm Vicente... Im: em São Vicente? MS: não Im: o que que é? MS: é é eu hã bacalhau... é salmon... i i i... sal... Im: é um peixe? MS: é... Im: hum MS: maravi Im: [e que seja diferente de peixe MS: é:::... hum... a hã hã oyster hum.... Im: oyster oyster é o que em português? ((risos)) MS: [é é é i... os-tra Im: ostra aham MS: [é... é... é camarão hu:::m... Im: [hum... Ilk: [hu::m MS: hã::: vulcan na é é.. hum ((aponta para a figura)) é:: não... Im: tem uma que é o apelido do presidente como que é? MS: Lula... i não não Im: [Lula... e esse como que é? ((MS coloca a palma da mão para cima como se não soubesse o nome da figura)) Im: po... começa com po... pol-vo MS: [po... há:::... polvo i i há Im: aham... ((risos)) ok...
--	--	--	--

14.	COGUME-LO/ CHAMPIGNON	MG: hã... é::i... aí também não sei... Im: você usa isso na comida né? ((MG sinaliza positivamente com a cabeça)) MG: sopa... Im: então pensa um pouquinho... MG: ai... ((aponta para o desenho)) ai... ((aponta novamente para o desenho e eleva a palma da mão para cima, como se estivesse dizendo que não lembrava da palavra)) ai... é essa... Im: co... MG: co-mipode... co-mi... ((balança a cabeça negativamente)) não também não... Im: co... MG: co... mi... Im: nao... cogu... MG: co-gu-me-do... ((risos)) Im: cogumelo	MS: hã hã mushroom Im: mushroom uhum... MS: hã hã co-gu-me-lo Im: ok e em francês? MS: não? Im: não Im: mas a gente também usa a palavra francesa pra isso chã... cham-pi-gnon MS: ah cha ah... Im: aham... na culinária fala mais champignon do que... cogumelo MS: [i i i.... não e eu Im: você fala mais mushroom? MS: i isso Im: aham
15.	CABIDE	MG: cá... Im: ta certo cá... ((MG olha e eleva a mão para o alto)) MG: ca-mi-ne-ro Im: ok...	MS: cabide Im: ok e em inglês você lembra? ((MS sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: e se eu falar pra você que o verbo pendurar é to hang... como que seria cabide? MS: rém-pi-quê--pi Im: ré... hang MS: é... Im: não lembra o substantivo? MS: [não não Im: ok... hanger MS: a:: re han-ger Im: hanger ok?...to hang hanger MS: [e e e eu não uso Im: uhum MS: não não ó... hã hanger... em Inglaterra... Im: outro nome? MS: isso Im: eu não sei... você sabe algum outro nome? Ilk: hã hã ((Ilk sinaliza negativamente com a cabeça))
16.	CADEIRA DE RODA	MG: a... a... para voce cavar Im: é? como que chama? MG: dá... aí eu sei como pode...((risos)) Im: é? ca... MG: ca...mi... Im: ca dei... MG: ta-deira.... Im: cadeira de... MG: roda	MS: ca-deira rodas Im: ok... e em inglês você lembra? MS: nada Im: como é que é cadeira em inglês? MS: é é é hand... Im: cadeira? MS: hang Im: hang é o cabide que a gente acabou de falar ((MS sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: você tinha falado desk pra mesa carteira... e só cadeira?

			MS: [i i... i desk Im: não desk é... a mesa a carteira MS: hu::m... Im: ok... roda wheel cadeira de roda wheel... chair MS: ché::r Im: [chair ok?
17.	CAMELO	MG: ca... ((escreve com a mão sobre a mesa)) hã... ca... ca melo Im: camelo aham...	MS: camelo Im: uhum e em inglês? MS: hã não i é i é é não... é camelo é... é... é a Im: hã:: ta falando em inglês? MS: [i i não não i i inglês não... hã Cairo Im: ah em Cairo chama como que é? MS: rranis carin Im: ah é? não sabia... não eu pensei que você tava falando alguma coisa em inglês por causa do ARRAne escraf dromedário né?... hunch back? alguma coisa assim é como se ... MS: [não é::... isso i i (SI) Im:... fosse (SI) você andou? MS: isso hã hã:: hã:: ((começa a se movimentar mostrando que havia andado de camelo)) ((risos)) MS: puta que pariu... Im: quem ficou mais cansado e com sede no final, o camelo ou você? ((risos)) Im: ai ai ai
18.	MÁSCARA	MG: ai esse aqui pó... ((eleva a mão sobre a face)) por ((aponta para a figura)) ai não sei... Im: a Juliana de vez em quando faz teatro com vocês e traz o que? traz as... MG: [i::sso... hum... hum... Im: uma... uma... más... MG: máscara Im: uhum... ((risos de MG))	MS: más-cra Im: máscara e em inglês? MS: mask Im: good... uhum...
19.	DOCE	MG: ai Im: esse aqui não precisa porque na verdade é um docinho americano não sei se você já viu chama (preatzel) MG: hã::... Im: tem tem em alguns shoppings centers aqui eles fazem com queijo... MG: hã:: Im: já viu?	MS: nó... Im: interessante Ilk: [ÓLHA ((risos)) Im: eu tinha certeza que ele iria falar alguma coisa assim... quem mora nos Estados Unidos tem um nome isso aqui é um docinho... que é sempre desse jeito tem aqui MS: [ah ah pressil

		MG: não... Im: ele é assado... e vai bastante queijo em cima ou ou canela... chama <i>pretzel</i> MG: pretzel	Im:... também... pretzel... isso pretzel... isso mesmo pretzel
20.	BANCO	MG: banco Im: uhum...	MS: ah banco... Im: uhum MS: bank Im: é... ou sit...
21.	RAQUETE	MG: hã::ai jogava tanto... Im: você jogava? ((MG sinaliza positivamente com a cabeça)) MG: é... camel NÃO... ai chama...((aponta para a figura; inicia movimentos com o braço tentando mostrar o objeto))ai chama... ai não sei... Im: pensa um pouco na situação... fala assim eu vou jogar tênis...preciso da bola e da... MG: da raquete ((risos)) Im: da raquete... jóia...	MS: hu::m... hu::m... Im: esse eu trouxe dos Estados Unidos agora porque em português é um pouquinho diferente...a versão tem algumas figuras que são... diferentes MS: hã... hã... ((faz movimentos com o braço de um lado para outro)) hã... Im: ra MS: ia ra-que-te Im: raquete e em inglês é parecido racket MS: [isso... racket. Im: ok...uhum
22.	CARAMUJO	MG: ai esse dá... esse é... ((faz um movimento circular com a mão sobre a mesa)) é um... bé... bé... Im: você fez a letra certa aqui você fez um C ca... MG: ai Im: ca::... MG:ai...hum... ai... Im: você (lembrou) que caramujo MG: caramujo Im: porque eu fiquei na dúvida se você não tava tentando lembrar <i>lesma</i> MG: lesma também ((risos)) Im: [lesma, caramujo..	MS: u hu::m...como chama?... ((faz movimentos com a mão de um lado para outro)) Im: você fez um gesto que iria falar... cá MS: ca-ra-mujo Im: ok em inglês você lembra esse nome caramujo?hã::... hã lembrei... você sabe? MS: não Im: hã:: hã snail MS: há:: Ilk: Snail... as pessoas comem snail
23.	VULCÃO	MG: ai esse aqui eu acho que não lembro não o que é Im: é uma montanha que solta fogo, fumaça o que que é? MG: [a:: Im: você quase falou... ((percebe-se que ela tenta articular /v/ MG: vo... vo... foga ah aqui é uma foguinha ((risos)) Im: não... mas é o que? vu... MG: vol-cano Im: vulcão... isso MG: [isso Im: você falou em italiano vulcano ((risos de MG)) Im: vulcão... ok	MS: vulcano puta que pariu Im: [então... como que você vai falar polvo você falou vulcano pra:: pra polvo Ilk: [há:: MS: [é é Im:... porque será? você (já) tinha feito esse teste Ilk: [acho que era o som MS: é Ilk: acho que é o som Im: [do polvo... vulcão por causa do som do ele... vulcão polvo pode ser MS: [isso Im:... vai saber... é isso que a gente tenta saber...

			((risos)) Im: porque será... ((risos)) Im: ok... é é e em inglês? MS: vulcane Im: volcano
24.	CAVALO-MARINHO	MG: ai esse aqui é.... aquele que tá no fundo do mar... ((risos)) Im: aham... ta no fundo do mar é um... MG: ai... ((eleva a palma da mão para cima, inclina a cabeça para o lado olhando para a investigadora e para a figura como se não lembrasse o nome da figura)) ai é é Im: o que vem do mar... MG: hã? Im: o que vem do mar é um ma-ri-nho... isso é um... MG: hã... Im: ca... MG: camélo... nao... Im: [nao... é um ca-valo MG: [lo... ca cavinho ai ((balança a cabeça de um lado para o outro, sinalizando negativamente)) Im: cavalo... marinho ((MG sinaliza positivamente com a cabeça)) MG: rinho Im: cavalo marinho... ok... fala “cavalo marinho” MG: cavinho ((risos)) Im: você ta juntando tudo... ((risos de MG)) Im: cavalo MG: cavalo me ma-rinho Im: ok	MS: há há cavalo marinho Im: e em inglês? MS: hã::: é... hu:::m... Im: só cavalo como que é? MS: é é hor-se Im: tem horse no nome então como que é marinho ou do mar? MS: hã...((sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: não? MS: não Im: sea horse MS: hã::: puta que pariu... ((risos)) Im: esse você come ou não? MS: não Im: mas tem gente que come MS: muito Im: [dizem que é bom... Ilk: não é muito pequeninho? Im: é mais fritinho diz que fica igual lambari ((risos)) MS: há há::: *->* ((MS aperta o nariz com os dedos)) Im: mas ele é mas ele fede é terrível... uma vez eu vi um assim que... não deu coragem pra encarar... tava pronto pra comer... ((risos))
25.	DARDO	MG: ai isso aqui é... ((estica o braço para o lado como se estivesse batendo em algo)) Im: pra jogar? MG: i::sso... Im: como que chama sabe? ((MG sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: mas você não sabe o nome ou você não consegue falar agora? você sabia o nome disso? MG: a eu sabia... é mais... ai é... ah não... assim tão... Im: você lembra se é um nome comprido, curto?.. MG: comprido ((risos)) Im: é comprido... você ta chutando né, Graça?... Dar-do MG: ah é::: é dar-go Im: [dardo dardo aham...	MS: dar-do Im: dardo... muito bem não sei se eu lembro como é que é em inglês hu:::m MS: dard... Ilk: uhum Im: não sei ,é? Ilk: é é dart MS: [é é é Im: dart... com com “t”... dart, ok? MS: [é é é...

26.	CANOA/ BARCO	Im: você fez o som certo... MG: bo hã... ((faz movimentos com a mão sobre a mesa)) ai... Im: bar MG: bar-quinho Im: [ok... uhum...	MS: canoa Im: uhum... e em english? MS: canoe Im: canoe! Yes! e pode ser também, por exemplo, se fosse barco MS: bar a Im: pra barco MS: não Ilk: [barquinho Im: boat... MS: há::: Im: [que é o termo mais geral... mas tudo bem...
27.	GLOBO TERRESTRE	MG: ah... bo... ah não... Im: quer escrever? MG: é que é também chi num sei escrever ((risos)) Im: a primeira letra você lembra? ((pega a caneta para escrever)) MG: é... glo-bo ((sem precisar escrever, devolve a caneta à investigadora)) Im: globo... precisa... forçar um pouquinho mais Graça... MG: é Im: quando você pensa um pouco, quando você tenta pensar na primeira letra... fica mais fácil pra falar...	MS: ah... ma-pa mundi Im: ok mas que tipo de mapa mundi é este? não é um mapa mundi aberto como é que a gente chama esse tipo de mapa?... igual aquele? ((aponta para um mapa que deveria estar próximo à câmera)) MS: hum...hã::... ((sinaliza negativamente)) mapa mundi... Im: mas tem um nome mais específico pra quando é um mapa deste tipo desse aí MS: como chama? Im: como chama? MS: é... ((risos)) Im: eu vou falar a segunda palavra pra ver se vem a primeira... terrestre MS: glo-bo te-rres-tre Im: muito bom... ok
28.	GUIRLANDA	MG: ai é uma... é... ((faz movimentos circulares sobre a bateria de teste com a mão)) lá... Im: do que que é isso aí? MG: fol... far lê por co lo nar nar ((faz movimentos circulares com a mão no ar)) lá Im: pra por na porta? MG: I::sso Im: de Natal? MG: I::sso Im: como é que chama? MG: ai não sei... Im: guir... ((MG sinaliza negativamente com a cabeça, como se não lembrasse do nome da figura)) Im: guir... MG: guir-cada Im: guir...lan-da MG: [landa Im: guirlanda ((MG sinaliza positivamente com a cabeça))	MS: hu::m... é é não... é...é... é... na-tal... Im: uhum... MS: hu::m... Im: [uhum MS: hu::m... ((risos)) Im: vem com toda carga emocional junto ((risos)) MS: isso... hum... como chama... hã:: Im: muita gente tem isso mas não sabe o nome... Ilk: hum MS: hã... é::... fa... valan não... Im: tem essa parte que você falou... MS: [i:: Im: ok começa com guir... MS: guir-landa Im: isso guirlanda...hã:: to tentando lembrar em inglês agora... MS: hã mistletoe Ilk: mistletoe... MS: é?

			Im: pra isso? Ilk: não mistletoel é é é a folhagem... Im: folhagem... mas tem outro nome... é:: ate o final é capaz de eu lembrar ok... ((wreath seria a palavra correta)) MS: [i]
29.	CASTOR	MG: nossa... com com saco... ((faz movimentos com a mão sobre a mesa)) na... chato... oh meu Deus do céu... ((pega a caneta da investigadora para tentar escrever o nome da figura no papel)) é... parece rato... ((vai em direção à devolução da caneta para a investigadora, mas, não devolve)) Im: mas não é um rato... dá uma olhada o rabo dele... MG: ai ai... Im: [ele rói a árvore... tem um colchão que tem esse nome... uma marca de colchão... ((risos de MG; sinaliza negativamente com cabeça mostrando que não recorda o nome da figura)) Im: ca... MG: ca... ((olha a figura)) ai...((sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: castor MG: castor Im: aham... MG: é é mesmo... Im: aham...	Im: o que é esse bicho? MS: cas-tor... Im: castor MS: bea-ver... Im: beaver... (SI) Ilk: [ua::u MS: [ah a Im: uhum... e esse é difícil de você lembrar heim? eu vi assim a aplicação desse teste lá nos Estados Unidos com vários pacientes... e:: ninguém acertava o nome MS: é? Im: é difícil Ilk: [eles não conheciam? MS: [é é Im: não conhecem o bicho mas não sabem o nome... não muito falam que é o esquilo Ilk: [há:::: não vem o nome Im:... o squirrel... mas não né:: é diferente né? Ilk: [há:::: [é é e tem arvore Im: e tem arvore envolvida e esse detalhe aqui muita gente não... MS: [é:: ((risos)) Ilk: não vê Im: não vê...
30.	GAITA	MG: ai esse aqui (não lembro) ((Im leva a mão sobre a boca e a movimenta de um lado para outra)) Im: de tocar... um instrumento musical MG: [hã... ai... a a... ((fa zo mesmo movimento que Im, leva a mão sobre a boca e a movimenta de um lado para outra; risos)) Im: ga MG: ga... ga Im: ga MG: ga Im: ga começa com ga... MG: que... não... Im: gai... MG: gaita Im: gaita	MS: hã... hã... ((leva os dedos até a boca e os movimenta de um lado a outro)) gai-ta Im: gaita e:: em inglês você lembra como que é? MS: não Im: começa com har... har-mo MS: har-mo-nikét Im: harmonica harmonica...

31.	RINOCERONTE	MG: é é... isso aqui tem no be no bosque ((risos)) Im: no bosque? ((risos de MG)) MG: é Im: no bosque não tem, tem? MG: é:: Im: [é enorme esse bicho... MG: é::: é... ce ce não conhece? Im: [não sei... nunca vi lá... não. Eu conheço o bosque, mas não sabia que tinha (SI) MG: [é::hã... ai o nome... Im: Ri MG: rei-nal-no- ceronte Im: tem lá? MG: é:: Im: nossa	MS: hu::m... eu vi... Im: você viu la também? na África? MS: isso Im: né que você foi lá pra África? MS: i isso... hu::m... hã medo... ((risos)) Im: mas você viu no campo, solto? MS: i isso hã... ((balança as mãos de cima para baixo))ah ah hum... Im: [uhum... mas você tava num jipe de passear ? MS: [não Im: tava andando? MS: i isso... ((risos)) MS: hã::: hã::: ((gesticula com o rosto e com as mãos como se estivesse com medo)) ((risos)) Im: ele não te viu... foi a sua sorte... MS: [fi i i i isso ((risos)) MS: puta que pariu... é rinoceronte Im: e em inglês parecido MS: é rhinoce... Im: rhinoceros MS: [isso Im: yes, all right rhinoceros
32.	AVELÃ/CASTANHA	MG: ai isso aqui... as... ah eu acho que é... Im: é uma a...a-ve MG: lã Im: avelã...um tipo de nozes né?	MS: hum... hã hã... como chama... é:: Im: você assistiu a era no ge a era do gelo? MS: [i::... Im: você assistiu o um e o dois?como é que é? MS: é::: é:::.. Im: começa com a... a... em português a... ve MS: a:::ve a-ve-lã Im: avelã MS: i isso Im: e em inglês você lembra? MS: não... Im: hei /hei/: MS: [a a a duas palavrinhas ahum.. hum... ré é hazel Ilk: e a outra palavra? Im: [hazel o que?... hazel... MS: hã nut Im: nut hazelnut... very good MS: [hã hã... Im: ok...

33.	IGLÚ	MG: ai isso aqui eu nunca sei o e e eu sei Im: sabe o que que é... MG: ai Im: o que que é?... pra que que serve isso aqui? MG: pra entrá entrá... Im: quem entra nós temos isso aqui no Brasil? MG: não Im: quem que entra? MG: ai Im: que povo que usa isso aí? ((MG faz um movimento circular com a mão sobre a mesa)) Im: onde que tem isso? MG: é é... ai é...ai onde be be entra aqui Im: hã? MG: e depois.... ai Im: isso aqui tem no pólo norte MG: i::sso ((risos)) Im: quem, que povo que usa muito isso aqui?... os es... MG: os es es-que-nó Im: os esquimós?e como que chama? esse tipo de casa?... i... MG: i... ai... Im: i...gl MG: [o-glô Im: iglu MG: iglô ((risos)) Im: iglu... iglu	MS: iglu... Im: iglu MS: hã hã tanto faz Im: tanto faz... sabe como a maioria quando eu trabalhei com isso aqui na tese MS: hã Im: eu trabalhei com esse teste assim pra várias crianças MS: hã Im: de várias idades e pra várias pessoas também escolarizadas e não escolarizadas e MS: [hum... Im:... muitas falaram que é forno de pizza Ilk: há? Im: muitos muito disseram forno de pizza ((risos)) Ilk: há? ((risos)) Im: porque é um é um conhecimento aprendido na escola né?... você cha dizer que essa Ilk: [sim sim Im:... casinha do esquimó chama iglu Ilk: uhum Im: i:... não sei se é uma questão cultural agora não aparece em quase em nenhum lugar falando que aqui é iglu... então tem muita que não sabe o nome então olha pra isso Ilk: [uhum Im:... aqui e fala um forno de pizza ((risos de MS)) MS: iglu Im: iglu
34.	PERNA DE PAU	MG: ai esse aqui... Im: só esse aqui ó... MG: é... isso aqui eu sei... ((risos)) Im: uhum... você já usou isso ou nao? MG: não porque eu sei eu sei... sa-tadera de roda Im: não mas não é a mesma coisa não é muleta... isso aqui ó os palhaços usam muito no circo MG: é eu sei o que que é Im: o que que é?... perna... MG: perna de pau Im: hum...	MS: hu::m Im: é isso aqui só MS: é... é não... trou-sers Im: trousers são calças calças compridas por exemplo trousers mas aqui ((aponta para a figura)) MS: [isso isso isso Im:... isso aqui o que que é?ta usando pra MS: [não Ilk: [palhaço usa isso no circo (SI) as pessoas MS: não... eu sei... Ilk: ah desculpa ((risos)) MS: é:: Im: tem haver com trousers na medida em que trousers você usa nas pernas ((risos)) MS: [é::: Im: como é que chama isso aqui?

			MS: não sei Im: perna... MS: DE PAU isso isso Im: [perna de pau ok e em inglês? MS: há:: há:: ka hã::... é::... não é Im: eu não tenho certeza agora do nome eu tenho marcado mas não lembro se é stilt ou se stillted é muleta... preciso preciso olhar mas não lembro... ((a palavra correta é stilt))
35.	DOMINÓ	MG: ai é isso aqui eu adoro... Im: há e o que que é? MG: di... ai... ((pega a caneta e escreve na folha)) acho que é assim... Im: ok... só que não é i aqui... ((referindo-se ao que MG escreveu)) é ô... então não fala di MG: di... Im: do... MG: dominó... Im: dominó isso...	MS: hã maravilha hã::... hã::... é... ba não.... do-mi-nó... Im: uhum... MS: é:: outro... Im: tem outro nome? MS: é Im: em português mesmo? MS: [isso Im: eu não sabia...tem? Ilk: não MS: não Im: [tem?pra dominó tem outro outro nome? pro jogo? MS: [i i i isso isso isso Im: pras pedras?eu não lembro MS: [i i i eu hã hã hã bati... Im: hum... MS: maravilha Im: as eu não sei de outro nome não pra domino... ok em inglês é a mesma coisa dominoes MS: isso
36.	CÁCTUS	MG ai esse aí é é meio... ((estica a mão de um lado para outro)) naquele ((estica a mão de um lado para outro)) Im: tem no deserto? MG: tem Im: como que chama? MG: até... i: Im: cá... MG: cá... cá... cá-mi... ah esqueci Im: cãc MG: cactumudo ((risos)) Im: cactos cactos ((risos de MG)) MG: ai ((risos)) Im: juntou um monte de coisa aí Graça... cactos... MG: cactos Im: ok...	MS: hu::m... ai ai ai... cá-ti-cos Im: ok cactos... cactos e em inglês? MS: [i isso isso hã cactos Im: cactos cactos que é a mesma coisa

37.	ESCADA ROLANTE	MG: ai ai esse eu tenho um medo Im: [eu sei que você... eu lembrei o dia que a gente foi ao shopping que você não queria... não mas você... você desce mas não sobe? MG: i::sso Im: eu lembrei que você falou que descer você descia, mas subir não... a maioria das pessoas tem medo de descer MG: descer Im: não de subir, mas você é o contrário... MG: é hã hã... ai... Im: es... MG: es-cada olante ((risos)) Im: escada rolante...	MS: hã... hã::... is-ca:-da rolante Im: escada rolante MS: isso Im: [e em inglês? ((MS sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: es-ca... começa com esca... escalator MS: hã::: Im: ok? MS: isso Im: uhum
38.	HARPA	MG: ai... hum... ai... eu co eu sei... Im: uhum... MG: ai... é é a... Im: você sabe como começa a escrever esta palavra?com o que que começa? você ta lembrando a palavra ou não? MG: não e eu lem-brei o que se fala Im: o que é MG: isso... mas eu não sei li li ligá o:: Im: har MG: har-pa Im: isso tá ((risos de MG)) Im: quando você vê assim que você quer lembrar o nome... você tem um... parece assim que ta na sua cabeça como que escreve como que fala e a palavra não vem ou não? ou as vezes não? MG: [não vem, você falou... Im: vem falando a primeira... aí vem MG: vem	MS: harpa Im: e em inglês? MS: harpol Im: harp Ilk: uhum Im: ok uhum...
39.	REDE	MG: ((faz um movimento circular com a mão sobre a mesa)) ai... Im: você tem em casa ou não? MG: tem ((risos)) Im: então pensa um pouquinho... ai eu vou lá... deitar na... MG: na cana não... não é cana é cama... Im: não... é porque eu falei deitar você falou cama mas deitar na... MG: bê-bê... não hum... Im: re MG: rede	MS: é::: como chama?é:::... é... não...é não... hã... Im: pensa num contexto de uso... Ilk: eu vou deitar na... Im: [eu to cansado vou deitar na MS: hã:: ra é ra hã hum hã::... hã... ((com o ombro faz movimentos de um lado para outro, como estivesse se balançando)) Im: você falou certo mas não só que não é rã... é re... MS: hã rede isso é não não... não é é é Im: você iria falar em inglês? MS: isso Im: ah... e como é em inglês? Ilk: [há MS: with Im: não

			Ilk: ré... ré ((escreve-se hammock)) MS: ré... Im: hammock... conhecia essa palavra ou não? MS: [há:... i::sso Im: ahan... hammock
40.	ALDRAVA	Im: aí esse aqui só o Mário Serra que acertou ((risos)) Im: nem a gente sabia o nome disso você sabe? MG: aí... Im: tem na porta pra você... bater MG: [ah aquela ((eleva a mão para o lado e faz movimentos como se estivesse batendo em algo)) Im: como que chama você lembra isso? MG: si si... não Im: ele falou al-drava MG: hã?.. Im: eu não sabia MG: eu também não	MS: i::... ((eleva a mão na altura da cabeça e a movimenta da frente para trás)) Im: uhum... Im: isso aqui na verdade, essa figura... MS: hã ((eleva a mão na altura da face e a movimenta para frente e para trás, como se estivesse batendo numa porta)) Im: ninguém mais usa isso... ou pelo menos não co... aliás, na minha casa não tem nem isso, não tem nem campainha! Ilk: é verdade... é verdade Im: que que é isso aí Ilk: mas eu nem saberia o nome disso Im: hã:... pois é por isso que eu questiono o que que isso tá aqui... MS: [AL-DRA-VA... AL-DRA-VA Im: aldrava? MS: i é... Im: nossa, Serra... foi buscar essa no fundo do baú né? é isso mesmo?eu não sabia...em MS: [hã é i i Ilk: [é? Im:... português é assim que fala? tem alguma outra palavra que você... como é que você descreveria isso se você não souber o nome? MS: hã hã dã... al-dra-va Im: hum... eu nunca ouvi essa palavra eu acho que to ouvindo pela primeira vez . E em inglês, você tem alguma... MS: não Im: ok... o que que é isso aqui... em inglês? MS: hum... hum... Im: porta e em portu e em inglês? MS: é:: ((eleva a mão em direção a Im, pedindo para ela esperar um pouco)) Im: uhum MS: é é é é aldrava ((risos)) Im: você lembrou o nome que ninguém lembra (...) ((corte no dado)).
41.	PELICANO	MG: é... ((aponta para a figura)) aí esse esse aí dé... pal... Im: começa com p... p... MG: é:: pê... aí essa é... Im: pe-li MG: peli-ca-no Im: pelicano... isso	MS: hum... é... hum... hum... não sei hum ((aponta para figura)) Im: a maioria das crianças falavam que era cegonha por causa do bico MS: hum Im: mas não é cegonha MS: hum Im: é um pe... MS: há há pe-li-ca-no

			Im: em inglês é parecido pelicano Ilk: [aqui existe pelicano? ((Im sinaliza negativamente)) MS: não e/existe Im: ah sim , mas em zoológico tal... você não vê... ((risos)) Im: naturalmente por aí... nem no... acho que nem no pantanal... Ilk: é ((risos))
42.	ESTETOS-CÓPIO	MG: ai isso aqui pra medir que que (estrambólico) Im: [não sei... você sabe o nome? MG: não... nome eu sei Im: hã? MG: mas...eu eu Im: [não vem... es MG: e::s Im: te... es-te... tos... MG: léctos é ((sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: estétos MG: ai te Im: cópio ((risos de MG)) Im: estetoscópio MG: é... ló ((risos)) Im: estetoscópio MG: é ai... não sei ((risos)) Im: então ta bom...	MS: hã... hu::m... hã... hu::m... ((risos)) MS: é... door não... Im: (SI) é o nome técnico né? MS: é... eu não sei... Im: ok... eu vou falar um parecido pra outro instrumento que a gente usa por exemplo pra pra olhar as células, microscópio MS: isso Im: pra olhar o céu, telescópio, como que chama isso aqui? MS: hã... micros-crópio... é hum... Im: porque cópio é aparelho que se usa para... MS: [isso isso... Im: es MS: es-có::-pio Im: estetoscópio MS: isso Im:ok ok... em inglês stethoscope
43.	PIRÂMIDE	MG: i:: Im: (faz de conta que é o) Egito... MG: é é é qui qui é qui qui râ me Im: pirâmide MG: pirâmide Im: [pirâmide	MS: hum... ((aponta para a figura)) MS: Chã na na na ((começa a se movimentar, como se estivesse dançando))... ah ah... é::...um é::... a não... i::: múmia ((aponta para a cabeça))... não... ((apontando ainda para a cabeça; risos)) é:: ((risos)) Im: tem a ver com múmia mas... ta todos no mesmo filme mas só vem múmia MS: [isso... Im:... quando tem isso aí por perto... MS: es-fin-ge Im: não Im: super interessante o que você esta fazendo... múmia... esfinge... ((folheia o livro do teste)) péra aí... to subvertendo tudo o que eles fazem nos testes... ((risos)) Im: ai ai... será que (SI) ((abre numa página do livro de teste e mostra a figura da esfinge)) MS: mú-mia... Im: não... MS: não não... ((aponta para a figura que Im acaba de mostrar)) é é

			Im: o que que você falou? você tinha falado múmia... MS: isso... hã hã e... es-finge Im: esfinge isso MS: é... hã... ((Im mostra a primeira figura)) como chama ai:: Im: as... tarará... do Egito MS: a... as... quatro múmias do Egito... ((risos)) Im: ta falando do filme, por acaso? ((risos)) MS: é é... MS: ai... Im: eu sou louca pra ir pro Egito pra ver as... MS: a... na não... cataratas não... ((risos de Im)) MS: a não... a... ((aponta para a figura e coloca a mão na cabeça)) Im: as... pi... MS: a a pi-râ-mi-des Im: ok... que coisa incrível né? que é? esfinge múmia... vem tudo... essa situação de teste é diferente... se a gente tivesse vendo fotos... então provavelmente isso não aconteceria né?... pelo contexto... ((outra figura))
44.	FOCINHEIRA	Im: isso é só esse aqui ó... depois do cachorro (de por) no focinho MG: ai eu nunca ponho no meu cachorro ((risos)) Im: também o seu é desse tamanhinho... ((eleva as duas mãos, uma de frente a outra mostrando o tamanho do cachorro a que se referia)) ((risos)) Im: mas como que chama isso? MG: ai esse nome eu não eu no no sebo Im: ta... focinheira MG: hum... Im: de por no focinho... MG: hum... i::sso	Im: isso aqui na verdade é só... Ilk: é só um cachorro... Im: ah não não é... MS: a::: puta Im: [olha ele viu o formato daquela coisa onde você guarda o revolver... ele fez Ilk: eu vi o autódromo de interlagos ((risos)) Im: essa figura é uma das mais assim mal feitas eu acho... MS: [é... hum... fo-ci-nheira Im: isso e em inglês você lembra? MS: não... Im: mã... muzzle... ((MS sinaliza negativamente)) Im: hu::m não? Ilk: [não sabia... Im: mazel
45.	UNICÓRNIO	MG: ai eu tenho um car Im: você tem um lá em casa? MG: não... i i i eu tenho um... ca ca... a minha a minha sobrinha que fez um pra mim Im: do que de:: ((MG eleva a mão acima da cabeça)) Im: uma escultura?	MS: hum... hã... eni io-córno Im: unicórnio unicórnio uhum MS: [i ... i isso é hu::m Im: em inglês? MS: na a lo é:: o-ni-corni Im: uhum unicorn uhum... MS: hum... eu...

		MG: i i é... Im: é... como que chama? MG: cavalo... Im: mas é um... o cavalo que tem esse chifre como que chama? MG: ai eu no é eu também não sei... Im: não? u-ni- MG: não lembro Im: unicórnio MG: a:: ((sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: não? nao sabia? MG: não, acho que não é... Im: é um animal mitológico... você assitiu os desenhinhos do Harry Potter? MG: ai... eu de-testo Im: [não (SI) tem o:: unicórnio	Im: você não viu um desse lá no Egito? ((risos)) MS: não ((risos)) Ilk: safári MS: mu::i... Im: [nem na África ((risos)) Im: no máximo você pode ter visto um no Harry Porter (SI) MS: [i:::: Im: era isso que você iria falar?... lá ((nos Estados Unidos) um deles falou... hã::... a mythical animal... não lembrou do::: da palavra mas fala ::: a mythical animal MS: [i::
46.	FUNIL	MG: é::: ai...é::: eu sei... ((pega a caneta e começa a escrever)) é... co:: não... Im: você ta falando cone? MG: é isso Im: mas é uma outra coisa aqui... ele tem uma fu uma... o cone na verdade seria um cone mas como que chama essa peça que você coloca na garrafa pra passar líquido por exemplo? MG: ah tem aí no can ((aponta para o alto da sala; risos)) Im: ah você ta falando coador... MG: i:: não é... Im: não porque aquilo não é um coador é um... fu... MG: ai... ai... Im: um fu-nil MG: ah um funil... Im: era isso que você tava pensando ou era outra coisa além do funil? MG: [i::sso... era isso que eu pensei... Im: ta...	MS: é... fi-nil Im: funil e em inglês acho que é... funnel... acho que é...não sei , acho que é. Ilk: uhum
47.	SANFONA/ACORDEÃO	MG: ai... ca ca-nel canel não... é i... ((faz movimentos com o braço de um lado para outra na altura do peito)) Im: pensa um pouquinho tem uma festa junina tem alguém que vai tocar... MG: tor dé tor di ô Im: acordeom MG: acodeom Im: isso ou... san... MG: [sans...dana Im: sans MG: sona	MS: cha na na na nam... maravilha é fil-me Im: qual filme? MS: é... Edelweiss... Edelweiss cha na na na arro a Im: [hã::: hã::: a família... a família MS: i::sso Im: The sound of the music ...eu lembrei em inglês e não lembro em português como era MS: [é é é Im: esse filme da família... a noviça rebelde MS: isso isso Im: é no noviça rebelde

		Im: sanfona	MS: [é é Im: ah ok (figura) MS: hu:m... Im: aqui a gente só vê mais nas festas juninas né?que o pessoal toca isso MS: é é fo é san-fona Im: sanfona em inglês?... accordion MS: hu:m... Im: um rapaz lá falou “a squeezing box” , uma caixa que você squeeze (movimenta os braços de fora para dentro) aperta (risos) Im: mas aí o medico falou pra ele mas “squeezing box” não existe esse nome . Ele falou “não minha esposa tem uma em casa e a gente chama o tempo todo de squeezing box... o nome que eles deram batizaram
48.	FORÇA	MG: nossa isso é... ((faz movimentos circulares com a mão sobre a figura e logo após leva a mão ate o pescoço; risos)) Im: o que que é? MG:uma que... numa que ((leva a mão ate o pescoço)) Im: uma? MG: ai Im: é feito com corda né?mas é uma... MG: é é... ((leva a mão no pescoço novamente)) pra perde pra pergue a... Im: pra erguer ta... for... força MG: força Im: uhum	MS: força Im: força e... em inglês?... como que é o verbo enforçar em inglês? MS: ré hang Im: hang igual cabide MS: [i i Im: só que aqui no teste acho que eles chamam de luz por causa do do do laço aqui na verdade mas é uma é uma força
49.	ASPARGO	MG: ah isso aí... Im: ninguém sabe o que é isso... MG: é... Im: na minha tese de doutorado... eu critiquei esse teste... algumas figuras que as pessoas olham e não sabem o que é... isso aqui é um aspargo MG: a::i é... ((risos)) Im: mas é muito ruim a figura MG: ã Im: não parece... aspargo	MS: hã... hu hum... hã... é como chama?é cou-ve... é::... bró-coli Im: não é nem brócolis nem couve... não é brócolis nem couve MS: não Im: [brócolis tem aquela florzinha né? MS: isso Ilk: couve flor também tem Im: [couve flor também tem uma florzinha MS: [isso Im: aqui não é não é nem couve-flor nem é... é uma comida é é um Ilk: é um legume Im: um legume MS: [isso isso... hã... ve-ge-tal Ilk: uhum Im: [hum... MS: hum... não sei Im: ok... é que normalmente essa figura é uma das que eu mais critico no teste porque na verdade muita gente olha e fala que é um espinho Ilk: hu::m Im: [lá também várias pessoas responderam que é espinho...

			Ilk: uhum Im: aqui também varias pessoas crianças (mães) falam o que que é isso né??teve um MS: [hum Im:... lá que falou “sugar cane”... cana de açúcar porque não conhece bem a cana né na MS: [i:: Ilk: [aham Im:... verdade hã::?as... as... as-pa...em português mesmo eu to falando na verdade os dois... MS: hum... Im: as-par-go MS: a é i::sso mara Im: [é isso? MS: i:: é Im:porque muita gente não reconhece isso como aspargo porque na na verdade a maioria das pessoas já vê o aspargo no vidrinho lá na no supermercado MS: [não não gosto... a a a... Im: você gosta? MS: hum maravilha Im: aspargo?em inglês é asparagus é a mesma coisa só que se escreve com um “a” a mais né?... asparagus
50.	COMPASSO	MG: éisso aqui é... lá-pis e a gente ((faz movimentos sobre a mesa com a mão como se estivesse riscando)) Im: faz o que com ele? MG: de-senha Im: desenha o que? MG: é de for... ((pega a caneta)) esse por... por que é.... faz assi::m... ((com a caneta faz desenhos sobre a folha)) Im: [isso faz em círculos MG: isso Im: e o nome dele? MG: ai Im: com MG: com ba... com-passo Im: isso	MS: hum... hum... fusil não... é... hum... Im: fugiu a palavra? MS: isso... ((MS leva 3 dedos sobre a mesa e os movimenta em forma circular)) Im: ok se se eu falar por exemplo é um tipo hã... ta na família aí digamos assim das réguaas... né? não é uma reta ele não não faz reta faz circulo MS: [hum... hum... Im: ele é um... com MS: passo Im: compasso ok...
51.	TRANCA	MG: ai essa aqui eu sa eu sei falar... ai esqueci Im: isso serve pra que? MG: é ((leva o braço para o lado e o movimenta))per... Im: pra... trancar a porta... MG: tan tancar Im: então é uma... tranca	MS: hã... cran-ca Im: tranca ok... pode ser em inglês você lembra? MS: não Im: se o verbo é to lock como é que chama qualquer coisa que feche ou que tranque MS: é é não... ((risos)) é a é a é a:: locker

		MG: é... Im: aham	Im: locker muito bem... very good
52.	TRIPE	Im: isso aqui é a mesma coisa que tem ali na câmera né? MG: é Im: o que que é? é um... MG: um... é... ((coloca sobre a mesa todos os seus dedos; risos)) Im: olha ele tem três pés... MG: [pés Im: então ele chama... tri... MG: tripét Im: tripé	MS: hu::m... Im: eu tenho um dado muito bonito de um... de um afásico... o que que é isso aqui igual aquele lá da da filmadora... MS: é... não... Im: ok... pensa... ((aponta para a figura)) três... MS: pés Im: mas como que em vez de falar três pés como é que a gente chama isso aqui? MS: tli-pé Im: tripé tripé hã:: se lembra do não acho que você não lembra do dinho... o dinho acho Ilk: [uhum Im: ... que você não conheceu quando você veio ele já não estava mais aqui... ele olhou e falou <i>teodolito</i> ... Ilk: uhum... MS: há::: Im: aí eu que tava testando... se eu não soubesse o que fosse teodolito eu ia achar que ele tinha falado assim uma coisa nada a ver ou tinha feito uma parafasia né?... e ele era engenheiro civil... MS: i:::sso Im: e aí eu lembrei porque meu marido de vez em quando usa também né?... pra medir... a terra tal MS: isso Im: e aí... então na verdade ele viu aqui tripé mas a palavra que veio foi teodolito... que é a maquininha de medir né? MS: é
53.	PERGAMINHO	MG: ai esse aqui é hum... é... hum... ((faz movimentos de cima para baixo com a mão e olha para a figura)) também não sei o nome Im: per MG: per-bi-lando... não... Im: [per-ga MG: per-mi-cano ((risos)) Im: perga-mi... MG: lando... ((risos)) Im: pergaminho MG: pergaminho Im: é um pergaminho MG: é Im: sabe aqueles pergaminhos antigos	OBS: Com MS encerramos nesta figura do tripé.
54.	PEGADOR DE GELO	Im: isso aqui é gelo ((apontando para o que está próximo à figura)) MG: isso aqui é pegá o... gelo	

		Im: [(SI)... pegador...] MG: pegador Im: pegador de gelo	
55.	ESFINGE	MG: ai isso aqui é... é da ((movimenta o braço de um lado a outro)) Im: de onde é isso? MG: hã... a gente vê em... Im: a gente vê em filme? MG: vê... Im: de onde?... filmes do... do mesmo lugar onde tinha pirâmide... Mg: é ainda tem... Im: então... pirâmides do Egito... então do Egito... como que chama essa aqui? MG: ai esse Im: es... MG: es-can Im: es-fi... es-fi... MG: es-fi... ((tenta escrever algo com a mão na mesa e sinaliza negativamente com a cabeça)) Im: es-finge MG: esfingue ((risos))	
56.	CABRESTO/CANGA	MG: ai isso Im: [isso aqui serve pra por no gado...] MG: há:: é... Im: pra prendê um no outro MG: isso pra ficar ((movimenta o braço de um lado a outro)) Im: pra ficarem juntos... MG: isso Im: sabe o nome disso? MG: não... ((risos)) Im:não?... cabresto... MG: ah a cabresco... ah olha... Im: [é... ou canga... tem gente que fala canga] MG: é Im: canga ou cabresto	
57.	TRELIÇA	Im: isso aqui põe no jardim para as plantas irem ((eleva as duas mãos acima da cabeça)) MG: fica... ((sinaliza positivamente com a cabeça)) Im: como que chama? MG: ai ai... ((aponta para a figura)) A::I... Im: tre... MG: tre-linha Im: tre-liça MG:trelinha	

		Ir: [treliça	
58.	PALETA	MG: ai essa aqui to toma eu toma Ir: é pra pintar... ((MG sinaliza positivamente com a cabeça)) Ir: como que chama isso? MG: eu tenho em casa Ir: você tem uma? ((MG sinaliza positivamente com a cabeça)) Ir: pa... pa-le... paleta... paleta... aham... MG: [leta...	
59.	TRANSFERIDOR	MG: é isso também é uma... co é-gua... Ir: que tipo de régua? MG: que qué chi chi ((desenha na mesa com a mão)) Ir: isso aqui serve pra medir ângulo... MG: hu::m... Ir: [né... você faz um ângulo assim ó... MG: hum Ir: [e aí você põe ele aqui pra ver quantos graus tem aqui você lembra disso ou não? MG: [i::sso... ((risos)) Ir: chama trans... MG: tran Ir:trans-fe MG: ai Ir: transferidor MG: transfirclor ((risos))	
60.	ÁBACO	MG: ai que que é isso?há... ((faz movimentos com os dedos sobre a mesa)) Ir: pra fazer contas? MG: isso Ir:como que chama? MG: ai ai Ir: esse foi o primeiro computador inventado pelos chineses MG: ah ah são Ir: é como se fosse uma maquininha de fazer conta mesmo MG: ai isso eu Ir: [não...a... á-ba... ábaco MG: a:: Ir: ábaco... não sabia? MG: não... Ir: não?... ((risos de MG))	

ANEXO IV

Parafasias encontradas em EPISÓDIOS DIALÓGICOS

PARAFASIAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS

DADO 01:

Contexto: No encontro do dia 13.11.2003, o grupo comentava sobre as fotos que foram tiradas no passeio que fizeram ao zoológico de Americana numa semana anterior ao encontro.

(...)

MG: é

Iem: alguém conhece?

Ijt: jaburu

MG: ja-guru

Iem: //dirigindo-se a **EF**// o senhor já conhecia esse... jaburu?

EF: já... já... já...

(...)

DADO 02:

Contexto: No encontro do dia 26.08.2004, Iem combina com o grupo sobre a possibilidade de irem ao cinema na próxima semana do encontro, quando **JM** diz ao grupo sobre a impossibilidade de ir ao cinema.

(...)

JM: eu não não vou vim

Ihm: então o seu seu Madeira não vai vir não poderá vir semana que vem

Ijc: (é que ele ja viu e nao quer ver de novo)

Iem: é mesmo?

JM: é

Iem: porque ira ter um compromisso?

JM: tenho um **compromisso** lá...

Iem: é?
 ((todos falam ao mesmo tempo))
 (...)

DADO 03:

Contexto: No encontro do dia 09.09.2004, o grupo comenta sobre a viagem de excursão que **MG** fez a Caraguatatuba.

(...)
Iet: tu fostes com a excursão ficaste lá ou voltou?
MG: não eu voltei... três dias...eu **vou...**((faz movimentos com os dedos sobre a mesa)) eu vi... Ihabela

-----> ((indica o número três))

Iet: nossa eu quero muito conhecer Ilha bela...quero conhecer muito o litoral de São Paulo

MG: ah...você deixa...quem sabe você pode ir junto

Iet: opa

MG: guaratatuba

Iet: Caraguatatuba

Ijc: Caraguatatuba

MG: como tá difere::nte

$$(\dots)$$

DADO 04:

Contexto: No encontro do dia 11.03.2004, Iem comentava sobre o combinado que era de trazerem notícias da semana anotadas em sua agenda para que pudessem discutir e comentar no encontro.

$$(\dots)$$

MN: eu trouxe a agenda mais não anotei nada

JM: (SI) aconteceu um negócio na Espanha

Iem: ah é?...foi seu **SP**

JM: setenta e dois mortos

SP: na na:: **basca basca**

Iem: no País Basco?

JM: é não não sei se é Basco e

SP: é Basco tá na na...tá Basco e a França

-----→ ((aponta pra baixo))

JM: sei sei mas não sabe se é autoria do

Iem: na divisa?...mas foi esse evento aí resultou em setenta e dois mortos

$$(\dots)$$

DADO 05:

Contexto: No encontro do dia 11.11.2004, o grupo lia a carta que Iem enviou de Buenos Aires.

(...)

Ihm: prossegue **MG**?

Irn: **MG** quer ler um pouquinho

MG: não com consigo

Ihm: tenta eu te ajudo

MG: não mas eu não consigo

Ihm: vamos tentar então

Irn: um pedacinho pelo menos...vou te ajudar

MG: [“mas...estou me co-municando muito melhor...mas o...(vaso)

Ihm:

[esforço ((risos de **MG**))...vamos que a gente consegue

MG: ...(o Brasil) o espanhol

Ihm: [viu...fecha aqui “mas com esforço meu”

MG:...e e...ai

Ihm: [“meu”

MG:.. “meu” (2s) ai

Ihm: “meus interlocutores”

MG: [“vou **trazalendo** trazendo...o melhor cada dia (neste)

Ihm: [trazendo [isto

Irn: isso (você) tá bem se virando bem pelo jeito né

Ihm: isso

(...)

MS: ... “um...certo (lequinho)...da situação...existencial do país (3s) com muitos pedintes (3s) com muitas (manifestações) urbanas” puta que pariu ((risos de **EF**))... “muitas **meni-festações**...sociais (**SI**)”

Irn: [“muitas”

[categorias

(...)

PARAFASIAS NEOLOGIZANTES

Não foram encontradas outras parafasias neologizantes em Episódios Dialógicos além das destacadas no Capítulo 4.

PARAFASIAS LEXICAIS E SEMÂNTICAS

DADO 06:

Contexto: No encontro do dia 16.10.2003, o grupo combinava um passeio para a semana posterior a esta data, quando Ihm pergunta a **NS**, que mora a caminho do lugar onde iriam realizar o passeio, se ela iria junto com o grupo ou o grupo a pegaria na metade do caminho para seguirem ao encontro. A mesma pergunta é realizada a **NS** para o retorno do passeio.

(...)

Ihm: //dirigindo-se a **NS**// ou você vai também... é isso?

NS: //dirigindo-se a Ihm// não... aqui... aqui...

Ihm: //dirigindo-se a **NS**// você vem aqui... vem pra cá?

NS: //dirigindo-se a Ihm// aqui... aqui...

JM: //dirigindo-se a **NS**// e na volta?

NS: //dirigindo-se a **JM**// eu vou lá... na volta... fico lá... na Tematerra

JM: //dirigindo-se a **NS**// ah!... **Primavera?**

NS: //dirigindo-se a **JM**// Tematerra!

Ihm: //dirigindo-se a **JM**// Tematerra!

NS: //dirigindo-se a **JM**// tema terra é uma firma

Ihm: //dirigindo-se a **NS**// que tem no caminho... é isso?

MG: //dirigindo-se a **MN**// [aqui... é melhor... é melhor...

NS: //dirigindo-se a Ihm// é!

JM: //dirigindo-se a **NS**// **Climaterra?**

Ijt: //dirigindo-se a **MN** e **MG**// [(SI)

NS: //dirigindo-se a **JM**// TIemA... terra... TIemA... terra...

MG: //dirigindo-se a Ijt// [não... não... é... é...

JM: //dirigindo-se a **NS**// Tematerra?

NS: é!... Tematerra... firma... firma...

Ijt: //dirigindo-se a **MG** e **MN**// [(SI)

MG: //dirigindo-se a **MN**// é... então... precisa a senhora vir aqui...

//acabou a fita//

DADO 07:

Contexto: No encontro do 27.02.2003, a convidada Imb, médica neurologista, estava presente no grupo para tirar algumas dúvidas que as pessoas teriam a respeito dos assuntos que envolviam o cérebro. Em algum dos momentos, **MN** fala de suas dificuldades, quando **JM** pergunta sobre o motivo pela qual teve a afasia.

(...)

MN: mas passa logo (SI) passa logo... eu... eu fico pensando (SI) porque... se passa se não passa né

JM: e se... a senhora teve **infarto** de...

MN: eu não tive infarto... eu tive AVC

JM: ACV AVC AVC

MN: é... foi

JM: você é...

MN: era... como é chamava?

[Iet: derrame... derrame cerebral

MN: AVC... não era AVC

Iet: derrame cerebral?

Ifc: derrame

[**JM:** derrame

MN: é... derrame

JM: é

MN: derrame... isso... aqui ((põe a mão e mostra um lado da cabeça)) mas foi... era era aqui

(...)

DADO 08:

Contexto: No encontro do dia 08.05.03, **MG** comenta sobre o procedimento que esta enfrentando para a retirada do documento de motorista no Ciretran

(...)

Iem: mas é um outro procedimento que você tem que fazer... a gente ta falando do... se eu to entendendo seu

[**SP:**aham

SP:... a gente ta falando de um procedimento que a gente teve que fazer pra ir buscar só a carteira

JM: exatamente

Iem: a gente assina **confia**/é... **confirma** os dados... e depois pega... ta certo? Bom...

MG: não... isso aí já fez né

(...)

DADO 09:

Contexto: No encontro do dia 12.08.2004, Iem comenta sobre as consultas que o grupo realiza periodicamente com o neurologista do Hospital das Clínicas da UNICAMP, Dr. Benito Damasceno, e sobre os alunos residentes que o auxiliam.

(...)

Iem: [porque ele pegou os residentes os alunos para acompanhar a consulta

MS: [a::

SP:... não... como é? **tri trinta**

Iem: trinta meninos? trinta médicos? não que é isso tudo o que?

SP: [no no... no... não... no no no

Ijc: trinta pacientes...

SP: **trin** é:: é:: lá e lá é: é é um ano já é doutor lé né... (SI)

Iem: aham

SP: tri tri é é... como é? ((eleva três dedos da mão))

MS: três

JM: [três anos

SP: trinta anos

NS: [trinta

SP: lá lá no::

Iem: [que são os residentes que passam lá esse período três anos né?

MS: [é é

NS: há:::

SP: um um uma hora uma hora pra í

(...)

DADO 10:

Contexto: No encontro do dia 16.09.2004, **IP**, devido residir em São Paulo e conseqüentemente vir pouco ao grupo, comenta sobre as novidades em torno de sua vida, sendo uma delas, as visitas de seu filho em sua casa, quando **JM** realiza uma pergunta a **IP**.

(...)

IP: porque fica assim quase que essa semana semana a gente fala imagine ele vem um dia sim um dia não ele fica ate as três horas da manhã gravando em minha casa

Ihm: então ta lá o presente

IP: é **exatamente**

Ihm:[que gostoso

IP: (SI) estudo mas ele ligou

Ijc: (SI)

IP: [pois e

JM: você vai **volta** pra...

IP: vou só que começo do mês que vem eu vou pra praia na semana que vem parece (SI)

JM: não não... você vai **VO-TAR** em quem?

IP: votar i nem sei amor nem sei

(...)

DADO 11:

Contexto: No encontro do dia 18.03.2004, o grupo comenta sobre os fatos que ocorreram durante a semana. Um deles foi o desempregado que ameaçou se jogar do Palácio do Planalto, em Brasília, caso não conseguisse conversar com o Presidente, Luis Inácio Lula da Silva.

(...)

Iem: porque esta desempregado esta desesperado... olha que foto nossa... ele ameaçou-se ele é um empregado desesperado foi lá onde tava os senadores sei lá o que se reunindo se

(desinteperou) subiu em cima aqui duma duma murada né?e ameaçou se jogar... vocês viram isso?

EF: ow ow

Iem: não sei se deu na televisão...

EF: ow...

-> ((gesticula com a mão de cima pra baixo, mostrando positividade))

MG: deu

Iem: deu né?ele descolou afinal um emprego ou não?

MG: ele...

JM: a mulher dele... (SI)

MG: é ele ele foi depois...

JM: a senadora que que

MG: ele foi depois conversar com o **Paulo**

Iem: com o presidente

MG: com o presidente

Iem: e não se sabe o que foi que... eles conversaram?

JM: não

(...)

DADO 12:

Contexto: No encontro do dia 11.11.2004, o grupo comenta sobre as novidades. **NS** traz a novidade de que o seu próximo neto será do sexo masculino.

(...)

Ifc: não tem mais novidade do pessoal do grupo?

Ihm: não tem aqui espera aí temos alguém pra contar uma novidade legal pra Dudu...e pra vocês todos que ela tá falando aqui baixinho então conta ((**NS**)) como você vai contar

NS: Rejane é **fita**...é Rejane tá grávida né é macho

((todos se manifestam))

Ihm: então vai nascer ter mais um neto

NS: é um neto...**nornado**

Ihm: Leonardo

NS: é

(...)

Irn: o nome é como mesmo?

NS: **nonardo**

Irn: o nome é Leonardo...bonito nome

(...)

DADO 13:

Contexto: No encontro do dia 06.02.2003, o grupo comenta sobre suas dificuldades após a afasia e como superam suas dificuldades lingüísticas e motoras diante às atividades do dia-a-dia, como foi o caso de **SI**, dizendo ao grupo que sua filha não a deixava ir ao mercado

sozinha após a afasia, quando **MG** começa a falar sobre suas dificuldades e sobre o que ela continua fazendo após a afasia.

(...)

MG: é e eu eu **pinte/** a a minha casa eu a ... a ...

[Iem: seu

Iem: você arrumava também

MG: arrumei... minha

SM: pintou...

MG: **pin/** não... pintar também já é...

((todos riem))

Iem: pintar a casa também não é fácil... não mas pintar...

MG: não mas pintar... eu **pin/** não

Iem: varria

JM: barria

Iem: limpava

JM: limpava

MG: é

SM: passava pano

MG: não... tudo

(...)

Iem: olha só seu **JM...** a cara do seu **JM...** ele não está acreditando ((risos))

((todos riem))

Iem: é uma mulher independente seu **JM**

MG: é

[**JM:** e quanto

Iem: ele não acredita nisso...

JM: e quanto

Iem: ela morava só antes... por que não agora?

JM: e quanto que que ser... quanto que foi... quanto que foi?

MG: duzentos e cinquenta **cruzeiros**

JM: ah duzentos e cinquenta

Iem: reais né

JM: ah

Iem: caro... é duzentos e cinquenta paus é isso mesmo... para São Paulo é uns cento e cinquenta assim né... a que me disseram

MG: é

JM: tá bom

Iem: ah tá ótimo olha... **MG**

JM: e por que por que que a senhora **foi foi** de táxi... de táxi... por que que a senhora...

Iem: voltou

JM: vo... voltou de táxi

(...)

DADO 14:

Contexto: No encontro do dia 09.09.2004, o grupo comentava sobre o filme “Olga” que haviam assistido, na semana anterior, no cinema.

(...)

NS: só que pena da menina... a menina e da mulher... Nossa Senhora

Iet: a menina filha dela?

NS: é

Ijc: há

NS: chorando... mãe vamo embora... a menina falou assim... chama **o... mulher...**

Ijc: Olga...

NS: não... a menina... **mulher**

Ijc: Anita chama

NS: é acho que sim...

Ijc: a filha dela?

NS: é

Ijc: Anita

NS: é... aí que dó... quase chorei... Nossa Senhora... e depois também eu não gosto...

(...)

DADO 15:

Contexto: No encontro do dia 12.08.2004, **NS** falava ao grupo sobre a operação de catarata que sua mãe havia sofrido.

(...)

NS: é... então... a Cema falô assim que quem... dorme és que um um chama um...

chama um... aí como chama é como chama aí esqueci (3s)

Iem: a sua mãe vai tomar um...

NS: é de... esse de um olho... é::: aí meu Deus como chama é... jersão... jersão...

MN: [toma remédio]

Todos: a:::

NS: um **barão**

Iem: ta

NS: um **barão** ta demais que é:: melhora só que seca...

((neste instante formam-se duas conversas papalelas: **JM** e **MS**; **NS** e os demais do grupo))

Iem: [[ah é?

NS: [[eu falei (nossa) num dá fala pra mãe a mãe a mãe qué tadinha... um **barão...**

JM: [[(SI) um **barão**?

MS: [[não ó... **barão...**

-----→ ((gesticula com a mão o símbolo de dinheiro))

NS: eu falei Cema **mil reais?** É **mil real... mil re** ou... não um **barão**

MS: [é é...

Iem: [um barão]

Ijc: é que eu não lembro que que é um barão é uma nota um barão de Rio Branco
JM: [que que é?
NS: [é muito dinheiro...
 Iem: um barão é uma NOTA... é isso que você tá-quer dizer uma nota?
NS: [é... é...
 ((risos de **SI**))
NS: então
 Iem: (**SI**) um barão é muito dinheiro
NS: [meióra meióraa só..
 Ijc: [não lembro...
 Iem: é uma expressão uma forma de dizer né?
NS: meióra... só que o o olho seca
 Iem: entendi... bom aí (**SI**)
NS: [eu falei Cema num num dá coitada da mãe mãe... a Cema diz que a mãe tadinha chora mais chora tadinha mas dói diz que dói dói dói...
 Iem: [na pós cirurgia então?
NS: é
 (...)

DADO 16:

Contexto: No encontro do dia 12.08.2004, **SI** fala ao grupo sobre a viagem de seu filho para o Japão, quando **MS** também comenta sobre a possibilidade de também ir para o Japão.

(...)
SI: o primeiro é o::: o o Milton va vai viajar é o:: se segunda-feira
 Iem: o seu filho?
SP: lá lá a Japão...
MG: para
SI: Japão
 Todos: A:::..
 ((risos de **SI**))
NS: ai nossa...
MS: eu é é é **ci cinco** é é é **seis mil e seis...** não
 Ijc: dois mil e seis?
MS: não... é cinco
 Ijc: dois mil e cinco...
MS: eu vou para Japão...
 Iem: o ano que vem?
MS: é é é
SI: [vai também? Óia
MS: [é é é a a a mãe mãe
 Iem: a sua mãe também?
MS: isso
 Iem: numa excursão?

NS: [vi::che
MS: não é é é a:: sho sho noiê...
Iem: a:: vai numa viagem com sho sho seicho-no-iê
NS: a:: é
Iem: é
(...)

DADO 17:

Contexto: No encontro do dia 14.10.2004, **SI** contava ao grupo algumas novidades que haviam ocorrido durante a semana e outras que iriam ocorrer.

(...)
SI: (SI) aniversario do meu **neto**...
Iem: aniversario
SI: é quarta-feira... **fevereiro** não não é... é... novembro... di dia nove de novembro
Iem: certo
SI: a aniversario.. e eu vou fazer festa
Iem: ah é?
SI: bolo é... é... refrigerante.. tudo
Iem: la na sua casa?
SI: não é é aqui...
Ihm: vai fazer aqui?
SI: ô...
(...)
Iem: nós não podemos comemorar junto com o da Juliana?
Ijc: porque o meu é dia dezenove...
SI: ah é?
Iem: podemos comemorar juntos
Ihm: (SI) comemorar juntos
Iem: o que que você acha?
SI: óia...
Irn: o da **SI** é dia nove...
(...)

DADO 18:

Contexto: No encontro do dia 18.03.2004, **SI** levava ao grupo algumas novidades que haviam ocorrido no decorrer da semana e gostaria de compartilhar.

(...)
Iem: dona Shizue quer falar alguma coisa seu Madeira
SI: eu tenho... o... (SI) né? e::: é... é é pó posei pó posei né? dia **seis** e depois i i Já Japão
né... i::: é... é **ci**... **cinco** não **sete** não quatro mês e meio e depois da da... hã... (SI) e::: e:::
terreno não **terreno** não **CHÀCARA**

Iem: é... Shizue ta contando uma porção de coisas né?coisas que estão acontecendo em sua família

SI: ah ta

Iem: você esta falando um monte de coisas a senhora esta falando do seu filho que voltou do Japão?

SI: não

Iem: de quem era?

SI: é é::: é:::

Iem: Itaia?

SI: mi minha **irmã**

Iem:ah sua irmã que você foi visita-la?

SI: a ô...

Iem: no dia seis?

SI: seis

Iem: e posou lá?

SI: ô...

Iem: onde que ela mora?

SI:e:: chácara... esqueci o nome

Iem: mas é fora de Campinas?

SI: é

Iem: claro se não você não posaria

SI: Sao Paulo... e depois.. i:::: i::: i:: por pó

Iem: foi pra Japão?

SI: não... i depois fo foi:::: longe né? e voltou agora foi outra vez né?

Iem: mas esse é quem seu filho?

SI: ah... é é foi pro **Japão** não São Paulo né?e voltou de novo

Iem: voltou pra São Paulo?

SI: não é::: não conseguiu né?é::: então o nome né? e depois foi pro **Japão** não voltou agora foi outra vez...

((risos))

SI: e depois e depois... só...

Iem: mas lá quando vocês estava contando você falou a palavra Japão... tinha alguma novidade com relação a palavra Japão?

SI: é::: é é foi...

Iem:qual a novidade sobre o Japão?alguém alguém foi pra lá alguém voltou?qual que é a novidade com relação ao Japão?

SI: é é é vol vol voltou todo mundo...

Iet: filho da senhora que estava aqui?

Iem: voltaram pro Japão?

SI: não... agora (SI)

EM: estão todos aqui?

SI: ah tá...

Iem: ah é?

SI: ô::

Iem: tem alguém no Japão ainda todo voltaram?

SI: no Japão...

Iem: vem ca **SI** todos vão ficar aqui por algum tempo?

SI: é::: ja é... é... é:: Japão né? não... si... é é

Iem: eles estavam no Japão e vieram pra cá?

SI: é

Iem: ha:::

SI: i::: vão voltar e só... eu tinha...

Iem: ele é o ultimo que vai...

SI: sol solteiro

(...)

DADO 19:

Contexto: No encontro do dia 07.03.2004, **SI** fala para o grupo algumas novidades que ocorreram durante a semana.

(...)

SI: eu tenho **cinco** coisas... não quatro coisas

-----→ ((indica com os dedos))

Iem: contra pra nós aí

SI: é...o ...o caçula veio

Iem: isso seu filho caçula veio

SI: é...depois dia oito e (2s) **setembro**

Iem: janeiro?

SI: não

IP: dezembro?

SI: não fevereiro...e aí depois...o **sissi seis** anos não **cinco** ano

-----→ ((indica com os dedos))

Iem: que você não via ele

SI: ô::

-→ ((balança a cabeça))

Iem: ah então já tinha vindo um dos seus filhos do Japão agora veio o caçula...que não vi há anos

SI: e depois o ...tudos veio

Iem: ah então ficou contente né **SI**

Iem: cinco filho

(...)

DADO 20:

Contexto: No encontro do dia 04.11.2004, **MG** comenta sobre a excursão que fez com um grupo de terceira idade.

(...)

Iem: já ouviu falar disso excursão de terceira idade...precisa saber um pouquinho como funciona

SI: ah é ((risos))

MG: são são...**trinta cruzeiro** não

SI: trinta

Iem: reais

MG: isso

Iem: isso é tarifa

MG: é ida e volta

NS: nossa

Iem: fica barato...e aí vai o quê? as pessoas são todas da terceira idade? as pessoas são o quê? cinquenta anos sessenta anos

MG: é tem cinquenta

Iem: por aí tá

MG: e já paga a...paga taxa a...

Iem: paga o ônibus paga o almoço paga estadia

MG: não o almoço não cobre...paga...você paga dez **cruzeiro**

NS: do que do ônibus né

MG: não...deixa o dinheiro daquele lugar

NS: como

(...)

MS: é...qual que é a agência?

MG: ah depende...qualquer uma lá

MS: não a sua

Iem: você tinha sua

MG: ah de (3s)

Iem: L

MG: LG

Iem: LG **agência**

MG: é é

Iem: LG viagens

MG: viagens isso

SP: LG...é

Iem: é lá no Cambuí ...já viu?

SP: eu já vi

MG: **MG** com G ((a inicial de seu nome))

Iem: e L de quê? e L de quê?

(...)

DADO 21:

Contexto: No encontro do dia 11.03.2004, o grupo comenta sobre as atividades que o SESC oferta às pessoas. Como **JM** frequenta o mesmo fazendo algumas atividades, expõe ao grupo mais informações a respeito.

(...)

JM: não sai

Iem: ou tem um período que fica lá e depois sai?

JM: não tem tem tem é...três...faltas (3s) três faltas em não justi justificadas aí

Iem: embora por que senão a pessoa fica ocupando a vaga mas não verdade não utiliza de fato

JM: mas é pessoas...mais velhas que eu ((risos))

Iem: mais idosos

JM: é...mais mais muito mais idosos ((risos))

MN: eu sou mais idosa do que você

JM: eu sei

MG: quantos anos

MN: setenta e seis

MG: nossa

JM: ele setenta e um **sessenta** e seis ((aponta para **EF** e **MN** respectivamente))

MN: setenta... não é sessenta é setenta e seis

JM: setenta e seis **sessenta** e seis e ele setenta e um...e eu...**compla** completei agora setenta e um

-----→ ((aponta para **SP**))

JM: **sessenta** e um

MN: sessenta ou setenta?

JM: setenta e um

MG: ele também com

JM: você tem a mesma idade?

Ijt: seu **EF** quanto tem?

EF: a:::

Ijt: ah não vai falar? ((**EF** faz sinal de negação com a cabeça, todos riem))

Iem: escuta tem alguma coisa lá em Sumaré parecida com o Sesc...com essa associação...acontece alguma coisa lá?

(...)

ANEXO V

Dados relevantes encontrados em EPISÓDIOS DIALÓGICOS

DADO 22:

Contexto: No encontro do dia 11.12.2003, o grupo comentava sobre uma reportagem, publicada no jornal de Campinas, onde o filho de **JM** aparece na foto e também dando seu depoimento sobre o matéria abordada. A matéria era sobre Mercado de Trabalho, e os alunos de Pós-Graduação da UNICAMP davam seu depoimento a respeito.

(...)

JM: não... eu vou... vou tirar uma...

IP: xerox...

JM: (...) uma xerox

Iem: é... e aqui ele tá dizendo que ele acredita... na abertura do mercado de trabalho com a pós-graduação...

JM: a pós... **grada... grada... graduação** que... que... que piora (SI)... não... quanto tempo tem que ser?

Iem: a pós-graduação?

JM: ãh

Iem: o senhor tá falando a pós-graduação geral... ou a pós-graduação que ele faz?

JM: é... é

(...)

DADO 23:

Contexto: No encontro do dia 11.09.2003, o grupo escrevia uma carta para **IP**. Dentre os assuntos que acordaram em escrever, um deles foi sobre as várias datas importantes do mês de setembro, uma delas lembrada por **JM** seria o aniversário de **MN**.

(...)

JM: //enquanto escrevia// Dona Natália...

Ihm: ... fará... aniversário... que dia? //dirigindo- se a **MN**//

MN: vinte e quatro

Ihm: //dirigindo- se a **JM**// vinte e quatro

MG: //dirigindo- se a **MN**// de **ja...** de **fe...** de //desenhou algo na mesa com o dedo//

EF: //dirigindo- se a **Ijt**// [o... o... //mostrando algo para ela//

MN: //dirigindo- se a **MG**// vinte e quatro de setembro...

//**MG** sinalizou afirmativamente com a cabeça//

(...)

Ihm: todo mundo tem que participar dessa carta... não é isso?... não é só eu e o **JM** que tem que escrever...

MN: //dirigindo-se a **MG**// vai ser numa quarta-feira... vai ser antes... //referindo-se ao dia da semana em que cairia seu aniversário//

MG: //dirigindo-se a **MN**// traz na **quarta...** quinta-feira...

(...)

DADO 24:

Contexto: No encontro do dia 14.10.2004, **SI** relatava ao grupo sobre algumas novidades ocorridas durante a semana, uma delas era sobre a proximidade de seu aniversário. Iet e Ijc comentam que também fariam aniversário próximo da data de **SI**.

(...)

Iem: ta certo desculpa... é nove o seu é... quinze... o seu Juliana?

Ijc: dezenove

Iem: o seu é dia da Bandeira

Ijc: dia da Bandeira

Ihm: e o da Eliana

Ijc: dia vinte e cinco

MG: ah o meu... meu André

Ihm: André é o seu **so**...

MG: **so** afilhado

Iem: que dia que é?

Irn: mesmo dia que a Shizue

(...)

DADO 25:

Contexto: No encontro do dia 16.10.2003, **NS** comentava sobre a viagem que faria à casa de sua mãe.

(...)

Ihm: //dirigindo-se a **NS**// você sabe... você já me contou... em que Estado que fica?

NS: ai... como chama?... esqueci... é:: ...

MG: //dirigindo-se a **NS**// **ima... ima...** Minas... Gerais

NS: isso... Minas Gerais

JM: //dirigindo-se a **MG**// é?

(...)

DADO 26:

Contexto: No encontro do dia 18.03.2004, o grupo comentava sobre as dificuldades que tiveram com as demais pessoas, familiares ou não, após a afasia.

(...)

Iem: mas isso também não ajuda as pessoas entenderem ou a mudarem o comportamento que tem

JM: mas essa ainda é difícil... é difícil

Iem: [em relação às afasias... o senhora acha difícil?

JM: eu falava falava fluente-mente o português espanhol falava inglês

Iem:uhum

JM:e:: todo **num num** a:::... todo mundo (4s) ficava depois que eu tive o AVC...

Iem: aham

JM: todo mundo foi diminuindo diminuindo

EF: é

Iem: ah sem dúvida

JM: é

Iem: mas a vida é assim né?

JM: é

Iem: a gente quebra financeiramente opa... onde é que tá aquele oitocentos amigos que a gente tinha?

MG: é

Iem: a gente tem um problema de saúde a gente ficou assim digamos assim mal afamado ninguém sabe se é verdade ou não se a gente fez alguma coisa errada... né?também as pessoas também reagem de maneira muito parecida vocês acham que não?

(...)

DADO 27:

Contexto: No encontro do dia 24.06.2004, o grupo comentava sobre algumas novidades. **MS** levou ao grupo as notas que atribuiu aos filmes assistidos por ele. Comentavam sobre o filme Cazuza, quando Ijc fala sobre uma das atrizes que participa do filme. Devido o grupo não recordar a quem Ijc se reportava, a investigadora explicita um comercial que a atriz fazia juntamente com o outro ator bastante conhecido, quando então, também dá informações sobre o ator.

(...)

Ijc: é o Miguel Falabela tem uma boate em São Paulo eu já fui...

Iem: não gostou?

Ijc: não...

Iem: é mesmo?

((risos de **SI**))

Ijc: ui é péssimo... tudo o clima o som a atmosfera... é é muito muito... muito nojento (**SI**)

((risos))

Ijt: ah é?

Ijc: é... mas é verdade isso aqui não to não é teatro o que eu to falando ele tem uma boate em São Paulo igual aquele jogado de futebol (**SI**) e que tem um bar na Barra da Tijuca...

Iem: quem é esse?

Ijc: quem que é aquele jogador?
MG: Cho Cho ma... Ro...
 Ijc: ele como é que é?Ro...
MG: Ro-mário...
 Ijc: isso (SI) tem um bar na Barra da Tijuca esse cara aí?
MG: tem
 (...)

DADO 28:

Contexto: No encontro do dia 11.09.2003, o grupo escrevia uma carta à Iem. Nesta carta contavam novidades sobre o grupo, uma delas era a demora em chegar o carro de **MG**.

(...)
 Ijt: //dirigindo-se a **MG**// tá demorando pra chegar o carro?
MG: //dirigindo-se a Ijt sinalizou afirmativamente com a cabeça// **I-D-G**... não... que que...
 //perguntou pra **MN**//
 Iet: //dirigindo-se a **MG**// IPVA?
 Ijt: //dirigindo-se a **MG**// IPVA?
MG: //dirigindo-se a Ijt// é!
 Ihm: //ditando para **JM** escrever// ... que a **MN** fez...
 Ijt: //dirigindo-se a **MG**// ah... tem o IPVA do carro... tem que pagar...
 //MG sinalizou afirmativamente com a cabeça//
 (...)

DADO 29:

Contexto: No encontro do dia 09.09.2004, o grupo comentava sobre o filme Olga que haviam assistido na semana anterior ao do encontro, quando partem para uma conversa sobre a Revolução dos Cravos, ocorrida no fim da Ditadura de Salazar.

(...)
EF: [oh... oh... oh... oh... ((chamando **MG**))
 ((**MG** não responde a **EF** e **MS** ri))
 Ijc: dona Natália em que ano a senhora veio para o Brasil?
NS: [como que chama... como q eu chama aqui...
 ((aponta para **MG**, auxiliando **EF** a pedir um café))
MN: mil **noventecentos** (4S) e cinquenta...
MS: vamos lá... ((referindo-se ao café))
 Iet: (SI)
MN: cinquenta e cinco...
 Iet: cinquenta e cinco...
 Ijc: ela pegou um pouco...
 Iet: uhum...

Ijc: é...

Iet: então Serra vamos tentar ver se a gente fecha um pouco essa Revolução dos Cravos... o que que foi pra gente tentar reconstituir o que a gente tava falando... teve uma Ditadura do governo Salazar que fechou Portugal né... fechou Portugal (SI) na Europa... e aí.. fechou em que sentido?

MS: é... é... **nevi-tar-mente**

Iet: que mais?

MS: é é...é é.. eu... a:::....a... (5S) sa... não...

EF: [Europa

(...)

DADO 30:

Contexto: No encontro do dia 12.08.2004, o grupo comentava sobre algumas novidades ocorridas durante a semana. **NS** comenta sobre o auxílio que havia caído em sua conta, auxílio este que buscava após o AVC. O grupo inicia então, uma conversa a respeito do assunto.

(...)

Iem: só um... a senhora foi lá perguntar alguma coisa?...

MN: nao

Iem: a respeito deste valor... porque este valor... foi lá ou não?

MN: não

Iem: não... Serra você ta aposentado?

MS: não é é é é é

Iem: você recebe o

NS: [auxílio

MS: i é **chauí** é?

NS: [auxílio... recebe?

MS: **chauí** hum... ((não concordando com o que havia enunciado))

JM: auxílio

MS: isso é

Iem: como que é? ((dirigindo-se a **MS**))

NS: auxilio

Iem: pode falar? ((dirigindo-se a **MS**))

Iem: como que é? pode falar?

MS: au-xílio

Iem: legal... auxílio né? você também recebe... (SI) auxílio

NS: [também

Iem: entendi

(...)

DADO 31:

Contexto: No encontro do dia 12.08.2004, **SI** comenta que **MS** foi professor de inglês de sua filha, antes do AVC. O grupo inicia então, comentários a respeito.

(...)

Iem: que você a sua profissão você é professor

MS: é é

Iem: dentre outras coisas

MS: isso

Iem: professor do que?de...

MS: é é inglês

Ijc: ah

MG: inglês... você aprendeu **za zaba olá**

((**MS** sinaliza positivamente))

MS: hello

((risos de Iem))

MG: não mas assim... fala

Iem: você aprendeu como falar inglês né?

MG: é

(...)

DADO 32:

Contexto: No encontro do dia 09.10.2003, um grupo de pessoas, da Prefeitura de Campinas, que trabalham com reabilitação, participam do encontro. O grupo de visitantes conversam com o grupo do CCA sobre diversos assuntos relacionados à afasia, dentre ele a dificuldade após o AVC.

(...)

JM: mas o problema... eu não queria falar... mas... honestamente... nós não... não encontro... pessoas que pareçam comigo...

MG: como assim?

JM: que pareçam comigo... não... que falam... essa... é... que falam junto... comigo... as pessoas... as... quando eu tive o AVC...

Iem: ãh?

JM: (...) eu tive... tenho a impressão que... **dois... dois** meses... **quatro...** não... três meses... fiquei sem falar...

Iem: depois começou a falar?

JM: é!... uma... quando eu comecei a falar... eu pensei que tinham várias... várias ajudantes... várias fonos...

Iem: ãh?

JM: (...) e uma... (**SI**) outra... todas... são... iguais... iguais...

Iem: ãh?

JM: (...) não... pensei que era... alguma fono... que toda muito igual...

Iem: que trabalhe igual?

JM: é!... exatamente!

Iem: e que não é assim?

JM: não... não era... não é assim...

Iem: tá!

JM: não!... eu sei que... eu sei que não é assim... porque eu pensei que... teve... várias fonos que fosse uma diferente outra...

Iem: sei!

JM: exatamente!... (SI) de.. de... de... de... pra contratar a gente a mesma coisa... outra vez... a mesma coisa... outra vez...

(...)

Cristiane: (...) eles vão pra procurar fisioterapia... na maioria das vezes lá né?... e assim é uma expectativa muito grande... em cima de... do fisioterapeuta... do profissional... assim: “eu estou indo lá para voltar a andar... ou... para voltar a ter o movimento da minha mão... da minha perna”... acho que é essa a expectativa... quem tem afasia... também deve existir assim né?: “será quão e eu volto a falar?... eu pretendo...”

JM: não sei se é... se é... eu esperava que... o afásico... esteja uma... esteja outra... que é mais afásico... que é menos... que é mais afásico que... que..

Iem: que evoluísse?

JM: é... exatamente!

(...)

DADO 33:

Contexto: No encontro do dia 26.08.2004, o grupo conversava sobre as notícias ocorridas durante a semana, quando Iem chega atrasada ao encontro e **JM** decide questionar **MS** a respeito de sua produção lingüística “*maravilha*”.

(...)

((Iem entra na sala))

SI: olah lá...

Todos: o:::

SP: fora fora fora fora fora fora

Irñ: fora... ((risos))

Ijc: seu Silvano mandou ela pra fora...

Iem: tudo bom gente? nao deu pra eu chegar mas tudo bom?... não pude chegar mais cedo...

((cumprimenta todos))

MS: maravilha maravilha

JM: maravilha... porque porque você conhece maravilha... nao

MS: é... é... maravilha

JM: só... antes você nao falava lá...

MS: muito... o::: ma-ra-vi-lha

Ihm: antes ele quer saber se você falava muito maravilha
MS: nao
Ihm: é de agora
JM: antes você nao falava?
NS: maravilha
Iem: o que que é maravilha?
Ihm: então nao o seu Madeira perguntou porque o Serra usa a palavra maravilha muito porque que ele fala muito ele perguntou se antes da afasia ele também falava muito a palavra maravilha
Iem: falava né?... o Serra você falava a palavra maravilha
MS: nada
JM: nao antes antes antes
NS: falava antes antes antes
MS: nao
JM: nao
Ihm: isso é uma coisa que apareceu agora
Iem: o senhor acha acha por exemplo que pra se referir para alguma coisa que..
NS: é
Iem: que aprecie muito né?quando fala ah jóia
JM: é... isso isso
Iem:tem costume quando fala ah joia...
NS:é
JM: mas ele fala maravilha maravilha maravilha
Ijc: ah eu acho legal que a palavra maravilha pode ser muitas coisas né...
JM: é pode ser... varias coisas
Ijc: e depende da forma como ele fala
MS: isso
Ijc: maravilha maravilha
Iem: para comunicar varias coisas diferentes..
Ijc: é
JM: isso
MS: maravilha ó ó
Iem: [quando nao tem muita possibilidade você...
Ijc: ele usa uma palavra coringa...
((risos))
Ihm: claro pode ser ate sim
Iem: claro usa direito
Ijc: por exemplo ma-ra-vilha... quer dizer que não é bom
(..)

DADO 34:

Contexto: No encontro do dia 25.03.2004, o grupo conversa suas dificuldades com a linguagem após terem o AVC.

(...)

MN: quantos anos você começou a falar

MG: quantos qu...e co...meçou a **cabalar**?

NS: falar

((todos dizem: é))

NS: eu sei eu sei...mas eu

JM: [quantos anos... depois... quanto tempo você começou a falar?

(...)

MN: [[eu falava.. mas não sabia o que que eu errava... eu não sabia o que que eu errava... e aí por que que eu não posso falar... falava para o meu filho (SI) por que eu eu não posso falar...

SP: [é duro eh... (isso) eu também

MN: por que eu não sabia o que tinha acontecido]]

((Neste momento, se encerra o diálogo entre **MN** e **SP**. Iem entra na sala, cumprimenta **JM** e sai))

(...)

DADO 35:

Contexto: No encontro do dia 11.11.2004, o grupo escrevia uma carta à Iem que se encontrava na Argentina, quando Irn e Ihm sugerem comemorar o aniversário de **SI**, **MN** então, questiona a escrita da palavra *hoje*.

(...)

Irn: eu tô sugerindo que a gente deveria

Ihm: [comemorar o aniversário

Irn: comemorar o aniversário da....**SI** que foi antes de ontem né **SI**?

Ihm: ah hoje

Irn: ho-je

MS: co-meçamos a

MN: hoje e com gê ou com gue?

Irn: hoje é com...gê ou jota?

MS: jota

NS: jota

Ihm: jota né N

MG: parabéns viu ((risos))

(...)

Irn: você vai provocar a Dudu até lá na Argentina

MS: é é ((risos))

Ihm: ah então escreve assim M manda dizer ((risos))

MS: M manda...dizer

Ihm: ou M diz

MN: o quê?

MG: que o PT ((**MS** ri))

Irn: o PT ou o doutor Hélio?

MS: não o PT

Irn: o PT

MN: são sei falar

Ihm: é só escrever o P e o T ((pausa)) tá bom

MN: está

MS: ah...está (3s)

MN: que o PT

MG: está fazendo

MS: está fazendo ah...

Irn: [festa?

MS: não

Irn: está fazendo o quê?... você mesmo falou que estava comemorando não era isso?

(...)

DADO 36:

Contexto: No dia 16.10.2003, o grupo combinava um passeio. JM levou uma revista com lugares turísticos de Campinas para decidirem aonde iriam passear. JM, então lê algumas reportagens que continham na revista sobre alguns lugares.

(...)

Ihm: é uma abreviação de um programa... não é isso?... que tem lá... de uma... é como se fosse uma... é uma associação?

JM: //continuou a leitura// “as crianças e professores estudantes... a pessoas que... é... de comunidades **antigas**... né?”... não... **por que que fui falar ‘antiga’?** //dirigiu-se a Iet//

Ihm: comunidades antigas?

JM: não... eu...

Ihm: ah!... por que que o senhor falou o ‘antiga’?

JM: **é!... pode... eu falei ‘antiga’...** //sinalizou que a palavra não estava escrita no texto//

Ihm: ah!... vai ver que o senhor lembrou de alguma coisa quando o senhor leu aí...

(...)

DADO 37:

Contexto: No encontro do dia 18.03.2004, o grupo conversava sobre as dificuldades que alguns afásicos enfrentam no cotidiano, principalmente aqueles que não teriam apoio familiar ou social.

Iem: sente insegurança pra conversar pra falar porque não se comunica direito sente né::

EF: ow ow...

Ihm: nem a família?

NS: afasta né?

Iem: oi?

NS: afasta né?

Ihm: afasta

Iem: (SI) porque é comum ((falha no CD))

JM: as vezes eu quero falar as vezes não alcança falar

Iem: as vezes as pessoas tomam a palavra não conseguem terminar de falar...

DADO 38:

Contexto: No encontro do dia 18.09.2003, o grupo ao combinar uma viagem à Holambra, relembra a última viagem feita à cidade, assim como os presentes que haviam comprado durante o passeio.

(...)

EF: [vite idetos queteso]

Iem: o ingresso?

EF: não o:...

NS: cinqüenta

Iem: o Seu **EF**... seu **EF** está falando do ingresso?

EF: não não

Iem: então desculpa... não entendi

EF: a...

NS: cinqüenta

Iem: quinhentos

[**EF:** quinhentos]

MG: ah é... quinhentos que:::

SP: quinhentos?

MG: ah ba va

Iem: bom... o senhor não tá falando do ingresso não... é?

EF: não

[**SP:** quinhentos?

MG: tá... quinhentos

SP: ô louco

JM: e que que é... e que que é

EF: o... o... ((faz um gesto para dinheiro))

SP: o que? ((risos))

Iem: quinhentos reais

SP: quinhentos?

JM: não não... não tenho...

Iem: olha... a gente quer saber a que... que se refere esse dinheiro.. alguma coisa porque veja... a gente tá falando do/

EF: não

Iem: ... veja... a gente tá falando do preço do ingresso aí o senhor explicou/

EF: não

Iem: não... veja tô dizendo pro senhor que a gente tá falando do ingresso o senhor escreveu quinhentos a gente imaginou que fosse ... é outra coisa?

EF: é

Iem: o senhor tá falando de Holambra ainda?

EF: é

Iem: de Holombra ainda?

EF: idétos

Iem: então a gente não tá sabendo a que se refere esse quinhentos

JM: tá louco... não é... não é

NS: quinhentos

((**EF** repete o gesto que representa dinheiro))

Ijt: é... o que que é esse valor aí não né... não é

Iem: não... a gente entendeu que é quinhentos reais... isso a gente entendeu... a gente não tá sabendo seu **EF**... a que se refere esse quinhentos reais

((**EF** faz um gesto indicando todos que estão em volta))

MN: para todos

MG: para todos ... ah então...o senhos vai pagar pra todo nós tá

((todos riem))

Iem: perfeito... então olha... o senhor vai... leva os quinhentos reais

MG: e nós pagamos... ó:: parabéns

((todos riem))

Iem: olha seu **EF** se o senhor não se fizer entender aí nós vamos entender o que cada um quer entender né...

(...)

DADO 39:

Contexto: No encontro do dia 09.09.2004, o grupo olhava uma revista trazida por **MS** e comentava algumas reportagens, quando Ijc chega ao grupo, e durante o cumprimento às pessoas presentes inicia comentários a respeito de seu casamento ocorrido há poucos dias.

(...)

Ijc: a senhora está bem? ((cumprimentando **SI**))

SI: ah!!...parabéns! ((cumprimentando Ijc pelo casamento))

EF: Maria

SI: parabéns ((diringindo-se a Ijc))

((risos de **SI**))

Ijc: obrigada

SI: parabéns...

EF: [[Maria

Ijc: [[a gente...na cerimonia eu pus aliança....mas eu tirei...porque a gente não gosta de usar....mas eu tenho a aliança lá...

EF: [[mêis...

Iet: [[o senhor vai ficar um mês na Bahia?

EF: naum...naumm...

Iet: nao....oh... Ijc...é...ãh.... vamo...me ajuda a tenta...(SI)

((Ijc cumprimenta a todos do grupo))

MS: ma-ra-vi...um...é...é...é...eu...é...é...é...
EF: [ba...bahia...
MS: ...Ca-lli-ga-ris...
Iet: [e aí **MG** (SI)...
Ijc: isso sou eu...
MS: é...
Ijc: é o Contardo Calligaris?
EF: [éta... Bahia
MS: é:::
Ijc: meu parente...
EF: meis
Iet: um mês...não...
Iet: (SI) Juliana
MS: muito....oh...
Ijc: conhece...
MS: oh..maravilha...ó...
((SI))
Iet: (SI)
Ijc: (SI)
Iet: [dona Natália...
EF: Ahía...
Iet: seu **EF** tá tentando dizer.... ó:::...seu **EF** tá tentando dizer algumas coisa...mas eu nao to conseguindo ouvir...
Ijc: [vamu lá...
Ijc: fala seu **EF**
Iet: ham
EF: ah...é::: (3s) Rio Gan-de do Sul
Iet: o Rio Grande do Sul
SI: ah é::: óia...
EF: meo dia
Ijc: meio dia
MG: não...
EF: Ma...Ma-ia
MG: Maria também não pode...
Iet: Maria?
MG: Maria?
EF: uma veiz...
Iet: uma vez...
Ijc: [uma vez...
Iet: já foi ao Rio Grande do Sul... o nome de sua esposa era Maria?
EF: não...
Iet: [não...
EF: Ide...Ma-ia
Ijc: (SI)... Me...é uma cidade?
Iet: não...é um nome de...

Ijc: é um nome de pessoa?

EF: é...

Iet: de...de uma pessoa?

EF: é...ia...Maria

Ijc: Cíntia

EF: Ma-ia...ah...

SI: Maria

((**EF** faz um movimento com o braço para explicar; todos ficam tentando descobrir o que quer dizer))

MG: ah...não sei...

Iet: não

Ijc: [que escrever...

Iet: é uma pessoa do Rio Grande do Sul?

EF: é...

Iet: uma pessoa de lá...ah não é a Xuxa...Maria da Graça?

EF: [não... não

MS: na... não....

Iet: Maria da Graça...

MS: ah...

EF: ah...

Iet: Maria...

MS:ah...

Ijc: pode ser...

EF: ah...é...

Ijc: o senhor foi numa... em algum lugar especial...por todo Rio Grande do Sul...é isto

EF: Maria

Ijc: o que...é uma igreja o que...

EF: não...nao...

((risos de SI))

Iet: não é...

MS: pessoa...

EF: é... (SI)

MS: é...

Ijc: é me....eu ia falar pra ele...(SI) todo muito curioso

Iet: não a gente quer saber...

((Iet levanta))

[Ijc: ah o que que é isso...

((risos de SI))

Iet: a gente não ta achando a prancheta...

Ijc: manda ver aí...tá todo mundo muito curioso...

Iet: (SI) ajuda aí...

Ijc: vamu lá...M...

((Ijc auxilia **EF** a escrever na prancheta))

MG: quando o senhor vai?

EF: [Maria

MG: quantos...
Iet: [Santa Maria
Ijc: [Santa Maria
Iet: ah....o senhor foi a Santa Maria...
EF: é...
 ((sinaliza positivamente com a cabeça))
Ijc: [Santa Maria uma vez...
[Iet: ah....o senhor foi a Santa Maria uma vez
 ((**EF** acena positivamente com a cabeça))
 (...)

DADO 40:

Contexto: No encontro do dia 12.08.2004, o grupo comentava sobre as novidades ocorridas durante o período de férias. **SI** leva ao grupo algumas novidades.

(...)
Iem: ta quem que pôs dentadura?
SI: é:: médico não é:::
MS: eu
SI: o é:::: dentista
Iem: ah ta...
SI: e e depois o o:::
NS: é outro agora né?
SI: o:: e o (SI) pagô é:::
Iem: quanto? não sei quanto custa
 ((risos **SI**))
Iem: mais ou menos quanto cinquenta quinhentos
SI: [a eu é:::: e depois e:: **cinco** não... é...
Ijc: quinhentos...
SI: ó ((levanta a mão e mostra cinco dedos))
Iem: esse é o valor do do pagamento que você ta mostrando?
SI: é
Iem: da dentadura?
SI: a dentadura depois o:::
MG: [cinco...
Ihm: [cinco reais?
MG: cinco mil?
SI: ah...
NS: cinco mil não...
Iem: [acho que é muito caro cinco mil
Ijc: [não é muito caro
MG: não acho que sim
SI: [é:: e **cinco**
NS: [não?

Iem: quinhentos reais?
 Ijc: [quinhentos
SI: ah quinhentos reais depois o:::: (SI)
NS: [é? ((apontando para a prancheta que Ijc está nas mãos))
NS: é assim não é? é essa aqui... ((aponta para a prancheta que Ijc segura nas mãos mostrando para **SI**))
 Iem: [ah é? ah tá...
SI: [ó é... ((respondendo **NS**))
 Ijc: é?
NS: é...
 Ijc: é quinhentos...
 Iem: [ah...
NS: quinhentos
SI: [depois (disso) ele falou...
MS: quinhentos ((dirigindo-se para **JM**))
 Iem: [ah foi?
SI: no dia da da...
 Ijc: nossa que caro...
SI: do... dia dos pais...
 (...)

DADO 41:

Contexto: No encontro do dia 04.11.2004, o grupo comentava algumas novidades ocorridas durante a semana e outras que iriam ocorrer. **MG** leva ao grupo algumas novidades suas.

(...)
MG: eu vou para...Í-çem
 Ihm: para onde?
MG: Í-çem
MS: como? ((EF gesticula os braços))
 Ihm: fala pro seu **EF** ele não sabe onde que é
MG: é perto de São José...do (2s) ai
 Irn: São José do Rio
MS: Rio Preto
MG: ISSO
 Iem: chama Içem a cidade?
MG: é
 Iem: tá legal... o que será que tem lá seu **SP**
MG: único **pra** (2s) **pa**...único tio... quinze que eu tenho...de meu...irmão né
MS: é
NS: não uai irmão
 Iem: ele é irmão de alguém...(não é nada seu)...ele é irmão do seu
MG: **cunhado**
 ((alguém diz : não))

Iem: tá irmão do seu pai?

MG: isso

Iem: então seu tio

MG: vai toda a família

Iem: é aniversário dele?

Ihm: [[hum que bacana

MG: não..não vai reunir

SP: tudo tudo aqui perto ((risos de todos))

Ihm: somos todos a família

MG: é cinco (2s) seis

NS: mais cê consegue

MG: cinco

Iem: seis

MG: sete...oito nove

MS: dez

Iem: nove pessoas

MG: isso

Ihm: nove pessoas ou nove famílias

MG: não

Ihm: nove irmãos

MG: nove irmãos

SP: lá...é Rio Preto lá

MG: é

SP: lá lá é perto da...Salime..ela é lá::

MG: [ah é

(...)

Ihm: vai ter uma festa?

MG: não vai sa

Ihm: churrasco assim almoço

MG: é e vai fazer

Ihm: um almoço

MG: é um almoço

Iem: G e lá em Bertioga como foi tudo?

MG: ai...uma chuva danada ((risos de todos))

NS: feliz né

Iem: vai na praia e fica

MG: eu pus (3s) ai aonde que chama (2s) São Joé não

MN: São José

MG: não

Iem: o outro lugar que você foi? ((**MG** acena com a cabeça em sinal de afirmação))

MG: não

Ihm: você quer dizer ali enquanto você tava em Bertioga

MG: é

Ihm...você foi passear em outro lugar

MG: é fui

Irn: São Sebastião?

MG: não foi pra cá

-----→ ((aponta para o lado))

Ihm: Guarujá?

MG: não pra lá

---→ ((aponta para o lado))

Ihm: pro outro lado

MG: não

Ihm: pro lado de Ubatuba ou do

---→ ((aponta para frente))

MG: São Paulo

Ihm: direção a São Paulo...litoral

MG: não

--→ ((faz movimentos circulares na mesa))

Ihm: não é litoral é que Bertioga é São Paulo

MG: é pra lá de...ai

Irn: (Guarujá)

MG: não pra lá...passa primeiro São Paulo depois vem uma cidade mais ou menos pra lá...de Osasco

MS: A:::H

Iem: é esse lugar que você foi ((MS aponta para frente))

MG: é

Iem: mas não é litoral aí?

MG: não

Ihm: você saiu de Bertioga e aí voltou por que tava chovendo é isso?...e foi pra esse lugar

MG: [não nós fomos até a terceira **ibape** ((risos))

Ihm: ah fez fez um passeio

MG: é

Iem: ah que jóia um ônibus cheio de gente e tal

MG: é um ônibus cheio...ah mais uma...depois nós ficamos (2s) é uma...uma **saca...**

--→ ((faz movimentos

circulares na mesa))

Irn:

[(SI)

MG:...não é a (2s) ai

MS: uma semana

MG: não ficamos um dia...agora é é esta ela ca caiu uma dentro do ônibus ((MS e MG riem))

Iem: tá

MG: e ela...nós ficamos um...das cinco da tarde até...de (...)

DADO 42:

Contexto: No encontro do dia 18.09.2003, o grupo comentava sobre a carta postada para **IP**, quando Iem pergunta se o nome de **SM** havia sido integrado à lista de pessoas que iriam viajar para Holambra. **JM** então, não recordando de **SM**, que não estava presente no encontro, pergunta sobre o nome de **SM**.

(...)

Iem: amanhã talvez... jóia... o senhor colocou o nome do **SM**? ((na lista para a viagem))

JM: a **Sandra**?

Iem: **SM**... o senhor lembra do **SM** seu **JM**?

EF: ((faz o gesto mostrando uma pessoa baixa)) ou ou

Iem: o **SM** que é de Capivari... o senhor faz assim mas o **SM** cresceu heim seu **EF**?

JM: ah sei... não é **Renato**?

Iem: não é Renato

MG: não

JM: quem é que chamou Renato aí?

MG: ela e... e

Iem: seu **EF** que falou Renato eu acho

EF: não não ((fazendo um gesto de negação))

Iem: acho que eu ouvi Renato aqui

MG: não

Iem: sei lá... ele falou assim... quem que tá faltando... ele falou Renato não foi?

EF: não ((fazendo um gesto de negação))

Iem: eu entendi... parece que falou... não foi Seu **SP**? Que foi que ele falou? ((todos riem))

EF: não

SP: eu ouvi ouvi Renato

Iem: é... acho que eu também ouvi... (...)

(...)

Iem: isso... né **SI**... quem não tá aqui hoje?o **SM**...

SI: é::: é:::

MG: **Ira**... **Iraura**

MN: **IP**... **IP**

[**JM:** **IP**

(...)

JM: **IP**... tem gente que chamou Iraura

SI: e::: e:::

Iem: **IP**... deu pra entender agora?

SI: e:::

[**MG:** e.. e a dona **Crarice**

JM: **CL**... **CL**

SI: **CL**... **CL**

Iem: o **SM**... **IP** e **CL**.. jóia... tá legal... tá ótimo

[**JM:** então

(...)

DADO 43:

Contexto: No encontro do dia 11.09.2003, o grupo escrevia uma carta à **IP**, quando **JM**, que escrevia a carta, pergunta a **SP** como se escrevia o seu nome.

JM: //dirigindo- se a **SI**// como é que escreve seu nome hein?

SP: Silva:no

Ihm: //repetindo o sotaque francês de **SP**// Silva:no

Ifc: //repetindo o sotaque francês de **SP**// Silva:no

//risos de **EF**, **JM** e **SP**//

JM: Silverse?

Ihm: SILVANO!

JM: Silvano... e...

(...)

DADO 44:

Contexto: No encontro do dia 23.10.2003, Ifc comentava sobre alguns lugares que havia ficado dela ligar, com o intuito de saber mais sobre o lugar, para decidirem onde iriam fazer o passeio.

(...)

Ifc: é... eu liguei... liguei nesse telefone que tem aí na revista e perguntei pra moça como era... a entrada era gratuita... a gente já sabia né?...

JM: é

Ifc: (...) que era de graça... que tem lugar pra piquenique... mas também tem uns quiosques... tipo umas lanchonetezinhas pra quem quiser comprar algumas coisas... ou pra quem quiser comer lá...

Iem: jóia

Ifc: se a gente levar as coisas tem um...

JM: //dirigindo-se a Iem// que número é?... que número é?

Iem: fala **JM**

MG: //dirigindo-se a **JM**// ela... ela //referindo-se a Ifc//

JM: ah! //apontou para Ifc como se dissesse para ela falar//

Ifc: nesse número... aí do lado direito tem um número... aí eu liguei... uma moça que me atendeu

Iem: //dirigindo-se a **JM**// e ela deu a informação que era assim... um zoológico... tinha um lugar pra fazer piquenique... dia SEIS de novembro...

JM: //dirigindo-se a Iem// que **número**... não que nome é? //apontou para **SI**//

MG: //dirigindo-se a **JM**// **Shuzuri**

NS: Shizue

Iem: Shizue... **JM**?... essa é a agenda dela //referindo-se a **SI**//

JM: eu sei

(...)

DADO 45:

Contexto: No encontro do dia 06.02.2003, Iem pergunta à **MN** sobre as atividades que ela realiza no cotidiano, e pergunta se ela faz algum tipo de serviço comunitário juntamente com o Centro Espírita que esta frequenta. **MN** fala sobre a visita ao Itapetininga, que seria segundo sua descrição, um hospital.

(...)

MN: É

Iem: tem o hospital de leprosos... de hanseníase em Ita... Ita... Itatiba?

MN: não.. é **Itapira**

Iem: Itapira... Itapira

MN: não... não é Itapira... não é Itapira é é no... no

JM: Itapetininga?

MN: Itapetininga

JM: ah é?

MN: é é

Iem: o senhor sabia?

JM: não

(...)

DADO 46:

Contexto: No encontro do dia 20.02.2003, o grupo comentava a respeito de alguns lugares que já haviam visitado em outros passeios, quando **JM** pergunta onde **SP** morava.

(...)

SP: mas lá... e.. lá... era... mas ela... tudo tudo

JM: você mora aqui em **São Geral**?

SP: ãh?

JM: você mora aqui em **São Geraldo**

Iem: é Barão Geraldo que fala

JM: ah Barão...

SP: ah... Guará

Iem: ah não é bem Barão Geraldo é um pouquinho pra lá... a gente chama Barão Geraldo tudo mas... só que tem pequenos bairros

(...)

DADO 47:

Contexto: No encontro do dia 19.08.2004, o grupo comenta sobre o quadro de Medalhas das olimpíadas que estava ocorrendo na época.

(...)

Ihm: não porque semana que vem tem as finais de ginástica

MS: Japão

Iem: e em quarto lugar esta o que Aus

SP: **Áustria**

Iem: Áustria?

SP: não não

Iem: não... Aus-trália

Ihm: no quarto

Iem: [no quarto

SP: depois é o Rússia...

(...)

DADO 48:

Contexto: No encontro do dia 09.09.04, o grupo comentava algumas notícias. MG fala a respeito da morte de um homem que estaria ligado a Maria Rita, cantora brasileira.

(...)

Iet: é pode ser outro produtor ou um produtor que

Ijc: [mas mesmo assim (**SI**)

MG: ele tava....não ele tava ce

Ijc: [errado [certo

MG:...certo...apareceu no tor qual...no jornal nacional que ele tinha morrido

Iet: o acidente de moto ((Ijc repete o gesto de estar guiando uma motocicleta))

MG: é

Iet: onde foi isso Rio de Janeiro São Paulo

MS: não não

MG: em **São Paulo**

MS: não não é....é...**em Los Angeles**

MG: isso

Iet: Los Angeles?

MS: é

Ijc: ah Los Angeles...hum

MS: é

Iet: sabia não

Ijc: a é...óia

Iet: então se a gente vai conversar sobre a...(SI) sobre a Elis Regina sobre a Maria Rita na revista Isto é que a Dudu trouxe semana passada...tem uma reportagem sobre MPB da Elis e do Tom...quem tem um...box que tem uma entrevista...com o César Camargo Mariano que é o pai da Maria Rita que foi marido da Elis Regina...e que ele fala (que ela) vai sobreviver né... como vai ser a carreira dela na verdade...depois que elas satisfizer a saudade dos...dos...dos fãs da Elis Regina..eu achei uma declaração meio forte pesada... meio marcada

(...)

DADO 49:

Contexto: No encontro do dia 04.11.2004, **MG** comentava sobre uma viagem que teria feito de excursão, quando iniciam uma conversa sobre agências de viagens e Iem comenta sobre a agência que **MG** tinha antes do AVC.

(...)

Iem: LG foi muito boa viu...muito bem organizado a agência

MS: mamãe e eu a::h

Iem: viajar?

MS: não eu (2s) eu e a mamãe...or-organizado

Iem: [sim [viagens?

MS: a::h é (4s)

-----→ ((aponta para o lado))

Ihm: organizado?

Iem: ele e a mãe dele

MS: eu e a mãe que...coaçu

MG: a::h

MN: Iguaçu

MS: isso

Iem: ah vocês organizaram viagem pra Foz do Iguaçu?

MS: isso isso ((risos)) maravilha

Iem: foi ele a mãe dele

MS: é é

(...)

Ihm...aí o negócio era comprar mas era falsificada né...mas tinha as lojas que falsificava muito bem que eram baratas e falsificava muito bem..que ninguém ia saber no Brasil que era falsificada...então a gente tinha que ir com quem sabia levava lá naquela loja

Iem: mas é falsificada de onde?

MS: (SI) ((risos))...coa...**goraca** não (3s)

Iem: ah...as pessoas compram aqueles produtos do Paraguai...que são muito vantajosos em termos de

MS: [isso

Iem: preços...mas são produto::s..é...que não são originais

MS: [sola-queabana

Iem: então no fundo...ah

MS: [ah ah

Iem: entendi...isso que o senhor sorocabano...senhor está falando de onde eles copiam...eles copiam das marcas tradicionais...então por exemplo se a marca é italiana copiam da Itália se a marca é

MS: [isso [isso

Iem: é isso?

MS: isso isso

Iem: o que tem o sorocabano haver?...é o quê? uma empresa...de viagem

MS: é sura-cabana

Iem: sorocabano que eu conheço é uma empresa de viagem

MS: não

Irn: é o nome do trem que leva as coisas?

MS: não

Irn: por que tem isso também

MS: isso isso

Irn: tem por exemplo...produtos brasileiros bons...originais por exemplo...cigarros....são feitos aqui

MS: [isso

Irn: aqui no Brasil e aqui o imposto é caríssimo...então o que eles fazem...vendem pro Paraguai sem

MS: [sei

Irn: sem imposto...vendo pro Paraguai o cigarro sem imposto

Iem: [[e lá você pode comprar

Irn: [[e lá você compra cigarro sem imposto...você compra o mesmo cigarro que é feito aqui mas sem

MS:

[isso

(...)

DADO 50:

Contexto: No encontro do dia 11.11.2004, o grupo comenta algumas novidades ocorridas durante a semana, quando Ifc fala de sua viagem para Florianópolis, num congresso, quando SI pergunta seria Ifc.

(...)

SI: quem é Fernanda

Ihm: a Fernanda aqui

Ifc: eu fui pra um congresso e trouxe na mala dona **SI**...um surfista

SI: ah é ah

Ihm: por que ela...lembra que a semana passada ela tava lá no sul num congresso sé que no congresso

SI: [ah é

MS: ah ah **Ádria**

-----→ ((aponta pra Ifc))

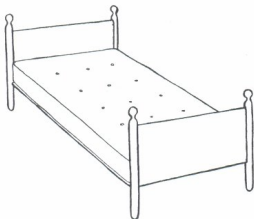
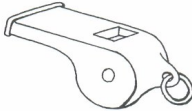
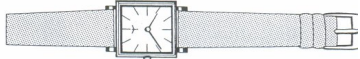
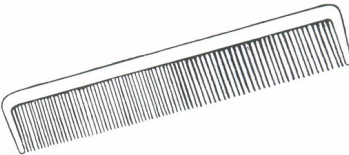
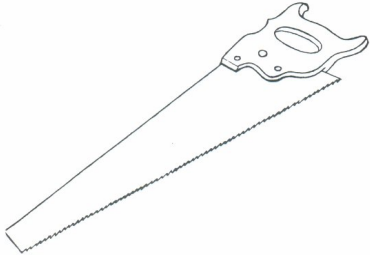
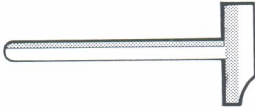
((Todos falam Iria))

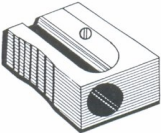
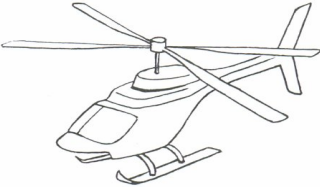
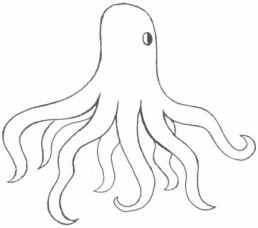
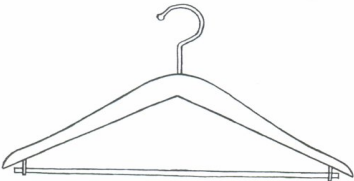
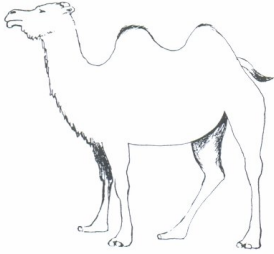
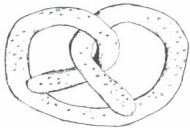
MS: isso isso

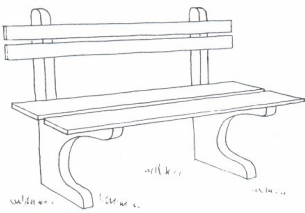
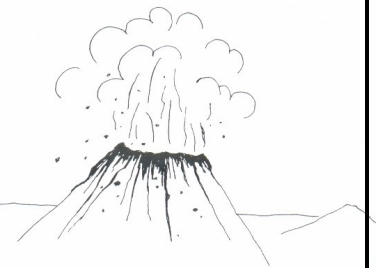
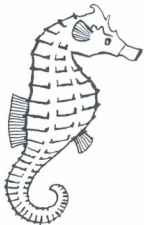
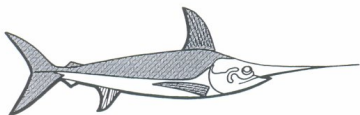
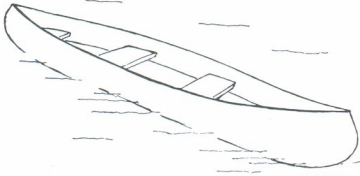
Ihm: a Iria já veio semana

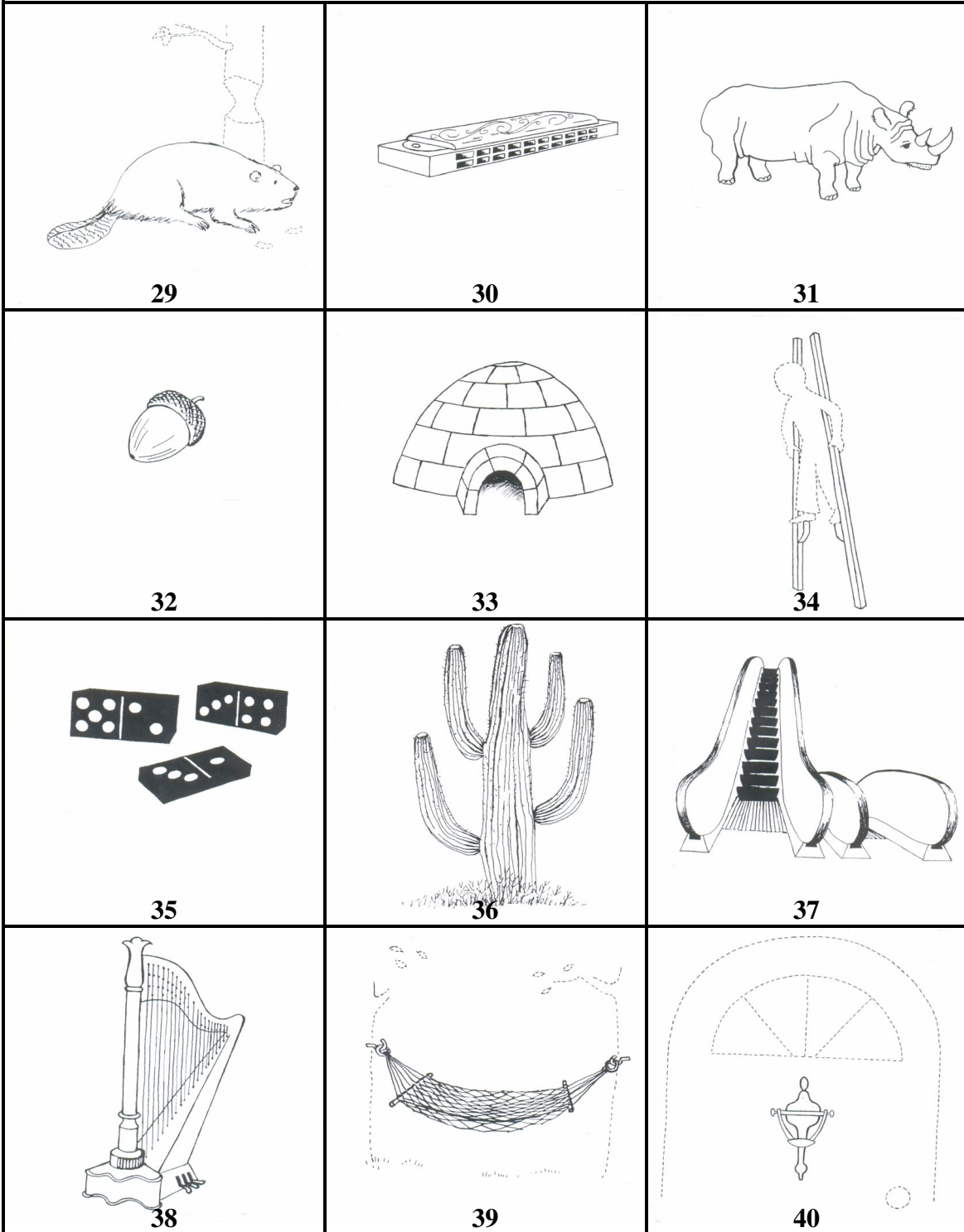
(...)

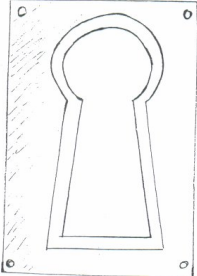
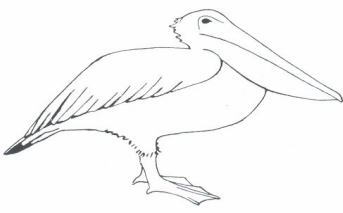
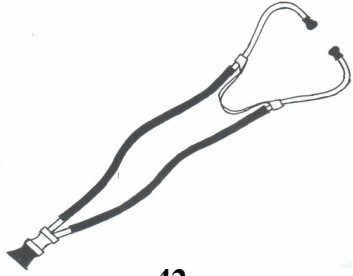
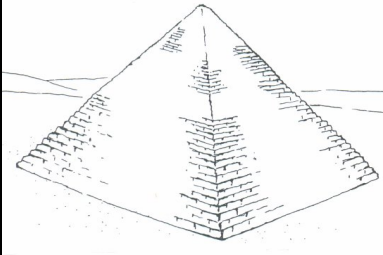
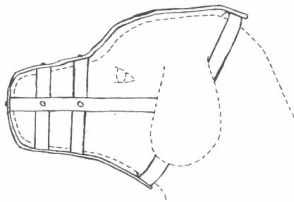
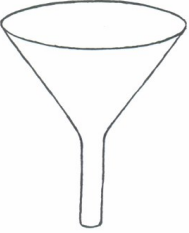
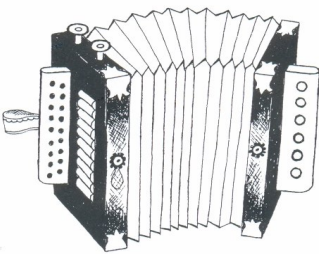
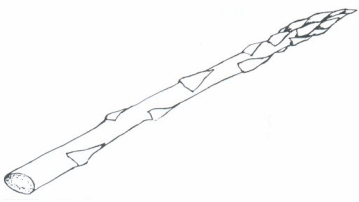
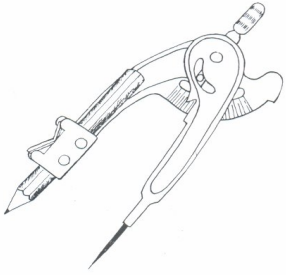
ANEXO VI
FIGURAS DO TESTE DE VOCABULARIO DE BOSTON
(Kaplan, Goodglass & Weintraube, 1983)

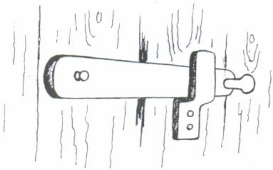
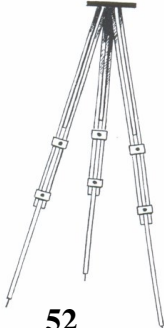
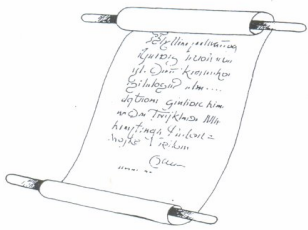
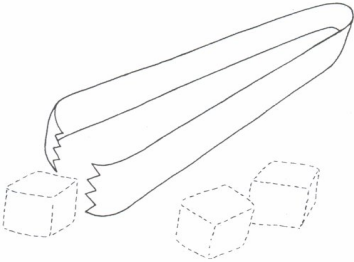
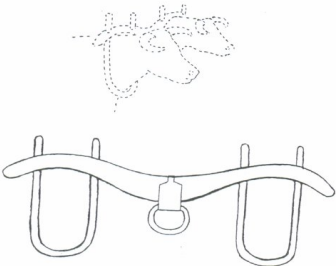
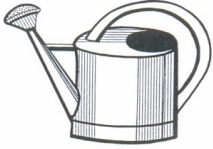
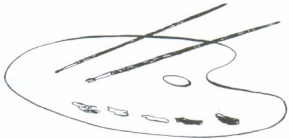
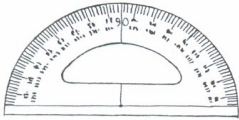
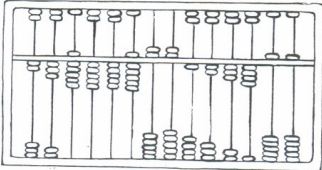
 1	 2	 3
 4	 5	2ª Edição Teste  5
 6	 7	 8
 9	2ª Edição Teste  9	 10

2ª Edição Teste  10	 11	 12
 13	 14	2ª Edição Teste  14
 15	 16	2ª Edição Teste  16
 17	 18	 19

2ª Edição Teste  19	 20	 21
 22	 23	 24
 24	 25	 26
 27	 28	2ª Edição Teste  28



2ª Edição Teste  40	 41	 42
 43	 44	 45
 46	 47	 48
2ª Edição Teste  48	 49	 50

	2ª Edição Teste 	
51	51	52
		
53	54	55
		
56	57	58
2ª Edição Teste 		
58	60	